

Este volume contém:

Sigmund Freud

Além do princípio de prazer / Jenseits des Lustprinzips (1920)

Dossiê

Para ler o *Além do princípio de prazer*

Carlos Roberto Drawin

Cleyton Andrade

Eduardo Ribeiro da Fonseca

Ernani Chaves

Fátima Caropreso

Gilson Iannini

Heloísa Bedê

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Marcus Vinícius Silva

Pedro Heliodoro Tavares

Richard Theisen Simanke

ALÉM DO PRINCÍPIO
DE PRAZER

Organização

Gilson Iannini

Prefácio

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Gilson Iannini

Prólogo

Ulrike May e Michael Schröter

autêntica
www.autenticaeditora.com.br

ISBN 978-65-88239-00-1



9 786588 239001

FREUD

ALÉM

autêntica

OBRAS INCOMPLETAS DE SIGMUND FREUD

Freud

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

[JENSEITS DES LUSTPRINZIPS]

EDIÇÃO CRÍTICA BILÍNGUE

SEGUIDO DO DOSSIÊ

Para ler *Além do princípio de prazer*

Posfácio

Marco Antonio Coutinho Jorge

Tradução e notas

Maria Rita Salzano Moraes

Edição
comemorativa
do centenário
(1920-2020)

autêntica

Há um antes e um depois na história da psicanálise. O divisor de águas é justamente *Além do princípio de prazer*, o ensaio mais fascinante e mais desconcertante da obra de Freud. Nele, são introduzidos conceitos que marcaram época, como Eros e pulsão de morte. Como pensar fenômenos como a repetição de sonhos ruins, a persistência de lembranças de experiências dolorosas, nosso fracasso em nos desvencilhar de nossos sintomas, nossa dificuldade de nos livrarmos do desprazer? Numa argumentação vertiginosa, Freud analisa experiências aparentemente desconexas, como o jogo de uma criança pequena de lançar objetos longe e às vezes recuperá-los, os sonhos traumáticos de neuróticos de guerra, a impressão de estarmos repetindo cegamente um destino que nos escapa, como amantes que, com pessoas diferentes, passam pelas mesmas fases e chegam ao mesmo desfecho, amizades que terminam em traição ou ingratidão etc. A análise minuciosa desses fenômenos culmina com a revisão de um dos fundamentos teóricos mais centrais da psicanálise, a primazia do princípio de prazer. Não por acaso, *Além do princípio de prazer* cindiu o movimento psicanalítico.

Ao contrário da beleza tranquila da maioria dos manuscritos freudianos, *Além do princípio de prazer* foi escrito de forma descontínua, na ressaca da Primeira Grande Guerra e durante a “gripe espanhola”, que vitimou Sophie, filha de Freud.

A presente publicação é a primeira edição crítica bilíngue de um texto de Freud



ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

[JENSEITS DES LUSTPRINZIPS]

OBRAS INCOMPLETAS DE **SIGMUND FREUD**

Sigm. Freud

**ALÉM DO PRINCÍPIO
DE PRAZER**

[JENSEITS DES LUSTPRINZIPS]

EDIÇÃO BILÍNGUE, COMEMORATIVA
DO CENTENÁRIO (1920-2020)

SEGUIDA DO DOSSIÊ
**PARA LER
ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER**

1ª reimpressão

TRADUÇÃO E NOTAS
Maria Rita Salzano Moraes

EDIÇÃO
Gilson Iannini

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Pedro Heliodoro Tavares

autêntica

Copyright da organização © 2020 Gilson Iannini

Título original: *Jenseits des Lustprinzips*

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITOR DA COLEÇÃO
Gilson Iannini

EDITORAS RESPONSÁVEIS
Rejane Dias
Cecília Martins

ORGANIZAÇÃO
Gilson Iannini

NOTA EDITORIAL
Gilson Iannini
Cristiana Facchinetti

REVISORES CONVIDADOS
Cleyton Andrade, Eduardo
Ribeiro da Fonseca, Fátima
Caropreso, Frederico
Feu de Carvalho, Laura
Rubião, Marco Antonio
Coutinho Jorge, Marcus
Vinícius Silva, Vinícius
Moreira Lima

CONSULTORIA CIENTÍFICA
Ernani Chaves, Frederico
Feu de Carvalho, Marco
Antonio Coutinho Jorge,
Richard Simanke

REVISÃO DE TEXTO
Aline Sobreira
Cecília Martins

PROJETO GRÁFICO
Diogo Droschi
(sobre imagem de
Sigmund Freud's Study –
Authenticated News)

CAPA
Alberto Bittencourt

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939

Além do princípio de prazer = [Jenseits des Lustprinzips] / Sigmund Freud ; tradução e notas Maria Rita Salzano Moraes ; revisão de tradução Pedro Heliodoro Tavares. -- 1. ed.; 1. reimp.-- Belo Horizonte : Autêntica, 2020. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud / coordenação Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares)

"Seguida do dossiê: Para ler *Além do princípio de prazer*"

Edição bilingue: português/alemão

"Edição bilingue, comemorativa do centenário (1920-2020)"

ISBN 978-65-88239-00-1

1. Princípio de prazer (Psicologia) 2. Psicanálise I. Moraes, Maria Rita Salzano. II. Iannini, Gilson. III. Tavares, Pedro Heliodoro. IV. Título. V. Título: Jenseits des Lustprinzips. VI. Série.

20-40124

CDD-150.1952

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise freudiana : Psicologia 150.1952

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420

Silveira . 31140-520

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional

Horsa I . Sala 309 . Cerqueira César

01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br

7 Prefácio

Luiz Eduardo Prado de Oliveira e Gilson Iannini

21 Para introduzir *Além do princípio de prazer*

Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares

37 Prólogo

Ulrike May e Michael Schröter

39 Pequeno guia visual:

Além do princípio de prazer em camadas

Gilson Iannini

49 Legenda

51 Edição crítica: modo de usar

57 Jenseits des Lustprinzips /

Além do princípio de prazer (1920)

221 Para ler *Além do princípio de prazer*

Gilson Iannini

225 Fontes psicanalíticas:

pequeno atlas de referências freudianas

Cleyton Andrade, Eduardo Ribeiro da Fonseca,
Fátima Caropreso, Gilson Iannini, Heloísa Bedê,
Luiz Eduardo Prado de Oliveira, Marcus Vinícius Silva,
Pedro Heliodoro Tavares e Richard Theisen Simanke

- 303 Fontes filosóficas:
Platão, Schopenhauer, Nietzsche
*Carlos Roberto Drawin, Cleyton Andrade, Eduardo
Ribeiro da Fonseca, Ernani Chaves e Gilson Iannini*
- 369 Fontes científicas:
“Um reino de possibilidades ilimitadas”
Richard Theisen Simanke
- 443 Fontes literárias:
subtexto, suplemento e paradigma
Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares
- 479 Posfácio:
Incidências clínicas: “O terceiro passo de Freud”
Marco Antonio Coutinho Jorge

PREFÁCIO

Luiz Eduardo Prado de Oliveira
Gilson Iannini

o-o-o-o!

Da!

Ernst Wolfgang Halberstadt

Fort!

Da!

Sigmund Freud

Quando o visitante adentra a antiga casa de Freud, na rua Berggasse, número 19, no nono distrito de Viena, hoje Museu Sigmund Freud, na sala de espera, à direita, onde os visitantes deixam seus pertences, verá um cabide e, nele, bengala e chapéu. A sala hoje em dia encontra-se protegida por uma parede de vidro. O chapéu é o último vestígio do *fort-da* na vida póstuma de Sigmund Freud. Pelo menos é o que sugere a falecida psicanalista e historiadora que chama nossa atenção para as peças indumentárias do ilustre homem e sua situação protegida, sublinhando que nem sempre foi assim (MARINELLI, 2009). Outrora, chapéu e bengala ficavam ao alcance do público, que podia guardar seus próprios chapéus e bengalas juntos aos do antigo ocupante do apartamento.

Foi assim pelo menos até o dia 31 de julho de 1977, quando o chapéu desapareceu. Quando o guardião do museu percebeu, horrorizado, seu desaparecimento, avisou imediatamente à direção do estabelecimento, e esta, às autoridades, porém nada mais podia ser feito. Um visitante, um homem – o desenrolar dos fatos mostrará ter sido

um norte-americano – havia surripiado o chapéu. Àquela altura, só restava acionar o seguro, que, prontamente, em dezembro do mesmo ano, ressarcia 12 mil *schillings* austríacos ao museu, valor bem superior ao preço de um chapéu similar no mercado local, mas justificado por se tratar de item pertencente a seu antigo dono. No momento em que adquiriu valor por sua ausência, o chapéu deixou de ser objeto cotidiano banal e tornou-se ícone, significante em cadeia de outros significantes, peça de museu.

Longe, muito longe, continuava, a levar sua vida de chapéu, ornando e esquentando indelicada cabeça que cometera o crime, com ela deambulando por Nova York, como hoje o sabemos, onde o visitante, incauto ladrão, para seu solitário e discretíssimo gozo próprio, às vezes o usava, ousava usá-lo. Até que um dia ligou as inquietantes sensações que lhe surgiam no corpo à excessiva intimidade física que compartilhava com o falecido proprietário do agora célebre chapéu. Aconselhado pelo analista a quem se confiou, preparou esmerado pacote, ao qual acrescentaria ainda carta de explicações, pedido de desculpas etc. Confiando no correio de seu país, enviou tudo ao museu de Viena, que nesse meio-tempo não deixara de realizar sua função própria, alardeando a perda que sofrera. O chapéu desaparecido voltava assim a seu ponto de origem, dessa vez, porém, passando a ser devidamente protegido. A rigor, o episódio não constitui exatamente um roubo, talvez um indelicado empréstimo, um comodato não autorizado, unilateral, que fez desaparecer e reaparecer o chapéu. Isso o reaproxima de outros objetos que conheceram percursos similares, como a célebre carta cujo destino é narrado por Edgar Allan Poe, comentado e reescrito por Jorge Luis Borges, antes de ser retomado por Jacques Lacan (cf. OLIVEIRA, 2019).

Nesses 100 anos desde sua publicação, em 1920, o trajeto de *Além do princípio de prazer* guarda insólitas afinidades com a história do chapéu. Texto mais controverso no conjunto não menos controverso da obra de Sigmund Freud, o *APP* – como carinhosamente nos referiremos a ele nesta edição – foi, desde o início, um objeto que apareceu, que desapareceu, mesmo estando diante dos olhos de seus leitores, que reapareceu, que foi lançado longe ou agarrado com força. Esses movimentos todos foram, quase sempre, acompanhados de gritos ou de sussurros, fossem eles de regozijo, de rejeição, de surpresa. Especulativo demais, excessivamente biologizante, contaminado pelas experiências de luto de seu autor, inútil para a prática clínica: tudo isso foi dito e redito sobre o *APP* ou sobre sua inovação teórica maior, o novo dualismo entre Eros e pulsão de morte. Ao longo desses 100 anos, o texto foi visto como o *turning point* da teoria psicanalítica, mas também como o “início do fim da psicanálise” (cf. MAY, 2013, p. 208), na medida em que a sexualidade, ao ser subsumida sob o signo unificador de Eros, perderia sua força daimoniaca,ⁱ desde então realocada sob a égide da pulsão de morte. Com efeito, desde sua formulação canônica, a pulsão de morte foi sobejamente rejeitada por toda uma geração de psicanalistas, inclusive alguns dos integrantes do círculo mais próximo de Freud, antes de ser entusiasmadamente incorporada por psicanalistas como Melanie Klein, depois novamente rejeitada – por motivos opostos – por Erich Fromm ou Herbert Marcuse, afastada por Heinz Hartmann, reformulada e alçada a modelo da própria pulsão por Jacques Lacan, desqualificada por Donald Winnicott, antes de ser ressexualizada por Jean Laplanche

ⁱ Sobre o “daimoniaco”, ver o capítulo “Fontes literárias” (neste volume, p. 446–451).

ou ainda absorvida criticamente na filosofia de autores tão diversos como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Slavoj Žižek ou Judith Butler, entre outros.ⁱ

A sinuosidade desse trajeto já justificaria a comparação com o vaivém, com esse *fort-da*, do chapéu roubado de Freud. Mas isso não é tudo.

Fort!

“A angústia enquanto tal deve ser examinada do ponto de vista da vida pulsional. Não há pulsões isoladas. A pulsão sexual sempre aparece acompanhada de outras duas pulsões: a de vida e a de morte. A pulsão de vida e a pulsão sexual são frequentemente identificadas uma à outra (gozar a vida)” (CHECCHIA, 2015, loc. 3431). O leitor contemporâneo não teria dificuldade em afirmar que essa passagem certamente é posterior a 1920, pois conhece a certidão de nascimento da pulsão de morte. De que texto seria? *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926? *O mal-estar na cultura*, de 1930? *O Compêndio de psicanálise*, de 1939? Talvez ele descubra, surpreso, que o que acabou de ler seja a minuta registrada por Otto Rank da reunião ocorrida na Berggasse 19, na noite de 24 de abril de 1907, nas famosas reuniões das quartas-feiras. Naquela noite, o Dr. Wilhelm Stekel apresentaria a conferência “Psicologia e

patologia da neurose de angústia”. Conforme anota o competente secretário, Stekel “parte do sonho de uma paciente em que a sexualidade e a morte se fundem de modo claro; nele aparece um homem que é *Eros* e *Tânatos* em uma só pessoa. Temos de aceitar a tese de que toda angústia é angústia em relação à morte” (CHECCHIA, 2015, loc. 3400). Ao concluir, Stekel afirma que “a neurose de angústia é o jogo entre a pulsão de vida e a pulsão de morte [*Todestrieb*]” (loc. 3434). Na calorosa discussão que se segue, Paul Federn pondera: “a pulsão de morte não é algo originário; ela é, antes, uma fuga à angústia: o desejo de morte [*Todeswunsch*] é uma consequência da angústia relacionada à morte [*Todesangst*]” (loc. 3434). Por sua vez, Hitschmann confessa que a intervenção havia bagunçado tudo que sabia e acrescenta que a pulsão de morte era incompreensível para ele, sendo seguido por outros. Wittels acrescenta que “a ideia de que a pulsão de morte acompanha o amor é tão velha quanto o mundo” (loc. 3477). Distinguindo angústia normal e angústia neurótica, Freud, anota Rank, “invalida a afirmação de que toda angústia está relacionada à morte [*Todesangst*]” (loc. 3512). Ao fim e ao cabo, Stekel recua, admite contradição e a atribui à “escolha infeliz da palavra”, embora mantenha que “o conceito não é tão injustificado” (loc. 3460).

É bastante provável que essa seja a primeira ocorrência explícita do termo “pulsão de morte” na história da psicanálise. Pelo menos, é a primeira ocorrência textual registrada de que temos notícia. Mas ela não terá sido a única. Antes de receber sua elaboração teórica padrão em *Além do princípio de prazer*, a pulsão de morte, ou seus cognatos próximos, fizeram movimentos de ir e vir, significativamente mais frequentes do que a história oficial da psicanálise viria a consagrar. “Pulsões de agressão”, “impulso para a morte”, “instinto de morte” eram termos frequentemente debatidos,

ⁱ Maneira sutil de desqualificar a relevância psicanalítica do *APP* é valorizar exclusivamente seu interesse filosófico, diluindo sua pertinência como contribuição à “filosofia continental”, como faz Todd Dufresne em sua edição. O que em nada tira o mérito da edição, traduzida competentemente por Gregory Richter, e que traz ainda, como apêndices, extratos de textos de autores como Schopenhauer, Nietzsche, Fromm, Lacan, Deleuze, Derrida, Laplanche, Butler ou Žižek, entre outros. Dufresne dedica sua parte do trabalho a Mikkel Borch-Jacobsen: pelo menos, não se trata de erro de boa-fé, que seria mais difícil de perdoar (*Beyond the Pleasure Principle*. Ed. and intro. T. Dufresne. Trans. G. Richter. Peterborough: Broadview Books, 2011).

propostos principalmente por Alfred Adler, August Stürcke ou Sabina Spielrein. De maneira geral, respondiam a necessidades teóricas colocadas por fenômenos ligados à angústia, à agressividade, ao sentimento de culpa etc. Mas essas discussões não se restringiam às famosas reuniões da “Sociedade Psicológica das quartas-feiras”. Basta lembrar o que Lou Andreas-Salomé registra em seu *Diário*, na noite de 10 para 11 de setembro de 1913. Sob o título “Com Ferenczi”, ela escreve três vezes a palavra “*Todestendenz*” (tendência para a morte): “No fundo, nossas concepções são tão opostas que chegam quase a se juntar. Tudo que Ferenczi chama dentro de suas concepções ‘tendência para a morte’ pode também ser chamado de ‘tendência para a vida’, sem que nada mude, fora do ponto de vista pessoal” (ANDREAS-SALOMÉ, 1970, p. 402-404).¹

Não raro, Freud e sua pequena comunidade psicanalítica buscava explicar tais “anomalias” no interior do “paradigma” metapsicológico até então prevalecente, enfatizando a prevalência de etiologias sexuais para conflitos psíquicos, conservando, portanto, a primazia do princípio de prazer-desprazer no funcionamento psíquico. Tudo parecia funcionar segundo a dinâmica “normal” de comunidades científicas: debate de casos clínicos, objeções e respostas, disputas, acomodações, consensos, jogos de força, mestria etc. Ao mesmo tempo, Freud e Ferenczi compartilhavam a fantasia comum apelidada por eles de “projeto Lamarck”, que consistia numa tentativa de conquista psicanalítica da biologia. Concretamente, Freud encomenda a Ferenczi resenhas de trabalhos científicos de ponta da época, que, aliás, constituem algumas das principais

¹ Para mais detalhes sobre todas essas discussões, consultar os verbetes correspondentes, neste volume. A discussão sobre a passagem do *Diário* de Lou Andreas-Salomé encontra-se no verbete sobre Ferenczi.

referências mobilizadas no famoso capítulo VI do *APP*. Mas nada disso tira o caráter inovador da concepção apresentada por Freud em 1920, de resto bastante distinta da maioria daquelas propostas por seus precursores. Nada disso diminui a originalidade da pulsão de morte *freudiana*, apenas esvazia a narrativa heroica que a envolve.

O conceito freudiano de pulsão de morte é introduzido, em 1920, no capítulo VI do *APP*. Desde o início, sua recepção foi, no mínimo, controversa. Não demorou muito. Em biografia lançada em 1924, Fritz Wittels inaugurou a polêmica: enlutado pela morte prematura de sua filha Sophie e ainda assombrado pelos horrores da guerra, Sigmund Freud, ao formular o conceito de pulsão de morte, teria se deixado contaminar pelas agruras que sofrera. O próprio Freud escreve a Wittels contestando sua interpretação e sugerindo correções:

Sem dúvida, se eu mesmo estivesse analisando outra pessoa sob tais circunstâncias, deveria ter presumido a existência de uma conexão entre a morte de minha filha e a linha de pensamento de *Além do princípio de prazer*. Mas a inferência de tal sequência teria sido equivocada. O livro foi escrito em 1919, quando minha filha ainda gozava de excelente saúde. Ela morreu em janeiro de 1920. Em setembro de 1919 eu havia enviado o manuscrito desse breve livro para que fosse lido por amigos em Berlim. Ele estava concluído, salvo a discussão quanto à mortalidade ou imortalidade dos protozoários. O que parece verdadeiro nem sempre é a verdade (FREUD, [1924] 1961, p. 287).

As alegações de Freud são verdadeiras, mas apenas parcialmente. Afinal, nem sempre é a morte que desencadeia um luto. Ou a separação de suas filhas, Mathilde e Sophia, não o acompanhou durante a redação de *O motivo da escolha dos cofrinhos* ([1913] 2015), determinando “sua condição

subjetiva”?ⁱ Além disso, que manuscrito é esse que teria sido lido por amigos em Berlim? Que amigos seriam esses? O que o manuscrito inacabado efetivamente continha antes da morte de Sophie e o que teria sido acrescentado posteriormente? Em que medida as elaborações posteriores a janeiro de 1920 poderiam ser atribuídas ao luto ou invalidadas por isso? Todas essas questões permaneceram em aberto durante décadas, produzindo todo tipo de especulação a respeito. Mas o manuscrito tinha desaparecido: o-o-o-o! Pelo menos era o que parecia.

Da!

Pesquisando os arquivos da Biblioteca do Congresso em Washington D.C., Ilse Grubrich-Simitis descobriu não apenas uma, mas duas versões do manuscrito de *Além do princípio de prazer*. A história dessa descoberta foi relatada pela autora em 1993, no seu célebre *De volta aos textos de Freud* (1993; ed. bras. 1995). O catálogo da biblioteca, hoje acessível *on-line*, define os dois itens com precisão: “*holograph manuscript*” e “*holograph and typewritten manuscript, bound*”.ⁱⁱ O primeiro continha seis capítulos, distribuídos em 34 folhas duplas, com todas as características formais de um texto acabado de Freud, com direito a “tipografia festiva” nos títulos e fermata ao final; o segundo, encadernado em papel couché marrom, continha a transcrição datilografada do primeiro texto, acrescida de “inúmeras correções escritas à mão, em bilhetes e folhas adicionais” (GRUBRICH-SIMITIS, 1993, p. 190), já com sete

ⁱ Conforme carta a Ferenczi, datada de 9 de julho de 1913.

ⁱⁱ Sigmund Freud Papers: Oversize, 1859-1985; Writings; 1920; “Jenseits des Lustprinzips” [g]; Holograph manuscript [Manuscript/Mixed Material]. Disponível na Library of Congress: <bit.ly/3mL6Okj> e <bit.ly/2ROiqFr>.

capítulos. O capítulo adicional foi escrito à mão e inserido na versão datilografada, intercalado entre os capítulos 5 e 6 da primeira versão. Os acréscimos da segunda versão são substanciais, fazendo o ensaio quase dobrar de extensão.ⁱ Ao que tudo indica, o processo de elaboração do texto foi feito em pelo menos duas etapas, prologando-se desde março de 1919 até julho ou agosto de 1920 (MAY, 2015). A versão manuscrita foi redigida em poucas semanas, entre março e abril de 1919; as reelaborações do material, por sua vez, parecem ter se estendido por cerca de um ano, de forma descontínua, de julho de 1919 até julho de 1920. Comparando as duas primeiras versões, podemos tirar algumas conclusões.

A primeira versão manuscrita já continha a principal descrição do jogo do *fort-da*,ⁱⁱ mas não continha nem a pulsão de morte nem Eros. Além disso, Ulrike May resalta outras duas importantes características do primeiro manuscrito. Primeiramente, Freud está sozinho, por conta própria (MAY, 2015, p. 223). Não há recursos maiores à filosofia nem à biologia. Apenas alguns nomes são mencionados.ⁱⁱⁱ Não há menções a Platão, Schopenhauer, Fechner, Weismann, Lipschütz ou Fließ (MAY, 2015, p. 223), todas acrescentadas *a posteriori*. Mas o mais importante é o seguinte. O fundamento metapsicológico do que viria a se tornar o *turning point* da teoria pulsional é apresentado

ⁱ May (2015, p. 207) calcula com precisão: a primeira versão contém cerca de 740 mil caracteres, ao passo que a segunda contém perto de 120 mil.

ⁱⁱ O jogo do *fort-da* é descrito no *APP* em quatro versões distintas, conforme notou Daniel Benveniste (2015), sendo duas delas em notas de rodapé acrescentadas posteriormente. Cf. o verbete elaborado por Prado de Oliveira (neste volume, p. 247-255).

ⁱⁱⁱ Nomeadamente: os autores da obra coletiva *Psicanálise e as neuroses de Guerra* (Ferenczi, Abraham, Simmel e Jones); além de Pfeifer, Jung e Breuer (MAY, 2015, p. 223, n. 38).

como tal desde a primeira versão, *i.e.*, o princípio de prazer-desprazer não é mais suficiente para explicar a regulação do aparelho psíquico, é preciso ir *além*. Em outras palavras, Freud abandona, desde a primeira versão manuscrita, uma das premissas aceitas até então pela metapsicologia, a de que o funcionamento do aparelho psíquico é presidido pelo princípio de prazer-desprazer (MAY, 2015, p. 223). O problema colocado pela clínica da repetição de eventos desprazerosos implica que a compulsão à repetição “nos parece mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (neste volume, p. 99). O que está em jogo, portanto, não é apenas a reformulação do novo dualismo pulsional, mas também a reformulação do próprio conceito de pulsão. No manuscrito da primeira versão, ainda não temos a “pulsão de morte”, mas já temos seu caráter regressivo. Conforme resume May (2015, p. 233):

na primeira versão do *APP*, Freud ainda não usa o termo “pulsão de morte”, mas introduz uma nova definição de pulsão, sendo sua característica definicional central a necessidade de retornar a um estado anterior, e já fala longamente de pulsões cujo objetivo é conduzir o organismo até sua morte. Nesse sentido, considero sua resposta a Wittels acurada: que ele já tinha as ideias mais importantes do *APP* enquanto sua filha ainda estava “saudável e vicejante”. Por outro lado, Eros não está presente na primeira versão, nem como palavra nem como ideia.

O chapéu voltou a seu lugar original. Problema resolvido?

Nada disso. O que fazer, por exemplo, com o caráter demoníaco e egoísta da satisfação sexual, uma das características mais importantes da pulsão sexual no interior do primeiro dualismo pulsional, e que parece diluir-se com

a postulação de Eros? O que fazer com a rasura (ou seria melhor escrevermos “~~rasura~~”?) da tese radical, presente apenas no rascunho da primeira versão, segundo a qual a pulsão, enquanto tal, tenderia à morte? O que fazer com os passos iniciais da teoria pulsional? Meramente substituí-los pela nova versão? Como se pudéssemos apagar os rastros, como se, ao ser devolvido a seu lugar de origem, o chapéu nunca tivesse sido roubado? Quando Freud retorna à pulsão de morte, em reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 20 de março de 1930, diz:

Meu livro vem da constatação de que a nossa teoria das pulsões é insuficiente. Disseram que eu tentava impor a pulsão de morte aos analistas. Mas sou apenas como um velho camponês que planta árvores frutíferas, ou como alguém que tem de sair de casa e deixar um brinquedo para que as crianças brinquem enquanto estiver fora. Escrevi o livro com intenções puramente analíticas, baseado na minha existência como escritor analítico, numa meditação sombria e preocupado em desenvolver até o fim o conceito de culpa. O abandono da agressividade cria sentimento de culpa. Agora cabe-lhes brincar [*to play*] com essa ideia. Mas, para mim, esse é o avanço mais importante da análise.ⁱ

ⁱ Redigidas entre 1906 e 1915 por Otto Rank, as *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* foram entregues por Freud a Paul Federn quando deixavam Viena. Após uma tentativa de publicação na Índia, em 1947, elas foram publicadas nos Estados Unidos e em inglês entre 1962 e 1975. Só então foram publicadas simultaneamente na Alemanha e na França. Note-se que nunca foram publicadas na Áustria. Os editores, Herman Nunberg e Ernst Federn, exigiram que, na edição alemã, figurasse a menção de a publicação original ter se dado nos Estados Unidos e em inglês. Por trás de todas essas decisões, há escolhas políticas de inúmeros tipos. De maneira geral, se a psicanálise nasceu em alemão, ela cresceu, amadureceu e espalhou-se pelo mundo em

Faremos do *APP* uma peça de museu, separada por parede de vidro e exposta a nosso olhar de turistas, a quem cabe a contemplação, quem sabe a veneração? É esse o propósito de uma edição crítica, destinada apenas a leitores altamente especializados?

Não, uma edição filologicamente sofisticada de *Além* – e uma série de outros escritos de Freud, como *A interpretação dos sonhos* e os *Três ensaios* – não é apenas assunto para especialistas em seus textos, mas afeta o centro mesmo de nossa recepção de Freud. Isso faz com que Freud se destaque como um pensador que estava em constante diálogo com outros, que, dependendo do caso, deixava o público participar de seu processo de pensamento ou mesmo apagava os rastros desse processo, que experimentava com ideias e lutava continuamente por seus conceitos, que seguiam seu desenvolvimento com saltos surpreendentes, reviravoltas, quebras e auto-contradições e, principalmente, que eram fundamentalmente desenvolvidos em estreita relação com a prática clínica. Não deveríamos ter a devida consideração por esse “conquistador”, como Freud certa vez denominou sua mais destacada característica como pesquisador, e impedir que ele se tornasse um ícone, autor de uma obra canonizada? (SCHRÖTER, 2013, p. 798).

Ornaremos e aqueceremos nossas cabeças de psicanalistas bem pensantes com suas intrincadas articulações? Restituiremos seu verdadeiro sentido ou o abandonaremos a uma leitura ingênua e desinformada? Ou deixaremos que continue seu sinuoso percurso, seu próprio *fort-da*?

inglês. Os primeiros psicanalistas sabiam disso e insistiam nisso, Freud inclusive. A presente ata aqui mencionada foi redigida em inglês por Richard Sterba, que anotava suas observações quando da reunião de 20 de março de 1930 da Sociedade Psicanalítica de Viena.

REFERÊNCIAS

- ANDREAS-SALOME, L. Correspondance avec Sigmund Freud 1912-1936. *Journal d'une année 1912-1913*. Paris: Gallimard, 1970.
- BENVENISTE, D. *The Interwoven Lives of Sigmund, Anna and W. Ernest Freud. Three Generations of Psychoanalysts*. The American Institute for Psychoanalysis: IPBooks, 2015.
- CHECCHIA, M.; TORRES, R.; HOFFMANN, W. (Org.). *Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908*. Trad. Marcella Marino Medeiros Silva. São Paulo: Scriptorium, 2015. v. 1. Edição do Kindle.
- FREUD, S. (1913). O motivo da escolha dos cofrinhos. In: *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 167-182. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. (1924). Extracts from a Letter to Wittels. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. 19. London: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, 1961. p. 286-288.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1993. [Edição brasileira: *De volta aos textos de Freud*. Trad. Inês Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.]
- MARINELLI, L. Fort, Da. The Cap in the Museum. *Psychoanalysis and History*, v. 11, n. 1, p. 116-120, 2009.
- MAY, U. Freud's "Beyond the pleasure principle": The End of Psychoanalysis or Its New Beginning? *International Forum of Psychoanalysis*, v. 22, n. 4, p. 208-216, 2013. DOI: 10.1080/0803706X.2012.74368.
- MAY, U. The Third Step in Drive Theory: On the Genesis of *Beyond the Pleasure Principle*. *Psychoanalysis and History*, v. 17, n. 2, p. 205-272, 2015. DOI: 10.3366/pah.2015.0170.
- NUNBERG, H.; FEDERN, E. *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*. New York: International Universities Press, 1962.

OLIVEIRA, L. E. P. La lettre volée, moments de l'histoire de la psychanalyse: Poe, Borges, Lacan, Derrida, Johnson, Irwin, etc. *Erès, Figures de la Psychanalyse*, n. 38, p. 239-252, 2019.

SCHRÖTER, M. Jenseits des Kanons Eine Erwiderung auf Ilse Grubrich-Simitis' Kritik an der Neu-Ausgabe von „Jenseits des Lustprinzips“. *Psyche: Zeitschrift für Psychoanalyse und ihre Anwendungen*, v. 67, p. 794-798, 2013.

PARA INTRODUIZIR ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

Gilson Iannini
Pedro Heliodoro Tavares

*isso de querer
ser exatamente aquilo que a gente é
ainda vai nos levar além*
Paulo Leminski. Incenso fosse música

*Repetir repetir – até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo*
Manoel de Barros. Uma didática da invenção

Há um antes e um depois na história da psicanálise. Esse antes e depois se refere, inequivocamente, à publicação, em 1920, de *Além do princípio de prazer (APP)*, que introduz os conceitos de Eros e de pulsão de morte e, com eles, a revisão de alguns dos fundamentos da própria psicanálise, incluindo a predominância do princípio de prazer-desprazer, a prevalência de conflitos sexuais como fator etiológico prevalente em neuroses e o entusiasmo com a clínica da interpretação. A história é conhecida de todos.ⁱ Não apenas a clínica e seu fundamento teórico, a

ⁱ Para uma exposição detalhada desse percurso, que traz ainda instigantes hipóteses para a clínica contemporânea, ver o posfácio de Marco Antonio Coutinho Jorge, neste volume (p. 479).

metapsicologia, seriam revistos. Com a publicação do *APP*, a própria história da psicanálise é cindida, num processo vertiginoso, que nunca cessou de gerar novas cisões. Com efeito, a incorporação ou a rejeição da pulsão de morte, assim como suas posteriores revisões e redefinições, marcaram definitivamente diferentes versões da psicanálise, com fortes repercussões clínicas e institucionais.

Nesse sentido, o *APP* é um campo de disputas de diversas vertentes da psicanálise, como talvez nenhum outro texto de Freud jamais tenha sido. Texto de difícil compreensão, com passagens bruscas entre temas aparentemente desconexos, cheio de idas e vindas que parecem mimetizar o próprio jogo do carretel nele tematizado, cheio de interrupções e repetições, o ensaio está longe de entregar ao leitor a experiência de uma leitura fluida, como um passeio tranquilo numa tarde de outono, como tantos outros ensaios de Freud proporcionam. Com efeito, o *APP* foi escrito de forma descontínua, interrompido pela escrita de outros importantes trabalhos e por circunstâncias subjetivas terríveis, incluindo a morte prematura de sua filha Sophie, em janeiro de 1920, vitimada pela gripe espanhola, que não demorou mais do que cinco dias para levar a jovem e saudável mãe de Ernst, o menino cuja brincadeira seria descrita pelo avô como o jogo do *fort-da*.

Composto por ingredientes que parecem não se encaixar perfeitamente, como um quebra-cabeça cuja figura total não conhecemos e que apenas pode ser completado com a ajuda de peças emprestadas a outros quebra-cabeças, o *APP* exige do leitor não apenas o “ceticismo benevolente” (FREUD, [1917] 1940, p. 250) que Freud reivindica nas *Conferências introdutórias*. Exige curiosidade científica e obstinação, mas também o espírito de finura

de que nos fala Pascal ou, ainda, a distração, com a qual venceremos, como ensina Leminski.

No *APP*, Freud trilha diferentes paisagens: discute aspectos econômicos da metapsicologia com fôlego comparável ao que encontramos no “Projeto para uma psicologia” (1895) ou nas “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (1911), justapõe observações de um paradigmático jogo infantil e o sofrimento dos neuróticos de guerra, revisa os fundamentos da teoria dos sonhos, trabalha diferentes modalidades da repetição – indicando acurada sensibilidade para os limites da até então vigente teoria da clínica –, debruça-se sobre o tema da transferência – especialmente diante de “obstáculo terapêutico” (neste volume, p. 131) –, permite-se longas especulações teóricas – nas quais se cruzam referências científicas e filosóficas aparentemente irreconciliáveis, indo de Weismann e Lipschütz a Schopenhauer e Nietzsche, de Fechner a Platão e deste aos Upanixades –, negocia dívidas teóricas e promove disputas com discípulos e com dissidentes – incluindo Breuer, Jung, Ferenczi e Spielrein –, isso sem contar os silêncios e supressões que, de uma ou outra forma, ecoam no texto, como Lou Andreas-Salomé ou Alfred Adler. Em todo caso, funda uma nova metapsicologia e uma nova clínica, além de um novo e longo capítulo da história da psicanálise, com suas tensões e distensões. Por todas essas razões, o centenário do *APP* não poderia passar em branco.

O livro que o leitor tem em mãos é, portanto, uma edição crítica comemorativa do centenário da publicação de um dos textos mais célebres, mas também certamente

um dos mais, se não o mais, controverso de todos os escritos freudianos. Nas palavras de Jean Laplanche (1985), psicanalista e coordenador da mais conhecida edição francesa, “o texto mais fascinante e mais desnorteante da obra freudiana” (LAPLANCHE, 1985, p. 109). Quanto ao lugar que o *APP* ocupa no conjunto da obra de Freud, toda uma geração de psicanalistas brasileiros foi fortemente marcada por uma distinção proposta pelo recentemente falecido psicanalista e escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza. Segundo o autor, a obra de Freud gira em torno de dois eixos principais: de um lado, o discurso do desejo e do inconsciente, de outro, o discurso da pulsão. Enquanto o discurso do desejo firma bases pétreas em 1900, em *A interpretação dos sonhos* (*Die Traumdeutung*), livro que apresenta a certidão de nascimento da psicanálise sob o signo da teoria do inconsciente, o discurso da pulsão seria um verdadeiro *work in progress* interminável, perfazendo um sinuoso percurso de construção marcado por elaborações e reelaborações constantes. Numa perspectiva similar, Patrick Mahony, ao investigar o processo de elaboração dos escritos de Freud, propõe a distinção entre duas formas de pensamento, que ele chama respectivamente de “pensamento pensado” (*pensée pensée*) e “pensamento pensante” (*pensée pensante*). No que tange à teorização acerca do desejo e do inconsciente, haveria a predominância do “pensamento pensado”, caracterizado como método dogmático de exposição. Já no que diz respeito às pulsões, haveria a prevalência de um modelo genético, um “pensamento pensante”, que vai se descortinando e se desenvolvendo diante dos olhos do autor e do leitor ao mesmo tempo. Jacques Lacan, fez do “além” um dos elementos retórico-conceituais mais importantes de sua

prosa, desde a tese de 1932 até os seminários mais tardios.ⁱ No *Seminário* dedicado a Joyce, comenta:

a pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível. Quer dizer que, sempre que ele mostra a ponta do nariz, ele é impensável. Abordar esse impossível não poderia constituir uma esperança, posto que é impensável, é a morte – e o fato de a morte não poder ser pensada é o fundamento do real (LACAN, 2007, p. 121).

O próprio Freud, em um de seus derradeiros trabalhos, o *Compêndio de psicanálise*, distingue claramente teoria (*Theorie*) e doutrina (*Lehre*). A primeira teria o caráter de trama conceitual solidamente estabelecida, caso da teoria do inconsciente; já a segunda teria o estatuto de uma reflexão em constante reelaboração, de um pensamento em constante negociação com o impensável, caso da doutrina das pulsões.

Cabe lembrar que a formulação do novo dualismo pulsional, que ele próprio chama de “terceiro passo da teoria pulsional”, exige não apenas a redefinição do próprio conceito de pulsão e de seus fundamentos metapsicológicos, levada a efeito no *APP*, como também implicará, em pouco tempo, a elaboração de uma nova organização tópica do aparelho psíquico, culminando na teoria estrutural do aparelho psíquico. Isso, Eu e Supereu podem ser vistos como instâncias psíquicas derivadas de um novo entendimento das dinâmicas pulsionais. Entre suas últimas páginas escritas, já no exílio londrino, as pulsões são apresentadas como “forças que supomos existir por trás

ⁱ Por exemplo, em títulos ou em expressões conceituais, tais como: “Além do princípio de realidade”, “além do Édipo”, “além do pai”, “além do falo” etc.

das tensões motivadas pelas necessidades do Isso” (FREUD, 2014, p. 22), ao passo que a libido, energia psíquica de ordem sexual, seria atribuída ao Eu, tanto em suas origens quanto em seus movimentos. Mas, do mesmo modo como a descrição estrutural das instâncias psíquicas (Isso, Eu e Supereu) não substituiu a descrição tópica (inconsciente, pré-consciente/consciência), também o segundo dualismo pulsional parece não tornar obsoleto, pelo menos não inteiramente, o primeiro. Pelo menos essa é a hipótese proposta por May (2015, p. 214): “Eu diria que Freud jamais abandonou algo que tivesse considerado válido”. E continua: “Em outras palavras, a Terceira teoria das pulsões não substituiu ou tomou o lugar da primeira ou da segunda, mas as fez avançar” (MAY, 2015, p. 249).

Excelente escritor, reconhecido por sua prosa clara e acessível, Freud certamente não consta na lista de autores obscuros ou de difícil compreensão; a dificuldade de ler Freud é certamente de natureza diversa. Autor de teses polêmicas desde a primeira hora, tratando de temas como sexualidade infantil, desejos incestuosos recalçados e motivações sexuais perverso-polimorfas no mais pacato cidadão, perspectivas que o fizeram colher detratores e adversários em diferentes espectros científicos e políticos, paradoxalmente foram essas mesmas perspectivas que o tornaram célebre e cercado de discípulos. Tudo isso, porém, seria fortemente abalado com o surgimento do escrito de 1920, que não apenas traz teses indigestas, sobre a pulsão de morte, a compulsão à repetição, insinuando nas entrelinhas uma espécie de preocupação acerca dos limites terapêuticos do *setting* clássico, mas também o faz por meio de especulações enigmáticas e tramas conceituais estranhamente obscuras, o que resultou na desconfiança até mesmo de alguns dos mais convictos de seus alunos e admiradores.

Mas o que poderia haver de tão intolerável quando à dinâmica pulsional em seu novo livro? O que mudaria tão radicalmente na compreensão do psiquismo humano? Até aquele momento Freud já falava de diferentes manifestações da pulsão, mas tendia a reuni-las em dois grupos de oposição. De um lado haveria as pulsões de autoconservação ou autopreservação, e, de outro, as pulsões sexuais objetais. Em seguida, poderíamos ver esses dois grupos pulsionais subsumirem-se em uma articulação de partida e retorno da libido entre o Eu e os objetos.

No *APP*, Freud dedica-se a analisar fenômenos que parecem desativar a primazia do princípio de prazer. Tal princípio visaria a uma busca pela redução ou pelo rebaixamento dos níveis de tensão como uma forma de retorno a um estado primal de aquiescência, semelhante ao sono ou à morte. Entretanto, Freud, aquele que havia feito do sexual a pedra angular para a compreensão do que move o psiquismo humano, acaba por perceber que existe algo além do gregário ou da redução das tensões, algo que opera, em nome da preservação seja do Eu, seja do Objeto. Eis aí um dos pontos de celeuma: a proposição da existência de uma pulsão de destruição (*Destruktionstrieb*) ou pulsão de morte (*Todestrieb*). Tal tese vem, aliás, associada a outra central inovação em seu pensamento, a saber, a proposição de um mecanismo psíquico chamado de compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*). Para acomodar as novas descobertas, Freud acaba por reunir libido objetal e libido do Eu sob a égide de Eros, conceito também introduzido em 1920. Com Eros, tanto a preservação do indivíduo quanto a preservação da espécie são vistas como processo gregário ou aglutinador. Cabe à libido manejar seus avanços e suas regressões priorizando a conservação de si ou do objeto. Mas o que restou do

caráter daimoniaco da antiga pulsão sexual, caracterizada por irresistível pressão em direção à satisfação egoística, que, não raro, culmina em estados de sono e aquiescência que, paradoxalmente, lembram a morte?

Contudo, quando se fala em *APP*, discussões acerca da validade ou pertinência do conceito de pulsão de morte sempre ocuparam o primeiro plano, obscurecendo às vezes a intrincada rede de problemas mais ou menos subterrâneos que emergem aqui e ali. Aqueles que recusam ou resistem à pulsão de morte geralmente recorrem a uma argumentação aparentemente muito bem fundamentada, relacionada à aspectos circunstanciais relativos à realidade que envolvia o autor na época de suas elaborações. Apontam que Freud redige o escrito no ano que sucede o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conflito que marca também o colapso do próprio Império Austro-Húngaro. O conflito certamente marca de forma traumática sobretudo o continente europeu, onde se viu, de uma incredulidade inicial sobre a intensificação do conflito, uma escalada sem precedentes nas disputas por quatro longos anos, culminando na selvagem guerra de trincheiras travada não apenas na ponta das baionetas, mas também com a introdução de inovações tecno-científicas postas a serviço da morte: tanques, submarinos, caças e gases letais sendo usados pela primeira vez. Somam-se a isso perdas importantíssimas para Freud. Ainda que seus três filhos homens voltem com vida do *front*, Freud perde nesse período a estimada, para muitos a favorita, filha Sophie, além de seu amigo Anton von Freund, perdas que o teriam levado a um estado de profundo pessimismo.

No entanto, a análise pormenorizada das etapas genéticas de elaboração do *APP* permite determinar com

alguma precisão a cronologia de alguns fatos. Sophie morre em janeiro de 1920, quando a primeira versão do manuscrito já estava pronta. Se é verdade que o conceito de “pulsão de morte” ainda não constaria naquela etapa de elaboração do texto, por outro lado, todas as principais cartas já estavam postas na mesa: o princípio de prazer já havia perdido sua primazia, a pulsão já funcionava de forma regressiva, a compulsão à repetição já tinha sido formulada. Bem antes de perder sua filha, Freud já havia concluído – e sublinhado –, no capítulo V, que *A meta de toda vida é a morte e O inanimado esteve aqui antes do vivo* (neste volume, p. 137. Os sublinhados são do próprio Freud, desde o manuscrito de abril-maio de 1919). Restassem ainda dúvidas, numa enigmática nota recentemente encontrada num prontuário (*Calendar*) de Freud lê-se o seguinte: “No sexo repete-se a indicação do acontecimento originário que torna vivo o sem-vida. / Pulsão de morte disfarçada de pulsão de vida. Pulsex [pulsões sexuais] parecem conduzir à morte. Oposto, de fato” (ver Figura 1, a seguir).ⁱ É verdade que o conceito de pulsão de morte foi apresentado apenas no capítulo VI do *APP*, introduzido à mão, em páginas intercaladas à versão datilografada, logo depois do capítulo V, o que deslocou o capítulo final, agora renumerado como o VII. Não há dúvidas de que esse capítulo foi concluído apenas no verão de 1920. Mas sua elaboração teórica, incluindo a pesquisa de fontes e documentos, remonta a bem antes (cf. MAY, 2013).

ⁱ Para uma discussão mais detalhada dessa primeira ocorrência da ideia de que a pulsão de vida seria uma espécie de máscara da pulsão de morte, cf. May (2015, p. 129). Agradecemos ao Freud Museum London pela permissão de uso da imagem e especialmente a seu curador, Bryony Davies, por todo seu apoio e assessoria.

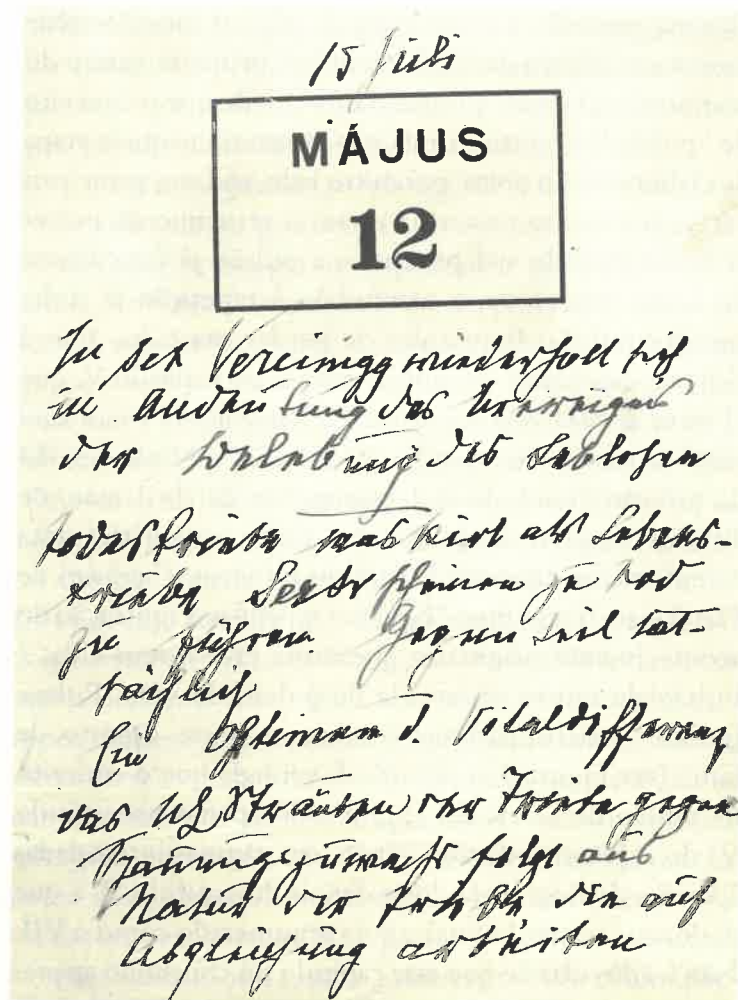


Figura 1 - “No sexo repete-se a indicação do acontecimento originário que torna vivo o sem-vida. / Pulsão de morte como máscara da pulsão de vida. Pulsex [Pulsões sexuais] parecem conduzir à morte. Oposto, de fato”. No original: “In sex Vereinigt wiederholt sich in Andeutung das Urereignis der Belebung des Leblosen. / Todestriebe maskiert als Lebenstrieb. Sextr [Sexualtriebe] scheinen zu Tod zu führen. Gegenteil tatsächlich”. Anotação de Freud, datada provavelmente de julho de 1918. Transcrição das linhas 1-7. Lic. © Freud Museum London.

Além disso, fato é que Freud ainda viverá em constante produção intelectual por quase duas décadas, não somente reiterando a hipótese da pulsão de morte, mas também atribuindo a ela um papel ainda mais central. Dois exemplos bastam para demonstrar o ponto: em *O mal-estar na cultura* (1930), a pulsão de morte é um dos ingredientes mais importantes para a análise da face obscura do Supereu e dos irremediáveis antagonismos entre a cultura e o indivíduo; em “A análise finita e a infinita” (1937), é a pulsão de morte que explica a permanência de fenômenos residuais, mesmo em análises bem-sucedidas. Essa perspectiva parece latente, aliás, desde o próprio *APP*. No estudo que talvez seja a mais bem documentada leitura do *APP* até hoje disponível, May avança essa hipótese: “Freud, conforme o compreendo, estava reelaborando suas experiências de análises malsucedidas e tentando ancorá-las na teoria” (MAY, 2015, p. 218). Nesse sentido, a questão dos limites da teoria da clínica até então vigente, principalmente diante de casos “difíceis”, “inclassificáveis”, “ilegíveis” e outros que resistem ao modelo clássico do *setting* clássico, parece ser um dos eixos subjacentes que compõem a trama nem sempre visível do texto.

Conforme posto, trata-se de um texto de difícil nascimento, marcado de sua origem até sua versão mais derradeira por incertezas e incompletudes abertamente admitidas pelo próprio autor. Nesse sentido vimos a importância de apresentar ao leitor uma edição que reunisse da melhor forma possível o processo de hesitante e refletida elaboração de *Além do princípio de prazer*, texto que apresenta a mais radical torção teórica no pensamento de Freud e, não por acaso, maiores diferenças nas várias etapas de sua construção: manuscrito, versão datilografada com correções manuscritas, primeira versão impressa etc. Em nenhum outro caso temos

tão bem preservadas as diversas camadas de um texto de Freud. Para reproduzir da forma mais didática e clara possível tal processo de escrita, optamos por apresentar neste livro não somente uma edição bilíngue e extensivamente anotada pela competente tradutora Maria Rita Salzano Moraes, mas também, pela primeira vez no Brasil, uma edição crítica com as diversas camadas de elaboração do texto. Para evitar a confusão entre notas explicativas e notas críticas, decidimos representar as etapas de composição do texto através de recursos tipográficos. Para cada fase de elaboração, escolhemos uma representação gráfica distinta, como será esclarecido no item "Edição crítica: modo de usar" (neste volume, p. 51-56).

A presente edição, mais do que nunca, é resultado de um esforço coletivo. Para melhor familiarizar o leitor com a intricada rede de referências subjacente ao *APP*, este volume contém paratextos substanciais. Eles foram estruturados em cinco eixos diferentes. Os quatro primeiros eixos abordam as diferentes fontes que fazem parte da intricada trama de empréstimos que Freud faz a diferentes campos: fontes psicanalíticas (como Josef Breuer, Sabina Spielrein, Sándor Ferenczi, entre outros), fontes filosóficas (como Platão, Schopenhauer e Nietzsche), fontes científicas (como Fechner, Weismann ou Lipschütz) e fontes literárias (como Goethe, Schiller ou Torquato Tasso). O quinto eixo não trata exatamente de fontes, mas das repercussões clínicas do texto.

As inúmeras fontes psicanalíticas foram organizadas sob a forma de verbetes concisos, que tentam restituir ao leitor os principais textos e autores mencionados. Seu propósito é mostrar como Freud dialoga constantemente com a comunidade

analítica. Às fontes filosóficas, foram dedicados três ensaios um pouco mais extensos, preparados por Carlos Roberto Drawin e Eduardo Ribeiro da Fonseca (Schopenhauer), Gilson Iannini e Cleyton Andrade (Platão e os Upanixades) e Ernani Chaves (Nietzsche). Em seguida, Richard Theisen Simanke aborda as fontes científicas do *APP*, investigando sistematicamente os empréstimos de Freud a teorias e modelos biológicos vigentes à época. Contrariamente à opinião amplamente aceita, Simanke demonstra que tais referências são parte constituinte de seu modo de pensar, afastando leituras que as tratam como desvios, metáforas ou fantasias. Finalmente, as fontes literárias foram abordadas em conjunto num breve ensaio dos coordenadores desta coleção. Além desse material, Marco Antonio Coutinho Jorge aborda a dimensão mais propriamente clínica do texto, apresentando o terceiro passo da teoria pulsional como um elemento decisivo para a passagem de uma concepção simbólica de inconsciente em direção ao que há de real no inconsciente.

Para a elaboração desses verbetes e ensaios, foi recrutado um time de psicanalistas, historiadores da psicanálise e filósofos de diferentes perspectivas, que, de forma coletiva, elaboraram esse material complementar, indispensável a uma leitura não ingênua de Freud. Esta edição inclui ainda uma nota sucinta sobre a recepção brasileira do *APP*, elaborada por Cristiana Facchinetti.

AGRADECIMENTOS

A equipe que preparou os verbetes e ensaios deste volume foi composta por Carlos Roberto Drawin, Cleyton Andrade, Ernani Chaves, Fátima Caropreso, Heloisa Bedê, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Marcus Vinícius Silva e Richard Theisen Simanke, sob a coordenação de Gilson Iannini. A equipe de revisores incluiu

ainda Frederico Feu de Carvalho, Laura Rubião, Marco Antonio Coutinho Jorge, Vinicius Moreira Lima e Pedro Heliodoro Tavares. A inclusão de alguns jovens e talentosos psicanalistas junto à equipe formada majoritariamente por professores doutores e/ou pesquisadores seniores faz parte de uma aposta desta coleção no futuro longo e renovado da obra de Freud. O processo de escrita e de revisão deste material consumiu tempo e energia de todos, e exigiu um exercício constante de desprendimento. O editor gostaria de dedicar este livro a essa maravilhosa equipe de tradutores, autores e revisores. Este livro não teria sido possível sem a dedicação e competência de todos.

Foi Marcus Vinícius Silva quem primeiramente me chamou a atenção para a nova edição crítica do *Jenseits*, há alguns anos. Devo a essa indicação o acesso a esse universo que se abriu a mim depois que conheci a revista *Luzifer-Amor: Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse*, onde foi publicado *Jenseits des Lustprinzips. Kritisch Edition von Ulrike May und Michael Schröter* (2013, n. 23, v. 51). Agradeço ainda a gentileza e a ajuda inestimável dos próprios editores alemães Ulrike May e Michael Schröter, que, além de permitirem o uso de sua edição e a liberdade para as adaptações necessárias à presente edição, forneceram outros materiais, além de apoio e consultoria. Agradeço ainda a Luiz Eduardo Prado de Oliveira, pelo fornecimento de materiais e informações de difícil acesso, sem os quais a pesquisa bibliográfica dos paratextos não teria ido tão longe. Finalmente, Ernani, Richard e Marco Antônio foram interlocutores constantes e decisivos para esta edição. Agradecemos também ao curador do Freud Museum London, Bryony Davies, por sua disponibilidade, que, mesmo em condições desfavoráveis devidas ao fechamento parcial do museu durante a pandemia, não poupou esforços para nos apoiar.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1917). *Psychoanalyse und Psychiatrie*. 16 Vorlesung. *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1940. v. XI. p. 249-263.
- FREUD, S. *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Edição bilíngue. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1993. [Edição brasileira: *De volta aos textos de Freud*. Trad. Inês Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.]
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 23: O sinthoma*. Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Trad. Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- MAHONY, Patrick. *Freud as a Writer*. New York: Yale University Press, 1987.
- MAY, U. Freud's "Beyond the pleasure principle": The End of Psychoanalysis or Its New Beginning? *International Forum of Psychoanalysis*, v. 22, n. 4, p. 208-216, 2013. DOI: 10.1080/0803706X.2012.74368.
- MAY, U. The Third Step in Drive Theory: On the Genesis of Beyond the Pleasure Principle. *Psychoanalysis and History*, v. 17, n. 2, p. 205-272, 2015. DOI: 10.3366/pah.2015.0170.

PRÓLOGO

Ulrike May
Michael Schröter

Em muitos aspectos, *Além do princípio de prazer (APP)* é algo único entre os escritos de Freud. É mais especulativo e mais opaco do que os demais, mais afastado da experiência clínica e da teoria clínica, mais biológico e mais filosófico, mais radical no que diz respeito à inovação teórica, referindo-se com maior frequência a outros autores não psicanalíticos. Tudo isso deu origem a um fluxo interminável de discussão e comentários que é mais acentuado neste caso do que em outros e agora está atingindo um novo marco em 2020, quando celebramos o 100º aniversário de sua primeira publicação.

Mas *Além do princípio de prazer (APP)* também é único em um sentido mais superficial: não há nenhuma outra obra de Freud da qual existam duas versões manuscritas tão substancialmente diferentes (no caso semelhante de *O Eu e o Isso [Das Ich und das Es]*, as diferenças são muito menos substanciais). Comparar essas versões não é um mero exercício filológico, mas nos leva diretamente ao fluxo do processo de pensamento de Freud. Quem conhece o *APP* pela versão publicada não pode deixar de se surpreender ao

perceber que a primeira versão ignora Eros, Schopenhauer e qualquer fonte biológica. A leitura atenta sempre revelou muitas contradições nesse ensaio. Levando-se em consideração o processo que vai da primeira para a segunda versão e além, no mínimo elas se tornam parcialmente compreensíveis, como resultado de um processo contínuo de formação da teoria.

É um traço característico de Freud que, ao se deparar com *insights* contraditórios, ele não os forçou a um sistema unificado, mas os deixou coexistir. Isso pode ser observado no desenvolvimento geral de sua teoria, mas é mais palpável nas próprias páginas do *APP*. Testemunhar o texto à medida que se desdobra na versão final é uma verdadeira aventura intelectual altamente gratificante quando, por exemplo, notamos que a mesma afirmação que foi descrita por Freud como “completamente incompreensível” foi um ano depois qualificada como “significativa no mais alto grau”, pois nesse ínterim ele havia concebido Eros para acomodar fatos que não eram consistentes com sua noção anterior de sexualidade. E, no entanto, essa noção anterior continuou sendo considerada válida.

A riqueza de novos *insights* pode ser reunida seguindo o caminho da primeira até a versão final desse mais intrigante dentre os escritos de Freud. Essa foi a razão pela qual, sete anos atrás, resolvemos publicar uma edição acadêmica de *APP* no original alemão que apresentava todos os estágios do surgimento do texto até sua forma impressa nas *Obras reunidas* [*Gesammelte Werke*] de Freud. Ficamos muito felizes em ver que esse trabalho gradativamente vem sendo reconhecido em escala internacional, de forma que depois de uma tradução para o inglês agora existe também uma para o português. E somos muito gratos a Gilson Iannini por permitir que isso aconteça.

PEQUENO GUIA VISUAL: ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER EM CAMADAS

Gilson Iannini

A escrita do *APP* foi objeto de diversas disputas e controvérsias. Para começar, ele foi elaborado num período especialmente turbulento tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista pessoal, sem contar as próprias transformações da teoria e da clínica psicanalítica. O texto foi iniciado logo após o final da Primeira Guerra Mundial, enquanto a epidemia de gripe espanhola vitimava milhões de pessoas, incluindo a jovem e saudável Sophie, filha de Freud. Do mesmo modo, a clínica receberia um forte influxo dos traumatizados de guerra, cuja gramática de sofrimentos parecia denunciar certo esgotamento de hipóteses teóricas e de protocolos clínicos. Em que medida a superfície do texto espelha todos ou alguns desses acontecimentos? Como tais acontecimentos incidem no texto? Se um texto fosse uma superfície plana, como um espelho bem polido, talvez acontecimentos paralelos pudessem ser refletidos em ângulos idênticos aos ângulos de incidência. Refletida, a luz seria devolvida a seu meio de origem, sem que houvesse refração, sem opacidades ou ruídos. Foi isso que supuseram – e ainda supõem – alguns leitores. O *APP* espelharia o pessimismo de Freud, seu luto, suas perdas.

Mas acontecimentos quase nunca são paralelos: são antes oblíquos, ou tangenciam outros acontecimentos, ou os cortam. Além disso, não incidem em superfícies planas, dispostas a devolver aos olhos do leitor o que o autor mesmo recebeu. Do mesmo modo, um texto não é uma superfície plana, mas, antes, é composto por camadas ou placas que se chocam e que deslizam umas sobre as outras, amarradas por fios nem sempre visíveis, nem sempre ancorados em terra firme. Tampouco um texto é uma matéria opaca, impenetrável, que nada absorve do exterior ou que extingue tudo que lhe é estranho.

A recepção do *APP* foi – e continua sendo – marcada por leituras mais ou menos assim: mero reflexo do luto e do pessimismo de seu autor, para uns; construção metapsicológica edificada puramente a partir de evidências clínicas, com o contexto histórico e pessoal de seu autor funcionando apenas como pano de fundo, para outros.

Na biografia lançada em 1924, Fritz Wittels lançou a polêmica. Apesar das réplicas de Freud, a contenda prosseguiu. Muitos anos mais tarde, a descoberta de duas versões do manuscrito, que Ilse Grubrich-Simitis relatou em 1993, lançou alguma luz nesse debate, permitindo análises genéticas mais bem documentadas em evidências textuais. Apenas bastante recentemente, uma pesquisa de fôlego (cf. MAY, 2013) permitiu estabelecer com elevado grau de precisão as principais etapas de construção do texto. A partir de então, podemos correlacionar os acontecimentos “externos” e as camadas de texto. Cabe, contudo, ao leitor determinar, por sua percepção, os ângulos de incidência, os graus de refração, os momentos de opacidade. O melhor que podemos fazer é oferecer uma edição filologicamente acurada, para que ele mesmo possa emitir seu julgamento, segundo sua própria perspectiva.

Além do mais, temos a língua alemã e suas peculiaridades, a tradução e suas (im)possibilidades. Conforme escreve Georges-Arthur Goldschmidt (1988, 1996) em seu estudo em dois volumes sobre Freud e a língua alemã, “toda a língua alemã é construída sobre o movimento de elevação e abaixamento da caixa torácica, sobre a subida e a descida, sobre o vaivém no espaço: o célebre *fort-da* da criancinha de *Além do princípio de prazer* de Freud exprime exatamente isso” (1988, p. 16).

O que podemos fazer é dar uma pequena amostra dos principais elementos que compõem o quebra-cabeças do *APP*. É o que o leitor verá a seguir.

REFERÊNCIAS

- GOLDSCHMIDT, G.-A. *Quand Freud attend le verbe: Freud et la langue allemande II*. Paris: Buchet/Castel, 1996.
- GOLDSCHMIDT, G.-A. *Quand Freud voit la mer: Freud et la langue allemande I*. Paris: Buchet/Castel, 1988.
- MAY, U. Der dritte Schritt in der Trieblehre. Zur Entstehungsgeschichte von „Jenseits des Lustprinzips“. *Luzifer-Amor*, Berlim, v. 26, n. 51, p. 92-169, 2013.

1

Uebersicht des Lustprinzips
von
Sigm. Freud

In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, dass der Ablauf der seelischen Vorgänge, automatisch durch das Lustprinzip reguliert wird, das heisst, wir glauben, dass er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird, und dann eine solche Richtung einschlägt, dass sein Endergebnis mit einer Herabsetzung dieser Spannung, als mit einer Vermeidung von Unlust oder Erzeugung von Lust zusammenfällt. Wenn wir die von uns studierten seelischen Prozesse mit Rücksicht auf diesen Ablauf betrachten, führen wir den ökonomischen Gesichtspunkt in unsere Arbeit ein. Wir meinen eine Darstellung, die neben dem topischen und dem dynamischen Moment noch das ökonomische zu würdigen vermöge, sei die vollständigste, die wir uns dergestalt vorstellen können, und verdienen, durch den Namen einer metapsychologischen, hervorgehoben zu werden.

Es hat dabei für uns kein Interesse zu untersuchen, in wie weit wir uns mit der Aufstellung des Lustprinzips einem bestimmten, historisch festgelegten, philosophischen System annähern oder angehen lassen haben. Wir gelangen zu solchen spekulativen Annahmen bei dem Bemühen, von den Tatsachen der täglichen Beobachtung auf unserem Gebiet Beschreibung und Rechenschaft zu geben. Priorität und Originalität gehören nicht zu den Zielen, die der psychoanalytischen Arbeit gesetzt sind, und die Eindrücke, welche der Aufstellung dieses Prinzips zu Grunde liegen, sind so augenfällig, dass es kaum möglich ist, sie zu übersehen. Dagegen werden wir uns gerne zur Dankbarkeit gegen eine philosophische oder psychologische Theorie bekennen, die uns zu sagen wüsste, was die Bedingungen der für uns so imperativen Lust- und Unlustempfindungen sind. Leider wird uns hier nichts Brauchbares geboten, Es ist das

druckte late

Figura 2 - Primeira página da versão manuscrita, descrita nos arquivos da Biblioteca do Congresso de Washington como "Holograph manuscript". Redigida entre meados de março e meados de abril de 1919 (MAY, 2013, p. 94-96). No presente volume, versão A. Contém apenas 6 capítulos. Não menciona nem "Eros" nem "pulsão de morte". (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/3mL6Okj>.)

Uebersicht des Lustprinzips
von
Sigm. Freud

In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, dass der Ablauf der seelischen Vorgänge, automatisch durch das Lustprinzip reguliert wird, das heisst, wir glauben, dass er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird, und dann eine solche Richtung einschlägt, dass sein Endergebnis mit einer Herabsetzung dieser Spannung, als mit einer Vermeidung von Unlust oder Erzeugung von Lust zusammenfällt. Wenn wir die von uns studierten seelischen Prozesse mit Rücksicht auf diesen Ablauf betrachten, führen wir den ökonomischen Gesichtspunkt in unsere Arbeit ein. Wir meinen eine Darstellung, die neben dem topischen und dem dynamischen Moment noch das ökonomische zu würdigen vermöge, sei die vollständigste, die wir uns dergestalt vorstellen können, und verdienen, durch den Namen einer metapsychologischen, hervorgehoben zu werden.

Es hat dabei für uns kein Interesse zu untersuchen, in wie weit wir uns mit der Aufstellung des Lustprinzips einem bestimmten, historisch festgelegten, philosophischen System annähern oder angehen lassen haben. Wir gelangen zu solchen spekulativen Annahmen bei dem Bemühen, von den Tatsachen der täglichen Beobachtung auf unserem Gebiet Beschreibung und Rechenschaft zu geben. Priorität und Originalität gehören nicht zu den Zielen, die der psychoanalytischen Arbeit gesetzt sind, und die Eindrücke, welche der Aufstellung dieses Prinzips zu Grunde liegen, sind so augenfällig, dass es kaum möglich ist, sie zu übersehen. Dagegen werden wir uns gerne zur Dankbarkeit gegen eine philosophische oder psychologische Theorie bekennen, die uns zu sagen wüsste, was die Bedingungen der für uns so imperativen Lust- und Unlustempfindungen sind. Leider wird uns hier nichts Brauchbares geboten, Es ist das

druckte late

Figura 3 - Primeira página da versão datilografada-manuscrita, descrita nos arquivos da Biblioteca do Congresso de Washington como "Holograph and typewritten manuscript, bound". No presente volume, versão B. A parte datilografada dessa versão é idêntica à versão manuscrita anterior (cf. MAY, 2013, p. 95). No verão de 1919, Freud inicia o processo, aliás descontínuo, de reelaboração do material, fazendo correções e inserções significativas, como o leitor verá adiante. (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/2ROiqFr>.)

Das Kind war in seiner intellektuellen Entwicklung keineswegs voreilig, es sprach mit 1½ Jahren erst wenige verständliche Worte und verfügte ausserdem über mehrere bedeutungsvolle Laute, die von der Umgebung verstanden wurden. Aber es war in gutem Rapport mit den Eltern und dem einzigen Dienstmädchen und wurde wegen seines "anständigen" Charakters gelobt. Es störte die Eltern nicht zur Nachtzeit, befolgte gewissenhaft die Verbote, manche Gegenstände zu berühren und in gewisse Räume zu gehen und vor allem anderen, es weinte nie, wenn die Mutter es für Stunden verliess, obwohl es dieser Mutter zärtlich anhieng, die das Kind nicht nur selbst genährt, sondern auch ohne jede fremde Beihilfe gepflegt und betreut hatte. Dieses brave Kind zeigte nun die gelegentlich störende Gewohnheit, alle kleinen Gegenstände, deren es habhaft wurde, weit weg von sich in eine Zimmerecke, unter ein Bett u.s.w. zu schleudern, so dass das Zusammensuchen seines Spielzeugs oft keine leichte Arbeit war. Dabei brachte es mit dem Ausdruck von Interesse und Befriedigung ein lautes, lang gezogenes ~~o-o-o-o~~ hervor, das nach dem übereinstimmenden Urteil der Mutter und des Beobachters keine Interjektion war, sondern "Fort" bedeutete. Ich merkte endlich, dass das ein Spiel sei, und dass das Kind alle seine Spielsachen nur dazu benützte, mit ihnen "fortsein" zu spielen. Eines Tages machte ich dann die Beobachtung, die meine Auffassung bestätigte. Das Kind hatte eine Holzspule, die mit einem Bindfaden umwickelt war. Es fiel ihm nie ein, sie z.B. am Boden hinter sich her zu ziehen, also Wagen mit ihr zu spielen; sondern es warf die am Boden gehaltene Spule mit grossem Geschick über den Rand seines verhängten Bettchens, so dass die darin verschwand, sagte dazu sein bedeutungsvolles ~~o-o-o-o~~ und

0-0-0-0

Figura 4 - Página 8 da versão datilografada-manuscrita, com a célebre brincadeira do *fort-da*. As correções à mão, posteriores a julho de 1919, mostram o esforço de Freud em descrever os sons semiarticulados emitidos por seu neto de um ano e meio, Ernst, na famosa brincadeira do carretel. Conforme a escrita fonética moderna, trata-se provavelmente da vogal [o] emitida de forma prolongada (International Phonetic Alphabet/Standard German) (neste volume, p. 76-77). (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/2ROiqFr>.

zog dann die Spule am Faden wieder aus dem Bett heraus, begrüßte aber deren Verschwinden jetzt mit einem freudigen "Da". Das war also das komplette Spiel, Verschwinden und Wiederkommen, wovon man zumeist nur den ersten Akt zu sehen bekam, und dieser wurde für sich allein unermüdlich als Spiel wiederholt, obwohl die grössere Lust unzweifelhaft den zweiten Akt anhieng.¹⁾

Die Deutung des Spieles lag dann nahe. Es war in Zusammenhang mit der grossen kulturellen Leistung des Kindes, mit

1) Diese Deutung wurde dann durch eine interessante Beobachtung bestätigt. Das Kind spielte ein Spiel, das man als "Fort-da" bezeichnet. Es bestand darin, dass das Kind eine Holzspule, die mit einem Bindfaden umwickelt war, über den Rand seines verhängten Bettchens warf, so dass die darin verschwand, sagte dazu sein bedeutungsvolles ~~o-o-o-o~~ und zog dann die Spule am Faden wieder aus dem Bett heraus, begrüßte aber deren Verschwinden jetzt mit einem freudigen "Da". Das war also das komplette Spiel, Verschwinden und Wiederkommen, wovon man zumeist nur den ersten Akt zu sehen bekam, und dieser wurde für sich allein unermüdlich als Spiel wiederholt, obwohl die grössere Lust unzweifelhaft den zweiten Akt anhieng.¹⁾

wollen, das Fortgehen müsste als Vorbedingung des erfreulichen Wiedererscheinens gespielt werden, im letzteren sei die eigentliche Spielabsicht gelegen. Dem würde die Beobachtung widersprechen, dass der erste Akt, das Fortgehen, für sich allein als Spiel inszeniert wurde und zwar ungleich häufiger als das zum lustvollen Ende fortgeführte Ganze.

Die Analyse eines solchen einzelnen Falles ergibt keine sichere Entscheidung; bei unbefangener Betrachtung gewinnt man den Eindruck, dass das Kind das Erlebnis aus einem anderen Motiv zum Spiel gemacht hat. Es war dabei passiv, wurde vom Erlebnis betroffen und bringt sich nun in eine aktive Rolle, indem es dasselbe, trotzdem es unlustvoll war, als Spiel wiederholt. Dieses Bestreben könnte man einem Bemächtigungstrieb

Figura 5 - Página 9 da versão datilografada-manuscrita, com inserções um pouco mais extensas. No detalhe, nota acrescentada, depois de julho de 1919 (cf. MAY, 2013, p.100 ss). Podemos traduzi-la assim: "Essa interpretação foi plenamente confirmada por outra nova observação. Um dia em que a mãe esteve ausente por muitas horas, foi saudada em seu retorno com a seguinte expressão: *Bebi o-o-o-o!* [Nenê o-o-o-o-o!], que ficou incompreensível de início. Mas logo tornou-se evidente que a criança, durante esse longo período em que esteve sozinha, havia encontrado um meio de se fazer desaparecer. Ela havia descoberto sua imagem em um espelho que chegava quase até o chão e então agachava-se de modo a que a imagem no espelho desaparecesse [*fort war!*]" (neste volume, p. 79, n. i). (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/2ROiqFr>.)

druck von Kräften machen, die nach Veränderung und Fortschritt streben, während sie blos ein altes Ziel auf alten und neuen Wegen zu erreichen trachten. Auch dieses Endziel alles organischen Strebens liesse sich angeben. Der konservativen Natur der Triebe widerspräche es, wenn das Ziel des Lebens ein noch nie zuvor erreichter Zustand wäre. Es muss vielmehr ein alter, ein Ausgangszustand sein, den das Leben einmal verlassen hat, und zu dem es über alle Umwege der Entwicklung zurückstrebt. ^{Wenn nichts als} ~~Es muss ein~~ ^{annehmen dürfen} ~~ausnahmsloser~~ ^{dass} ~~Er-~~ ^{inneren} ~~fahrung~~ ^{Gründe} ~~alles Lebende aus~~ ^{stirbt, ins Anor-} ~~ganische zurückkehrt, so können wir nur sagen:~~ Das Ziel alles Lebens ist der Tod, und zurückgreifend: Das Leblose war früher da als das Lebende.

Irgend einmal wurden in unbelebter Materie durch eine noch ganz unvorstellbare Krafteinwirkung die Eigenschaften des Lebenden erweckt. Vielleicht war es ein Vorgang vorbildlich ähnlich jenen anderen, der in einer gewissen Schicht der lebenden Materie später das Bewusstsein entstehen liess. Die damals entstandene Spannung in dem vorhin unbelebten Stoff trachtete danach sich abzugleichen; es war der erste Trieb ^{der} ~~er~~ zum Leblosen zurückzukehren. Die damals lebende Substanz hatte das Sterben noch leicht, es war wahrscheinlich nur ein kurzer Lebensweg zu durchlaufen, dessen Richtung durch die chemische Struktur des jungen Lebens bestimmt war. Eine lange Zeit hindurch mag so die lebende Substanz immer wieder neu geschaffen worden und leicht gestorben sein, bis sich massgebende äussere Einflüsse so änderten, dass sie die noch überlebende Substanz zu immer grösseren Ablenkungen vom ursprünglichen Lebensweg und zu immer komplizirteren Umwegen bis zur Erreichung des Todesziels nötigten. Diese Umwege zum

./.

Figura 6 - Página 35 (capítulo V) da versão datilografada-manuscrita, com pequenas correções. As linhas sublinhadas, idênticas ao original manuscrito de abril-maio de 1919, dizem o seguinte: “A meta de toda vida é a morte” e “O inanimado esteve aqui antes do vivo” (neste volume, p. 137). (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/2ROiqFr>.)

VI.

Das Ziel des Lebens ist der Tod, und zurückgreifend: Das Leblose war früher da als das Lebende.

Irgend einmal wurden in unbelebter Materie durch eine noch ganz unvorstellbare Krafteinwirkung die Eigenschaften des Lebenden erweckt. Vielleicht war es ein Vorgang vorbildlich ähnlich jenen anderen, der in einer gewissen Schicht der lebenden Materie später das Bewusstsein entstehen liess. Die damals entstandene Spannung in dem vorhin unbelebten Stoff trachtete danach sich abzugleichen; es war der erste Trieb zum Leblosen zurückzukehren. Die damals lebende Substanz hatte das Sterben noch leicht, es war wahrscheinlich nur ein kurzer Lebensweg zu durchlaufen, dessen Richtung durch die chemische Struktur des jungen Lebens bestimmt war. Eine lange Zeit hindurch mag so die lebende Substanz immer wieder neu geschaffen worden und leicht gestorben sein, bis sich massgebende äussere Einflüsse so änderten, dass sie die noch überlebende Substanz zu immer grösseren Ablenkungen vom ursprünglichen Lebensweg und zu immer komplizirteren Umwegen bis zur Erreichung des Todesziels nötigten. Diese Umwege zum

./.

Figura 7 - Primeira página do novo capítulo VI, que foi inteiramente escrito à mão e integrado à versão B (versão datilografada-manuscrita), que serviu de base para a primeira versão impressa. A datação da redação desse capítulo não pode ser feita com absoluta precisão. O que sabemos com segurança é que, ao preparar a quarta edição de seus *Três ensaios sobre a teoria sexual*, em meados de 1920, Freud acrescenta ali as mesmas referências que formam o substrato teórico do capítulo VI, tais como Platão, Schopenhauer e Lipschütz (MAY, 2013, p. 100ss). Não obstante, a primeira menção escrita em carta ao termo “pulsão de morte” remonta à carta enviada por Freud a Eitingon, em 8 de março de 1920 (MAY, 2013, p. 99). Antes disso, há uma anotação pessoal em um prontuário de 15 de julho, muito provavelmente de 1918, em que Freud rascunha “Pulsão de morte como máscara da pulsão de vida” (ver Figura 1, neste volume, p. 30). (Library of Congress, Manuscript Division, Sigmund Freud Papers. Disponível em: <bit.ly/2ROiqFr>.)

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Chronique la plus brève. Carnets intimes 1929-1939*. Annoté et présenté para Michael Molnar. Paris: Albin Michael, 1992.

FREUD, S. *Sigmund Freud Papers: Oversize, 1859-1985; Writings; 1920; "Jenseits des Lustprinzips" [g]; Holograph manuscript..* [Manuscript/Mixed Material]. Disponível na Library of Congress <bit.ly/3mL6OkJ>.

FREUD, S. *Sigmund Freud Papers: Oversize, 1859-1985; Writings; 1920; "Jenseits des Lustprinzips" [g]; Holograph and typewritten manuscript, bound.* [Manuscript/Mixed Material]. Disponível na Library of Congress: <bit.ly/2ROiqFr>.

GOLDSCHMIDT, G.-A. *Quand Freud voit la mer: Freud et la langue allemande I*. Paris: Buchet; Chastel, 1988.

GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1993. [Edição brasileira: *De volta aos textos de Freud*. Trad. Inês Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.]

MAY, U. Der dritte Schritt in der Trieblehre. Zur Entstehungsgeschichte von „Jenseits des Lustprinzips“. *Luzifer-Amor*, Berlim, v. 26, n. 51, p. 92-169, 2013.

LEGENDA

Recursos tipográficos empregados no corpo do texto para identificação de versões/variantes textuais.

Tipografia utilizada neste volume:

- A: *primeiro Manuscrito* [1919]
- B: Segundo manuscrito (Versão datilografada-manuscrita) [1920]
- C: Primeira edição [1920]
- D: Segunda edição [1921]
- E: Terceira edição [1923]
- F: Quarta edição [1925]

EDIÇÃO CRÍTICA: MODO DE USAR

Além do princípio de prazer possui, a rigor, seis variantes: duas versões não impressas e quatro versões impressas. As quatro variantes impressas contêm pequenas correções, inserções, acréscimos de notas ou parágrafos etc. Diferenças mais significativas, contudo, podem ser observadas entre as versões não impressas e as versões impressas. Nesse caso específico, como observa argutamente Ilse Grubrich-Simitis (1993, versão bras. 1995, p. 189), as versões preliminares não têm o mero estatuto de rascunhos, mas de verdadeiras “versões”. De fato, de maneira geral, os rascunhos de Freud costumam ter características próprias, sendo a principal delas o risco diagonal que o autor costumava fazer quando uma página era transcrita ou datilografada. Por uma série de características, tais como a “tipografia festiva dos títulos”, a “ausência significativa do traço diagonal” e a “fermata ao final”, Grubrich-Simitis demonstrou cabalmente que a versão manuscrita do presente ensaio não constitui apenas um mero rascunho, mas deve ser chamada, mais apropriadamente, de “primeira versão”. Nesse sentido, essa primeira versão fora considerada concluída pelo autor em 1919, aproximadamente na mesma época em que retomava a redação de outro decisivo ensaio, *O infamiliar* (*Das Unheimliche*).

Desconhecida até pouco tempo atrás, a versão manuscrita é, de longe, a que mais difere das outras. Coube ao pioneiro trabalho de Ilse Grubrich-Simitis (1993; versão bras. 1995), exumar esse importante documento, até então mudo. Terminado em meados de maio de 1919, o manuscrito contém apenas seis capítulos, escritos em grandes folhas duplas, como era costume do autor (GRUBRICH-SIMITIS, 1993; MAY, 2013, 2015). Além do manuscrito, outra versão foi encontrada nos arquivos da Biblioteca do Congresso de Washington: trata-se da versão datilografada-manuscrita. Essa versão foi presenteada a Max Eitingon. Provavelmente, foi ele quem mandou encaderná-la em papel cartão, utilizando couro marrom com letras douradas na lombada. Esse volume encadernado é constituído, sobretudo, por páginas datilografadas, mas também por páginas manuscritas, com “inúmeras correções escritas à mão, em bilhetes e folhas adicionais” (GRUBRICH-SIMITIS, 1995, p. 190), cuja natureza o leitor pode ter uma amostra no “Pequeno guia visual”, publicado acima (neste volume, p. 39-41). Em seu caráter fragmentário, o conjunto contrasta fortemente com a “beleza tranquila” (GRUBRICH-SIMITIS, 1995, p. 191) das demais matrizes textuais enviadas ao prelo.

Trata-se de verdadeiro documento de um *work-in-progress*. Por que razão é tão importante documentar as diversas camadas de elaboração desse texto? Por vários motivos. Primeiramente, porque *APP* é o livro que melhor permite acompanhar o processo de elaboração de um escrito de Freud, já que dispomos de farta documentação corretamente preservada. Além disso, como dissemos, a gênese desse texto foi marcada por polêmicas que, pelo menos em parte, podem ser solucionadas. Além disso, podemos acompanhar em certa medida como foi laborioso o processo de reelaboração que culminaria com a proposição

do conceito que revolucionaria a própria psicanálise, o conceito de pulsão de morte, no capítulo VI, introduzido na versão datilografada-manuscrita, ainda em 1920.

Nesse sentido, antes da primeira publicação, já havia duas versões, uma delas tendo inclusive circulado no restrito círculo de primeiros leitores em Berlim: a primeira versão manuscrita (com seis capítulos, concluída em maio de 1919) e a segunda versão datilografada-manuscrita (já com sete capítulos, concluída em julho de 1920). Entre uma e outra, o autor acrescentou não apenas pequenas revisões e inserções pontuais, mas também partes substanciais escritas à mão, inclusive o capítulo VI, escrito inteiramente à mão, mas pertencente ao caderno datilografado (cf. MAY, 2013, 2015). Essas duas versões são inteiramente desconhecidas do público brasileiro, sendo apresentadas aqui pela primeira vez em português. Em seguida, Freud ainda corrigiu provas, para a publicação da primeira edição impressa, que saiu do prelo no final de 1920. É essa a versão que todos nós conhecíamos. Nos anos seguintes à primeira publicação, Freud fez ainda pequenas revisões e acréscimos, em 1921, 1923 e 1925.

A primeira, e há até pouco tempo única, edição crítica de *Além do princípio de prazer* foi publicada em Frankfurt, em 2013, por Michael Schröter e Ulrike May, na revista *Luzifer-Amor: Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse* (v. 26, n. 51). Ela contém todas as variantes textuais das seis versões do texto. O rigor filológico daquela edição colocou a edição de Freud em outro patamar.¹ Ali acompanhamos inclusive as menores correções, como mudanças de pontuação, divisão de

¹ Em 2015, ela serviu de base para a edição crítica em inglês, apresentada por Matt Ffytche, John Forrester e Michael Molnar na revista *Psychoanalysis and History*, v. 17, n. 2.

parágrafos, além de todas as correções ortográficas e gramaticais. Ela serviu de modelo para nossa edição e como fonte das versões manuscritas (A e B). Para a tradução do texto-base, foi utilizada a edição das *Gesammelte Werke* (Obras reunidas), sempre cotejada com a edição de May e Schröter. Para aspectos editoriais, foram consideradas ainda a *Studienausgabe* (Edição de estudos) e as edições inglesa (Standard) e francesa (PUF), respectivamente, de James Strachey e de Jean Laplanche. As variantes textuais do texto alemão aqui apresentado baseiam-se fundamentalmente na edição *Luzifer-Amor* (v. 26, n. 51, p. 10-67), mas adaptadas para os propósitos desta edição. Somos extremamente gratos a Ulrike May e Michael Schröter, que nos concederam a permissão para utilizarmos sua edição e a liberdade de adaptar seus achados aos nossos formato e propósito.

Edições críticas devem informar precisa e completamente todas as variantes do texto publicado, permitindo ao leitor acompanhar todas as etapas genéticas do texto. Mas esse processo, frequentemente, torna a leitura pouco fluída, afetando significativamente a legibilidade. Por outro lado, não é uma tarefa simples ou confortável para os editores ou tradutores decidir se esta ou aquela modificação textual precisa ou deve ser indicada. Apesar dos inegáveis méritos da edição de James Strachey, o pioneiro organizador da Standard inglesa, sua visão de certa forma teleológica da obra de Freud determinou sua escolha de assinalar todos os *acréscimos* “mais importantes” do autor a edições posteriores de seus trabalhos, mas, ao mesmo tempo, ele não achou necessário assinalar *supressões* ou alterações substanciais (cf. SCHRÖTER, 2013). Como se os conteúdos suprimidos não fizessem parte do resultado, perspectiva no mínimo questionável, principalmente em se tratando de alguém interessado em psicanálise.

De modo geral, sem nenhuma pretensão de neutralidade ou de exaustividade, seguimos critérios bastante simples: correções menores, tais como mudanças pontuação, colocação de aspas, marcações de divisão de parágrafo e correções meramente ortográficas ou gramaticais não foram assinaladas. Foram marcadas apenas inserções, supressões e/ou revisões de palavras e frases que não se encaixam nos casos acima.

A fim de permitir ao leitor a *visualização* das principais modificações entre as versões manuscrita, datilografada e as impressas, utilizamos preferencialmente recursos tipográficos, em vez de notas. Reservamos as notas de fim para a discussão de questões relativas à tradução e às notas explicativas. Para a visualização das variantes textuais, empregamos variações de estilo tipográfico. Esperamos que tais recursos, extremamente simples e intuitivos, permitam a identificação das variantes, sem prejudicar demais a legibilidade do texto. Adotamos a seguinte padronização: *trechos manuscritos indicam textos existentes apenas na versão manuscrita, de 1919, portanto suprimidos das versões posteriores. Textos datilografados indicam trechos inseridos a partir da versão datilografada-manuscrita, de 1920, e mantidos na versão impressa. Textos em corpo de texto normal indicam que o texto da primeira edição publicada em 1920 não foi modificado e que coincide ainda com a primeira versão manuscrita. Textos com sublinhado intermitente indicam modificações introduzidas na segunda edição, de 1921; textos com sublinhado simples contínuo indicam modificações propostas na terceira edição, de 1923; textos com sublinhado duplo indicam alterações da quarta edição, de 1925.*

REFERÊNCIAS

GRUBRICH-SIMITIS, I. *Zurück zu Freuds Texten*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1993. [Edição brasileira: *De volta aos*

textos de Freud. Trad. Ines Lohbauer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.]

MAY, U. Der dritte Schritt in der Trieblehre. Zur Entstehungsgeschichte von „Jenseits des Lustprinzips“. *Luzifer-Amor*, Berlin, v. 26, n. 51, p. 92-169, 2013.

MAY, U. The Third Step in Drive Theory: On the Genesis of *Beyond the Pleasure Principle*. *Psychoanalysis and History*, v. 17, n. 2, p. 205-272, 2015. DOI: 10.3366/pah.2015.0170.

SCHRÖTER, M. Editorische Vorbemerkung. In: *Jenseits des Lustprinzips*, Kritische Edition von Ulrike May und Michael Schröter. In: *LUZIFER-AMOR. Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse*, v. 26, n. 51, 2013, p. 7-10.

Jenseits des Lustprinzips

Além do princípio de prazer

(1920)

JENSEITS DES LUSTPRINZIPS (1920)

1.

In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, daß der Ablauf der seelischen Vorgänge automatisch durch das Lustprinzip reguliert wird, das heißt, wir glauben, daß er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird und dann eine solche Richtung einschlägt, daß sein Endergebnis mit einer [*Herabsetzung oder Aufhebung*] Herabsetzung dieser Spannung, also mit einer Vermeidung von Unlust oder Erzeugung von Lust zusammenfällt. Wenn wir die von uns studierten seelischen Prozesse mit Rücksicht auf diesen Ablauf betrachten, führen wir den ökonomischen Gesichtspunkt in unsere Arbeit ein. Wir meinen, eine Darstellung, die neben dem topischen und dem dynamischen Moment noch dies ökonomische zu würdigen versuche, sei die vollständigste, die wir uns derzeit vorstellen können, und verdiene es, durch den Namen einer *metapsychologischen* hervorgehoben zu werden.

Es hat dabei für uns kein Interesse zu untersuchen, inwieweit wir uns mit der Aufstellung des Lustprinzips einem bestimmten, historisch festgelegten, philosophischen System angenähert oder angeschlossen haben. Wir gelangen zu solchen spekulativen Annahmen bei dem Bemühen, von den Tatsachen der täglichen Beobachtung auf unserem

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER (1920)

1

Na teoria psicanalítica pressupomos sem hesitação que o curso dos processos anímicos¹ seja regulado automaticamente pelo princípio de prazer, isto é, acreditamos que ele seja, a cada vez, estimulado por uma tensão desprazerosa e toma então uma direção tal que seu resultado final coincide com uma [*diminuição ou suspensão*] diminuição dessa tensão, portanto, com uma evitação de desprazer ou uma geração de prazer. Quando, considerando esse curso, observarmos os processos anímicos estudados por nós, estaremos introduzindo em nosso trabalho o ponto de vista *econômico*. Pensamos que uma apresentação que também procure valorizar, ao lado do fator *tópico* e do *dinâmico*, esse fator *econômico* seja a mais completa que podemos imaginar no momento e mereça ser destacada com o nome de *metapsicológica*.²

Não há nesse caso nenhum interesse para nós em investigar até que ponto, com o estabelecimento do princípio de prazer, aproximamos-nos de ou nos associamos a um determinado sistema filosófico, historicamente estabelecido. Chegamos a essas hipóteses especulativas devido ao empenho de descrever e de prestar contas dos fatos

Gebiete Beschreibung und Rechenschaft zu geben. Priorität und Originalität gehören nicht zu den Zielen, die der psychoanalytischen Arbeit gesetzt sind, und die Eindrücke, welche der Aufstellung dieses Prinzips zugrunde liegen, sind so augenfällig, daß es kaum möglich ist, sie zu übersehen. Dagegen würden wir uns gerne zur Dankbarkeit gegen eine philosophische oder psychologische Theorie bekennen, die uns zu sagen wüßte, was [*die Bedingungen*] die Bedeutungen der für uns so imperativen Lust- und Unlustempfindungen sind. Leider wird uns hier nichts Brauchbares geboten. Es ist das dunkelste und unzugänglichste Gebiet des Seelenlebens, und wenn wir unmöglich vermeiden können, es zu berühren, so wird die lockerste Annahme darüber, meine ich, die beste sein. Wir haben uns entschlossen, Lust und Unlust mit der Quantität der im Seelenleben vorhandenen – und nicht irgendwie gebundenen – Erregung in Beziehung zu bringen, solcher Art, daß Unlust einer Steigerung, Lust einer Verringerung dieser Quantität entspricht. Wir denken dabei nicht an ein einfaches Verhältnis zwischen der Stärke der Empfindungen und den Veränderungen, auf die sie bezogen werden; am wenigsten – nach allen Erfahrungen der Psychophysiologie – an direkte Proportionalität; wahrscheinlich ist das Maß der Verringerung oder Vermehrung in der Zeit das für die Empfindung entscheidende Moment. Das Experiment fände hier möglicherweise Zutritt, für uns Analytiker ist weiteres Eingehen in diese Probleme nicht geraten, solange nicht ganz bestimmte Beobachtungen uns leiten können.

Es kann uns aber nicht gleichgültig lassen, wenn wir finden, daß ein so tiefblickender Forscher wie G. Th. Fechner eine Auffassung von Lust und Unlust vertreten hat, welche im wesentlichen mit der zusammenfällt, die uns von der psychoanalytischen Arbeit aufgedrängt wird. Die Äußerung Fechner's ist

de observação cotidiana em nosso campo. Prioridade e originalidade não fazem parte das metas atribuídas ao trabalho psicanalítico, e as impressões que fundamentam o estabelecimento desse princípio são tão evidentes que dificilmente é possível desconsiderá-las. Por outro lado, admitiríamos com prazer a nossa gratidão a uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse nos dizer quais são [*as condições*] os significados³ das sensações de prazer e de desprazer tão imperativas para nós. Infelizmente, nesse caso, nada de útil nos é oferecido. Trata-se do campo mais obscuro e inacessível da vida anímica, e se para nós é impossível evitar tocá-lo, penso que a hipótese mais frouxa sobre ele será a melhor. Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade da excitação disponível⁴ na vida anímica – e não ligada⁵ de alguma maneira –, de tal forma que desprazer corresponde a uma elevação, e prazer, a uma redução dessa quantidade. Com isso, não estamos pensando em uma relação simples entre a intensidade das sensações e as alterações relacionadas a ela; muito menos – após todas as experiências da psicofisiologia – em uma proporcionalidade direta; é provável que a medida de redução ou de ampliação no tempo seja o fator decisivo para a sensação.⁶ Eventualmente a experimentação encontraria aqui um acesso; para nós, analistas, não é aconselhável continuar abordando esses problemas enquanto observações bem definidas não puderem nos guiar.

Mas não pode nos deixar indiferentes o fato de descobrirmos que um pesquisador tão perspicaz como G. T. Fechner⁷ defendeu uma concepção de prazer e de desprazer que coincide essencialmente com aquela que nos foi imposta pelo trabalho psicanalítico. Essa concepção de Fechner encontra-se em seu breve escrito *Algumas contribuições para a história da*

in seiner kleinen Schrift: *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen*, 1873 (Abschnitt XI, Zusatz, p. 94), enthalten und lautet wie folgt: »Insofern bewußte Antriebe immer mit Lust oder Unlust in Beziehung stehen, kann auch Lust oder Unlust mit Stabilitäts- und Instabilitätsverhältnissen in psychophysischer Beziehung gedacht werden, und es läßt sich hierauf die anderwärts von mir näher zu entwickelnde Hypothese begründen, daß jede, die Schwelle des Bewußtseins übersteigende psychophysische Bewegung nach Maßgabe mit Lust behaftet sei, als sie sich der vollen Stabilität über eine gewisse Grenze hinaus nähert, mit Unlust nach Maßgabe, als sie über eine gewisse Grenze davon abweicht, indes zwischen beiden, als qualitative Schwelle der Lust und Unlust zu bezeichnenden Grenzen eine gewisse Breite ästhetischer Indifferenz besteht.«

Die Tatsachen, die uns veranlaßt haben, an die Herrschaft des Lustprinzips im Seelenleben zu glauben, finden auch ihren Ausdruck in der Annahme, daß es ein Bestreben des seelischen Apparates sei, die in ihm vorhandene Quantität von Erregung möglichst niedrig oder wenigstens konstant zu erhalten. Es ist dasselbe, nur in andere Fassung gebracht, denn wenn die Arbeit des seelischen Apparates dahin geht, die Erregungsquantität niedrig zu halten, so muß alles, was dieselbe zu steigern geeignet ist, als funktionswidrig, das heißt, als unlustvoll empfunden werden. Das Lustprinzip leitet sich aus dem Konstanzprinzip ab; in Wirklichkeit wurde das Konstanzprinzip aus den Tatsachen erschlossen, die uns die Annahme des Lustprinzips aufnötigten. Bei eingehenderer Diskussion werden wir auch finden, daß dies von uns angenommene Bestreben des

criação e do desenvolvimento dos organismos, 1873 (Seção XI — Apêndice, p. 94), nos seguintes termos: «Na medida em que impulsos conscientes estão sempre em relação com prazer ou desprazer, também podem ser pensados, prazer ou desprazer, como tendo uma relação psicofísica com condições de estabilidade-instabilidade,⁸ e isso me permite estabelecer a hipótese, que pretendo desenvolver detalhadamente em outro lugar, de que todo movimento psicofísico que ultrapassar o limiar da consciência será dotado de prazer, na medida em que acima de um certo limite ele se aproxima da estabilidade completa, e será dotado de desprazer na medida em que, para além de certo limite, ele se desvia da estabilidade completa; ao passo que entre ambos os limites, caracterizados como limiares qualitativos de prazer e desprazer, existe uma certa margem de indiferença estética...».⁹

Os fatos que nos levaram a acreditar no domínio do princípio de prazer na vida anímica também encontram sua expressão na suposição de que haveria um empenho do aparelho psíquico em manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante. Trata-se da mesma coisa, apenas apresentada em outra versão, pois se o trabalho do aparelho anímico visa manter baixa a quantidade de excitação, então tudo aquilo que for capaz de aumentá-la será necessariamente sentido como adverso à função do aparelho, isto é, como desprazeroso. O princípio de prazer deriva do princípio de constância; na realidade, o princípio de constância foi depreendido a partir dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio de prazer.¹⁰ Em uma discussão mais detalhada descobriremos também que esse empenho que

seelischen Apparates sich als spezieller Fall dem Fechner'schen Prinzip der *Tendenz zur Stabilität* unterordnet, zu dem er die Lust-Unlustempfindungen in Beziehung gebracht hat.

Dann müssen wir aber sagen, es sei eigentlich unrichtig, von einer Herrschaft des Lustprinzips über den Ablauf der seelischen Prozesse zu reden. Wenn eine solche bestände, müßte die übergroße Mehrheit unserer Seelenvorgänge von Lust begleitet sein oder zur Lust führen, während doch die allgemeinste Erfahrung dieser Folgerung energisch widerspricht. Es kann also nur so sein, daß eine starke Tendenz zum Lustprinzip in der Seele besteht, der sich aber gewisse andere Kräfte oder Verhältnisse widersetzen, so daß der Endausgang nicht immer der Lusttendenz entsprechen kann. Vgl. die Bemerkung Fechner's bei ähnlichem Anlasse (ebenda, p. 90): »Damit aber, daß die Tendenz zum Ziele noch nicht die Erreichung des Zieles bedeutet und das Ziel überhaupt nur in Approximationen erreichbar ist.«. Wenn wir uns nun der Frage zuwenden, welche Umstände die Durchsetzung des Lustprinzips zu vereiteln vermögen, dann betreten wir wieder sicheren und bekannten Boden und können unsere analytischen Erfahrungen in reichem Ausmaße zur Beantwortung heranziehen.

Der erste Fall einer solchen Hemmung des Lustprinzips ist uns als ein gesetzmäßiger vertraut. Wir wissen, daß das Lustprinzip einer primären Arbeitsweise des seelischen Apparates eignet, und daß es für die Selbstbehauptung des Organismus unter den Schwierigkeiten der Außenwelt so recht von Anfang an unbrauchbar, ja in hohem Grade gefährlich ist. Unter dem Einflusse der Selbsterhaltungstrieb des Ichs wird es vom *Realitätsprinzip* abgelöst, welches ohne die Absicht endlicher Lustgewinnung aufzugeben,

supomos ao aparelho anímico subordina-se, como um caso particular, ao princípio da *tendência à estabilidade* proposto por Fechner, com o qual ele colocou em relação às sensações de prazer-desprazer.

Mas então precisamos dizer que, afinal, seria incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o decurso dos processos anímicos. Se existisse um domínio como esse, a imensa maioria de nossos processos anímicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, ao passo que a experiência mais comum contradiz energicamente essa conclusão. Então, somente pode ser que na psique exista uma forte tendência ao princípio de prazer, à qual se opõem certas outras forças ou circunstâncias, de modo que o resultado final nem sempre possa corresponder à tendência ao prazer. Compare-se a observação de Fechner (1873, p. 90) a respeito de uma questão semelhante: "Mas, com isso, que a tendência para alcançar a meta ainda não significa o alcance da meta, e que a meta, geralmente, só pode ser alcançada por aproximações...".¹¹ Se agora nos voltarmos à questão sobre quais circunstâncias são capazes de impedir o prevalecimento do princípio de prazer, estaremos novamente pisando em terreno seguro e conhecido, e poderemos recorrer às nossas experiências analíticas em larga medida para responder à questão.

O primeiro caso de uma inibição como essa do princípio de prazer nos é familiar por sua regularidade. Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um modo *primário* de trabalho do aparelho psíquico e que, para a autoafirmação do organismo sob as dificuldades do mundo exterior, ele é, desde o início, totalmente inútil e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência das pulsões de autoconservação do Eu, o princípio de prazer é sucedido pelo *princípio de realidade*, que, sem desistir do propósito de uma obtenção

doch den Aufschub der Befriedigung, den Verzicht auf mancherlei Möglichkeiten einer solchen und die zeitweilige Duldung der Unlust auf dem langen Umwege zur Lust fordert und durchsetzt. Das Lustprinzip bleibt dann noch lange Zeit die Arbeitsweise der schwerer »erziehbaren« Sexualtriebe, und es kommt immer wieder vor, daß es, sei es von diesen letzteren aus, sei es im Ich selbst, das Realitätsprinzip zum Schaden des ganzen Organismus überwältigt.

Es ist indes unzweifelhaft, daß die Ablösung des Lustprinzips durch das Realitätsprinzip nur für einen geringen und nicht für den intensivsten Teil der Unlusterfahrungen verantwortlich gemacht werden kann. Eine andere, nicht weniger gesetzmäßige Quelle der Unlustentbindung ergibt sich aus den Konflikten und Spaltungen im seelischen Apparat, während das Ich seine Entwicklung zu höher zusammengesetzten Organisationen durchmacht. Fast alle Energie, die den Apparat erfüllt, stammt aus den mitgebrachten Triebregungen, aber diese werden nicht alle zu den gleichen Entwicklungsphasen zugelassen. Unterwegs geschieht es immer wieder, daß einzelne Triebe oder Triebanteile sich in ihren Zielen oder Ansprüchen als unverträglich mit den übrigen erweisen, die sich zu der umfassenden Einheit des Ichs zusammenschließen können. Sie werden dann von dieser Einheit durch den Prozeß der Verdrängung abgespalten, auf niedrigeren Stufen der psychischen Entwicklung zurückgehalten und zunächst von der Möglichkeit einer Befriedigung abgeschnitten. Gelingt es ihnen dann, was bei den verdrängten Sexualtrieben so leicht geschieht, sich auf Umwegen zu einer direkten oder Ersatzbefriedigung durchzuringen, so wird dieser Erfolg, der sonst eine Lustmöglichkeit gewesen wäre, vom Ich als Unlust empfunden. Infolge des alten, in die Verdrängung auslaufenden Konfliktes hat das Lustprinzip einen neuerlichen Durchbruch

final de prazer, exige e estabelece, no entanto, o adiamento da satisfação, a renúncia às diversas possibilidades dessa satisfação e a tolerância temporária do desprazer pelo longo desvio para chegar ao prazer. O princípio de prazer segue sendo então, por longo tempo ainda, o modo de trabalho das pulsões sexuais difíceis de "educar", e sempre volta a ocorrer que, seja a partir dessas últimas, seja no próprio Eu, ele vence o princípio de realidade, em prejuízo do organismo inteiro.

Não há dúvida, contudo, de que a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade só pode ser responsabilizada por uma pequena parte e não pela parte mais intensa das experiências de desprazer. Outra fonte de liberação não menos regular provém dos conflitos e clivagens no aparelho anímico, enquanto o Eu passa por seu desenvolvimento em direção a organizações de composição mais complexas. Quase toda a energia que preenche o aparelho provém das moções pulsionais inatas, mas nem todas elas são admitidas às mesmas fases de desenvolvimento. No meio do percurso, sempre volta a ocorrer que pulsões isoladas ou partes de pulsões revelem-se inconciliáveis em suas metas ou reivindicações com as restantes que podem juntar-se à unidade abrangente do Eu. São, então, dissociadas dessa unidade pelo processo de recalçamento,¹² retidas em estágios inferiores do desenvolvimento psíquico e antes de tudo cortadas da possibilidade de uma satisfação. Caso então consigam – o que acontece tão facilmente com as pulsões sexuais recalçadas –, através de desvios, lutar para chegar a uma satisfação direta ou substitutiva, esse êxito, que normalmente teria sido uma possibilidade de prazer, será sentido pelo Eu como desprazer. Em consequência do antigo conflito que desembocou no recalçamento, o princípio de prazer sofreu uma nova ruptura, justamente

erfahren, gerade während gewisse Triebe am Werke waren, in Befolgung des Prinzips neue Lust zu gewinnen. Die Einzelheiten des Vorganges, durch welchen die Verdrängung eine Lustmöglichkeit in eine Unlustquelle verwandelt, sind noch nicht gut verstanden oder nicht klar darstellbar, aber sicherlich ist alle neurotische Unlust von solcher Art, ist Lust, die nicht als solche empfunden werden kann.¹

Die beiden hier angezeigten Quellen der Unlust decken noch lange nicht die Mehrzahl unserer Unlusterlebnisse, aber vom Rest wird man mit einem Anschein von gutem Recht behaupten, daß sein Vorhandensein der Herrschaft des Lustprinzips nicht widerspricht. Die meiste Unlust, die wir verspüren, ist ja Wahrnehmungsunlust, entweder Wahrnehmung des Drängens unbefriedigter Triebe oder äußere Wahrnehmung, sei es, daß diese an sich peinlich ist, oder daß sie unlustvolle Erwartungen im seelischen Apparat erregt, von ihm als »Gefahr« erkannt wird. Die Reaktion auf diese Triebansprüche und Gefahrdrohungen, in der sich die eigentliche Tätigkeit des seelischen Apparates äußert, kann dann in korrekter Weise vom Lustprinzip oder dem es modifizierenden Realitätsprinzip geleitet werden. Somit scheint es nicht notwendig, eine weitergehende Einschränkung des Lustprinzips anzuerkennen, und doch kann gerade die Untersuchung der seelischen Reaktion auf die äußerliche Gefahr neuen Stoff und neue Fragestellungen zu dem hier behandelten Problem liefern.

II

Nach schweren mechanischen Erschütterungen, Eisenbahnzusammenstößen und anderen, mit Lebensgefahr

¹ Das wesentliche ist wohl, daß Lust und Unlust als bewußte Empfindungen an das Ich gebunden sind.

quando certas pulsões estavam operando para, em obediência a esse princípio, obter novo prazer. Os detalhes do processo através do qual o recalçamento transforma uma possibilidade de prazer em uma fonte de desprazer ainda não foram bem compreendidos ou não podem ser claramente apresentados, mas certamente qualquer desprazer neurótico é dessa espécie, é prazer que não pode ser sentido como tal.¹

As duas fontes de desprazer aqui indicadas estão longe de cobrir a maioria de nossas experiências de desprazer, mas das restantes podemos afirmar, aparentemente com bons motivos, que a sua presença não contradiz o domínio do princípio de prazer. A maior parte do desprazer que nós sentimos é certamente desprazer de percepção, seja ele percepção da pressão de pulsões insatisfeitas, seja percepção externa; mesmo que esta seja desagradável em si, ou que desperte expectativas desprazerosas no aparelho anímico, ela será reconhecida por ele como "perigo".¹³ A reação a essas exigências pulsionais e às ameaças de perigo, na qual se manifesta a atividade característica do aparelho anímico, pode, então, ser dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade que o modifica. Com isso, não parece necessário reconhecer uma limitação adicional ao princípio de prazer; no entanto, é justamente a investigação da reação anímica ao perigo exterior que poderá fornecer um novo material e novas interrogações ao problema de que aqui tratamos.

II

Um estado surgido após graves abalos mecânicos, colisões ferroviárias e outros acidentes relacionados ao risco

¹ O essencial é, sem dúvida, que prazer e desprazer estão conectados ao Eu enquanto sensações conscientes.

verbundenen Unfällen ist seit langem ein Zustand beschrieben worden, dem dann der Name »traumatische Neurose« verblieben ist. Der schreckliche, eben jetzt abgelaufene Krieg hat eine große Anzahl solcher Erkrankungen entstehen lassen und wenigstens der Versuchung ein Ende gesetzt, sie auf organische Schädigung des Nervensystems durch Einwirkung mechanischer Gewalt zurückzuführen.¹ Das Zustandsbild der traumatischen Neurose nähert sich der Hysterie durch seinen Reichtum an ähnlichen motorischen Symptomen, übertrifft diese aber in der Regel durch die stark ausgebildeten Anzeichen subjektiven Leidens, etwa wie bei einer Hypochondrie oder Melancholie, und durch die Beweise einer weit umfassenderen allgemeinen Schwächung und Zerrüttung der seelischen Leistungen. Ein volles Verständnis ist bisher weder für die Kriegsneurosen noch für die traumatischen Neurosen des Friedens erzielt worden. Bei den Kriegsneurosen wirkte es einerseits aufklärend, aber doch wiederum verwirrend, daß dasselbe Krankheitsbild gelegentlich ohne Mithilfe einer groben mechanischen Gewalt zustande [*kommen konnte*] kam; an der gemeinen traumatischen Neurose heben sich zwei Züge hervor, an welche die Überlegung anknüpfen konnte, erstens, daß das Hauptgewicht der Verursachung auf das Moment der Überraschung, auf den Schreck, zu fallen schien, und zweitens, daß eine gleichzeitig erlittene Verletzung oder Wunde zumeist der Entstehung der Neurose entgegenwirkte. Schreck, Furcht, Angst werden mit Unrecht wie synonyme Ausdrücke gebraucht; sie lassen sich in ihrer Beziehung zur Gefahr gut auseinanderhalten. Angst bezeichnet einen gewissen Zustand wie Erwartung der Gefahr und Vorbereitung auf dieselbe,

¹ Vgl. Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen, mit Beiträgen von Ferenczi, Abraham, Simmel und E. Jones. Band I der Internationalen Psychoanalytischen Bibliothek, 1919.

de morte, foi descrito há muito tempo e acabou ficando conhecido como "neurose traumática".¹⁴ A terrível guerra assustadora que agora acaba de terminar fez surgir um grande número desses adoecimentos e ao menos pôs fim à tentação de remetê-los a um dano orgânico causado ao sistema nervoso pela atuação de uma violência mecânica.¹ O quadro do estado da neurose traumática aproxima-se do da histeria por sua riqueza em sintomas motores semelhantes, mas o supera, via de regra, pelos indícios fortemente marcados de sofrimento subjetivo, algo como no caso de uma hipocondria ou melancolia, bem como pelas evidências de um enfraquecimento geral muito mais amplo e pela ruptura das funções anímicas. Até agora não se chegou a uma compreensão plena das neuroses de guerra, tampouco das neuroses traumáticas dos períodos de paz. No caso das neuroses de guerra, parecia por um lado esclarecedor, e por outro também desconcertante que o mesmo quadro clínico [*podesse se produzir*] se produzisse ocasionalmente sem a cooperação de uma violência mecânica bruta; na neurose traumática comum destacavam-se dois traços, que podiam associar-se à reflexão: primeiro, que o peso principal da causação parecia recair sobre o fator da surpresa, do terror, e segundo, que geralmente um ferimento ou ferida sofrido simultaneamente agia de maneira contrária ao aparecimento da neurose¹⁵. Terror, temor, angústia¹⁶ são erroneamente utilizados como expressões sinônimas; em sua relação com o perigo elas se deixam distinguir devidamente. Angústia designa um certo estado tal como o de expectativa do perigo e preparação para ele, mesmo que este seja desconhecido;

¹ Cf. *Sobre a psicanálise das neuroses de guerra* [Com contribuições de Ferenczi, Abraham, Simmel e E. Jones. Volume I. Internationalen Psychoanalytischen Bibliothek, 1919].

mag sie auch eine unbekannte sein; Furcht verlangt ein bestimmtes Objekt, vor dem man sich fürchtet; Schreck aber benennt den Zustand, in den man gerät, wenn man in Gefahr kommt, ohne auf sie vorbereitet zu sein, betont das Moment der Überraschung. Ich glaube nicht, daß die Angst eine traumatische Neurose erzeugen kann; an der Angst ist etwas, was gegen den Schreck und also auch gegen die Schreckneurose schützt. Wir werden auf diesen Satz später zurückkommen.

Das Studium des Traumes dürfen wir als den zuverlässigsten Weg zur Erforschung der seelischen Tiefenvorgänge betrachten. Nun zeigt das Traumleben der traumatischen Neurose den Charakter, daß es den Kranken immer wieder in die Situation seines Unfalles zurückführt, aus der er mit neuem Schreck erwacht. Darüber verwundert man sich viel zu wenig. Man meint, es sei eben ein Beweis für die Stärke des Eindrucks, den das traumatische Erlebnis gemacht hat, daß es sich dem Kranken, sogar im Schlaf immer wieder aufdrängt. Der Kranke sei an das Trauma sozusagen psychisch fixiert. Solche Fixierungen an das Erlebnis, welches die Erkrankung ausgelöst hat, sind uns seit langem bei der Hysterie bekannt. Breuer und Freud äußerten 1893: Die Hysterischen leiden größtenteils an Reminiszenzen. Auch bei den Kriegsneurosen haben Beobachter, wie Ferenczi und Simmel, manche motorische Symptome durch Fixierung an den Moment des Traumas erklären können.

Allein es ist mir nicht bekannt, daß die an traumatischer Neurose Krankenden sich im Wachleben viel mit der Erinnerung an ihren Unfall beschäftigen. Vielleicht bemühen sie sich eher, nicht an ihn zu denken. Wenn man es als selbstverständlich hinnimmt, daß der nächtliche Traum sie wieder in die krankmachende Situation versetzt, so erkennt man die Natur des Traumes. Dieser würde es eher entsprechen, dem Kranken Bilder aus der Zeit der Gesundheit oder der

temor requer um objeto determinado que se teme; terror, porém, nomeia o estado em que se entra quando se corre perigo sem que se esteja preparado para ele, acentuando o fator da surpresa. Não acredito que a angústia possa gerar uma neurose traumática; na angústia há algo que protege contra o terror e, portanto, também contra a neurose de terror. Voltaremos mais tarde a essa tese.

Autorizamo-nos a considerar o estudo do sonho como o caminho mais confiável para a investigação dos processos anímicos profundos. Ocorre que a vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de repetidamente reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto. A respeito disso realmente pouco nos surpreendemos. Pensamos que uma evidência da força da impressão que a experiência traumática deixou seria justamente o fato de ela impor-se ao doente sem cessar, até mesmo no sono. O doente estaria, por assim dizer, psiquicamente fixado no trauma. Essas fixações na vivência que desencadeou o adoecimento nos são conhecidas há muito tempo na histeria. Breuer e Freud declaravam em 1893: as pessoas histéricas sofrem, em grande parte, de reminiscências. Observadores como Ferenczi e Simmel também puderam explicar alguns sintomas motores nas neuroses de guerra pela fixação no momento do trauma.

No entanto, não tenho conhecimento de que os doentes de neurose traumática se ocupem muito, no estado de vigília, com a lembrança de seu acidente. Talvez se esforcem muito mais por não pensar nele. Se admitirmos ser evidente que o sonho noturno os desloca novamente para a situação que os tornou doentes, estaremos julgando mal a natureza do sonho. A este seria muito mais próprio apresentar ao doente imagens do tempo em que tinha

erhofften Genesung vorzuführen. Sollen wir durch die Träume der Unfallsneurotiker nicht an der wunscherfüllenden Tendenz des Traumes irre werden, so bleibt uns etwa noch die Auskunft, bei diesem Zustand sei wie so vieles andere auch die Traumfunktion erschüttert und von ihren Absichten abgelenkt worden, oder wir müßten der rätselhaften masochistischen Tendenzen des Ichs gedenken.

Ich mache nun den Vorschlag, das dunkle und düstere Thema der traumatischen Neurose zu verlassen und die Arbeitsweise des seelischen Apparates an einer seiner frühzeitigsten normalen Betätigungen zu studieren. Ich meine das Kinderspiel.

Die verschiedenen Theorien des Kinderspiels sind erst kürzlich von S. Pfeifer in der »Imago« (V/4) zusammengestellt und analytisch gewürdigt worden; ich kann hier auf diese Arbeit verweisen. Diese Theorien bemühen sich, die Motive des Spielens der Kinder zu erraten, ohne daß dabei der ökonomische Gesichtspunkt, die Rücksicht auf Lustgewinn, in den Vordergrund gerückt würde. Ich habe, ohne das Ganze dieser Erscheinungen umfassen zu wollen, eine Gelegenheit ausgenützt, die sich mir bot, um das erste selbstgeschaffene Spiel eines Knaben im Alter von 1½ Jahren aufzuklären. Es war mehr als eine flüchtige Beobachtung, denn ich lebte durch einige Wochen mit dem Kinde und dessen Eltern unter einem Dach, und es dauerte ziemlich lange, bis das rätselhafte und andauernd wiederholte Tun mir seinen Sinn verriet.

Das Kind war in seiner intellektuellen Entwicklung keineswegs voreilig, es sprach mit 1½ Jahren erst wenige verständliche Worte und verfügte außerdem über mehrere bedeutungsvolle Laute, die von der Umgebung verstanden wurden. Aber es war in gutem Rapport mit den Eltern und dem einzigen Dienstmädchen und wurde

saúde ou imagens da recuperação esperada. Se não quisermos nos deixar desorientar pelos sonhos dos neuróticos acidentários no que diz respeito à tendência à realização de desejo do sonho, talvez nos reste ainda a informação de que nesse estado também a função do sonho, entre muitas outras coisas, foi abalada e desviada de seus propósitos, ou teríamos, necessariamente, de nos lembrar das enigmáticas tendências masoquistas do Eu.

Faço agora a sugestão de abandonar o tema obscuro e nebuloso da neurose traumática e estudar o modo de trabalho do aparelho anímico em uma de suas atividades normais mais precoces. Refiro-me à brincadeira de crianças.¹⁷

As diversas teorias sobre a brincadeira de crianças só foram recentemente reunidas e apreciadas analiticamente por S. Pfeifer na Imago (v. 4); aqui posso indicar esse trabalho. Essas teorias empenharam-se em descobrir os motivos da brincadeira de crianças, sem que o ponto de vista econômico, a consideração ao ganho de prazer tivesse sido trazido para o primeiro plano. Sem querer abarcar a totalidade desses fenômenos, aproveitei uma oportunidade que se me ofereceu para esclarecer a primeira brincadeira criada por um garotinho na idade de 1 ano e meio. Foi mais do que uma observação superficial, pois passei algumas semanas com a criança e seus pais sob o mesmo teto,¹⁸ e levou bastante tempo até que essa ação enigmática e repetida sem cessar me revelasse seu sentido.

A criança não era de modo algum precoce em seu desenvolvimento intelectual, falava, com 1 ano e meio, apenas algumas palavras compreensíveis e dispunha, além disso, de vários sons significativos que eram entendidos em seu entorno. Mas ela tinha uma boa relação com os pais e com a única empregada da casa e era elogiada por seu caráter "bem comportado". Não perturbava os pais à

wegen seines »anständigen« Charakters gelobt. Es störte die Eltern nicht zur Nachtzeit, befolgte gewissenhaft die Verbote, manche Gegenstände zu berühren und in gewisse Räume zu gehen, und vor allem anderen, es weinte nie, wenn die Mutter es für Stunden verließ, obwohl es dieser Mutter zärtlich anhing, die das Kind nicht nur selbst genährt, sondern auch ohne jede fremde Beihilfe gepflegt und betreut hatte. Dieses brave Kind zeigte nun die gelegentlich störende Gewohnheit, alle kleinen Gegenstände, deren es habhaft wurde, weit weg von sich in eine Zimmerecke, unter ein Bett usw. zu schleudern, so daß das Zusammensuchen seines Spielzeugs oft keine leichte Arbeit war. Dabei brachte es mit dem Ausdruck von Interesse und Befriedigung ein lautes, langgezogenes [00000] [o-o-o-o] o-o-o-o hervor, das nach dem übereinstimmenden Urteil der Mutter und des Beobachters keine Interjektion war, sondern »Fort« bedeutete. Ich merkte endlich, daß das ein Spiel sei, und daß das Kind alle seine Spielsachen nur dazu benütze, mit ihnen »fortsein« zu spielen. Eines Tages machte ich dann die Beobachtung, die meine Auffassung bestätigte. Das Kind hatte eine Holzspule, die mit einem Bindfaden umwickelt war. Es fiel ihm nie ein, sie z. B. am Boden hinter sich herzuziehen, also Wagen mit ihr zu spielen, sondern es warf die am Faden gehaltene Spule mit großem Geschick über den Rand seines verhängten Bettchens, so daß sie darin verschwand, sagte dazu sein bedeutungsvolles [00000] [o-o-o-o] o-o-o-o und zog dann die Spule am Faden wieder aus dem Bett heraus, begrüßte aber deren Erscheinen jetzt mit einem freudigen »Da«. Das war also das komplette Spiel, Verschwinden und Wiederkommen, wovon man zumeist nur den ersten Akt zu sehen bekam, und dieser wurde für sich allein

noite, obedecia conscienciosamente às proibições de tocar em certos objetos e de entrar em determinados cômodos da casa e, acima de tudo, nunca chorava quando a mãe a deixava por horas, muito embora ela estivesse ternamente ligada a essa mãe que não apenas havia amamentado a criança pessoalmente, como também, sem qualquer ajuda alheia, havia cuidado dela e a amparado. Acontece que essa criança comportada passou a apresentar o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama etc., de modo que reunir seus brinquedos com frequência não era nenhuma tarefa fácil. Ao fazê-lo, ela produzia, com uma expressão de interesse e satisfação, um [00000] [o-o-o-o] "o-o-o-o" sonoro e prolongado, que, segundo o julgamento unânime da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava "fort" [desapareceu, sumiu]. Percebi finalmente que isso era uma brincadeira e que a criança só utilizava seus brinquedos para brincar de "fortsein" [desaparecer] com eles. Então um dia fiz a observação que confirmou minha compreensão. A criança tinha um carretel de madeira, no qual estava enrolado um fio. Nunca lhe ocorria, por exemplo, de arrastá-lo pelo chão atrás de si para então brincar de carrinho com ele, mas, em vez disso, atirava com grande destreza o carretel amarrado na linha por sobre a beirada de seu berço cortinado, de modo a que ele desaparecesse lá dentro, pronunciava seu [00000] [o-o-o-o] "o-o-o-o" significativo e depois puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama, mas agora saudava seu aparecimento com um alegre "da" [eis aqui, achô, chegô].¹⁹ Essa era, então, a brincadeira completa, sumir e retornar, da qual, na maior parte do tempo, só nos era dado ver o primeiro ato, e este era por si só incansavelmente repetido como brincadeira,

unermüdlich als Spiel wiederholt, obwohl die größere Lust unzweifelhaft dem zweiten Akt anhing.¹

Die Deutung des Spieles lag dann nahe. Es war im Zusammenhang mit der großen kulturellen Leistung des Kindes, mit dem von ihm zustande gebrachten Triebverzicht (Verzicht auf Triebbefriedigung), das Fortgehen der Mutter ohne Sträuben zu gestatten. Es entschädigte sich gleichsam dafür, indem es dasselbe Verschwinden und Wiederkommen mit den ihm erreichbaren Gegenständen selbst in Szene setzte. Für die affektive Einschätzung dieses Spieles ist es natürlich gleichgültig, ob das Kind es selbst erfunden oder sich infolge einer Anregung zu eigen gemacht hatte. Unser Interesse wird sich einem anderen Punkte zuwenden. Das Fortgehen der Mutter kann dem Kinde unmöglich angenehm oder auch nur gleichgültig gewesen sein. Wie stimmt es also zum Lustprinzip, daß es dieses ihm peinliche Erlebnis als Spiel wiederholt? Man wird vielleicht antworten wollen, das Fortgehen mußte als Vorbedingung des erfreulichen Wiedererscheinens gespielt werden, im letzteren sei die eigentliche Spielabsicht gelegen. Dem würde die Beobachtung widersprechen, daß der erste Akt, das Fortgehen, für sich allein als Spiel inszeniert wurde, und zwar ungleich häufiger als das zum lustvollen Ende fortgeführte Ganze.

¹ Diese Deutung wurde dann durch eine weitere Beobachtung völlig gesichert. Als eines Tages die Mutter über viele Stunden abwesend gewesen war, wurde sie beim Wiederkommen mit der Mitteilung begrüßt: *Bebi o--o--o--o!*, die zunächst unverständlich blieb. Es ergab sich aber bald, daß das Kind während dieses langen Alleinseins ein Mittel gefunden hatte, sich selbst verschwinden zu lassen. Es hatte sein Bild in dem fast bis zum Boden reichenden Standspiegel entdeckt und sich dann niedergekauert, so daß das Spiegelbild »fort« war. [L-A].

embora o maior prazer estivesse sem dúvida atrelado ao segundo ato.¹

A interpretação da brincadeira estava clara, então. Ela estava associada com a grande realização cultural da criança, com a renúncia pulsional levada a cabo por ela (renúncia à satisfação pulsional), ao consentir, sem oposição, que a mãe fosse embora. Ela estava se compensando, por assim dizer, quando ela própria colocava em cena o mesmo desaparecimento e retorno utilizando os objetos ao seu alcance. Para estimar o valor afetivo dessa brincadeira, é naturalmente indiferente saber se a própria criança a tinha inventado ou se havia se apropriado dela como resultado de um incentivo. Nosso interesse será dirigido para outro ponto. É impossível que a partida da mãe tenha sido agradável ou mesmo apenas indiferente para a criança. Como, então, conciliar com o princípio de prazer o fato de ela repetir como brincadeira essa experiência dolorosa para ela? Talvez queiramos responder que o desaparecimento teria necessariamente de ser encenado como a precondição do reaparecimento reconfortante, e o verdadeiro propósito da brincadeira residiria neste último. Isso seria contestado pela observação de que o primeiro ato, a partida [da mãe], havia sido encenado somente como brincadeira em si e, na verdade, com frequência incomparavelmente maior do que a cena inteira, que levava até o final prazeroso.

¹ Essa interpretação foi plenamente confirmada por outra nova observação. Um dia em que a mãe esteve ausente por muitas horas, foi saudada em seu retorno com a seguinte expressão: *Bebi o-o-o-o!* [Nenê o-o-o-o!], que ficou incompreensível de início. Mas logo tornou-se evidente que a criança, durante esse longo período em que esteve sozinha, havia encontrado um meio de se fazer desaparecer. Ela havia descoberto sua imagem em um espelho que chegava quase até o chão e então agachava-se de modo a que a imagem no espelho desaparecesse [fort war].

Die Analyse eines solchen einzelnen Falles ergibt keine sichere Entscheidung; bei unbefangener Betrachtung gewinntman den Eindruck, daß das Kind das Erlebnis aus einem anderen Motiv [*als Spiel wiederholt*] zum Spiel gemacht hat. Es war dabei passiv, wurde vom Erlebnis betroffen und bringt sich nun in eine aktive Rolle, indem es dasselbe, trotzdem es unlustvoll war, als Spiel wiederholt. Dieses Bestreben könnte man einem Bemächtigungstrieb zurechnen, der sich davon unabhängig macht, ob die Erinnerung an sich lustvoll war oder nicht. Man kann aber auch eine andere Deutung versuchen. Das Wegwerfen des Gegenstandes, so daß er fort ist, könnte die Befriedigung eines im Leben unterdrückten Racheimpulses gegen die Mutter sein, weil sie vom Kinde fortgegangen ist und dann die trotzigte Bedeutung haben: Ja, geh' nur fort, ich brauch' dich nicht, ich schick' dich selber weg. Dasselbe Kind, das ich mit 1½ Jahren bei seinem ersten Spiel beobachtete, pflegte ein Jahr später ein Spielzeug, über das es sich geärgert hatte, auf den Boden zu werfen und dabei zu sagen: Geh' in K(r)ieg! Man hatte ihm damals erzählt, der abwesende Vater befinde sich im Krieg, und es vermißte den Vater gar nicht, sondern gab die deutlichsten Anzeichen von sich, daß es im Alleinbesitz der Mutter nicht gestört werden wolle.ⁱ Wir wissen auch von anderen Kindern, daß sie ähnliche feindselige Regungen durch das Wegschleudern von Gegenständen an Stelle der Personen auszudrücken vermögen.ⁱⁱ Man gerät so in

ⁱ Als das Kind 5¼ Jahre alt war, starb die Mutter. Jetzt, da sie wirklich »fort« (o—o—o) war, zeigte der Knabe keine Trauer um sie. Allerdings war inzwischen ein zweites Kind geboren worden, das seine stärkste Eifersucht erweckt hatte.

ⁱⁱ Vgl. Eine Kindheitserinnerung aus »Dichtung und Wahrheit«. Imago, V. 1917. [Ges. Werke, Bd. XII.]

A análise de um caso isolado como esse não leva a nenhuma decisão segura; em uma consideração imparcial, ficamos com a impressão de que foi por outro motivo que a criança [*repetiu (a experiência) como uma brincadeira*] fez da experiência uma brincadeira. Nesse caso ela estava passiva, foi afetada pela vivência, e colocou-se então em um papel ativo, repetindo-a como brincadeira, embora a tal vivência tenha sido desprazerosa. Esse esforço poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento que passa a ser independente do fato de a lembrança ter sido em si prazerosa ou não. Mas também podemos tentar outra interpretação. Atirar para longe o objeto de modo que ele fique desaparecido poderia ser a satisfação de um impulso de vingança contra a mãe reprimido ao longo da vida, por ela ter desaparecido de perto da criança, e teria então o seguinte significado provocador: "Pois desapareça logo, eu não preciso de você, eu mesmo te mando embora". Um ano mais tarde, a mesma criança que observei com 1 ano e meio em sua primeira brincadeira costumava atirar ao chão um brinquedo com o qual tinha se irritado, dizendo: "Vá pra gue(r)ra!". Na época, haviam lhe contado que seu pai ausente se encontrava na guerra, e ela não sentia a sua falta de forma alguma, mas mostrava, pelos indícios mais evidentes, que não queria ser perturbada em sua posse exclusiva da mãe.ⁱ Também temos conhecimento de outras crianças que são capazes de dar expressão a moções hostis semelhantes, arremessando para longe objetos²⁰ no lugar de pessoas.ⁱⁱ Dessa maneira,

ⁱ [1920:] Quando a criança tinha 5 anos e 9 meses a mãe morreu. Agora que ela realmente "tinha desaparecido" [*fort (o—o—o) war*], o garotinho não mostrava nenhum luto por ela. Por outro lado, havia nascido nesse intervalo uma segunda criança, o que lhe havia despertado o mais forte ciúme.

ⁱⁱ Cf. "Uma lembrança de infância" em *Poesia e verdade*. [nesta coleção, no volume *Arte, literatura e os artistas*].

Zweifel, ob der Drang, etwas Eindrucksvolles psychisch zu verarbeiten, sich seiner voll zu bemächtigen, sich primär und unabhängig vom Lustprinzip äußern kann. Im hier diskutierten Falle könnte er einen unangenehmen Eindruck doch nur darum im Spiel wiederholen, weil mit dieser Wiederholung ein andersartiger, aber direkter Lustgewinn verbunden ist.

Auch die weitere Verfolgung des Kinderspiels hilft diesem unserem Schwanken zwischen zwei Auffassungen nicht ab. Man sieht, daß die Kinder alles im Spiele wiederholen, was ihnen im Leben großen Eindruck gemacht hat, daß sie dabei die Stärke des Eindruckes abreagieren und sich sozusagen zu Herren der Situation machen. Aber andererseits ist es klar genug, daß all ihr Spielen unter dem Einflusse des Wunsches steht, der diese ihre Zeit dominiert, des Wunsches: groß zu sein und so tun zu können wie die Großen. Man **macht** auch die Beobachtung, daß der Unlustcharakter des Erlebnisses es nicht immer für das Spiel unbrauchbar macht. Wenn der Doktor dem Kinde in den Hals geschaut oder eine kleine Operation an ihm ausgeführt hat, so wird dies erschreckende Erlebnis ganz gewiß zum Inhalt des nächsten Spieles werden, aber der Lustgewinn aus anderer Quelle ist dabei nicht zu übersehen. Indem das Kind aus der Passivität des Erlebens in die Aktivität des Spielens übergeht, fügt es einem Spielgefährten das Unangenehme zu, das ihm selbst widerfahren war, und rächt sich so an der Person dieses Stellvertreters.

Aus diesen Erörterungen geht immerhin hervor, daß die Annahme eines besonderen Nachahmungstriebes als Motiv des Spielens überflüssig ist. Schließen wir noch die Mahnungen an, daß das künstlerische Spielen und Nachahmen der Erwachsenen, das zum Unterschied vom Verhalten des Kindes auf die Personen des Zuschauers zielt, diesem

ficamos na dúvida se a pressão para elaborar psiquicamente com algo impressionante, para se apoderar disso plenamente, pode manifestar-se de maneira primária e independentemente do princípio de prazer. No caso aqui discutido, uma impressão desagradável só poderia afinal ser repetida na brincadeira, porque a essa repetição está vinculado um ganho de prazer de outra ordem, porém direto.

Nem sequer observar a brincadeira infantil de outra maneira irá nos ajudar nessa nossa oscilação entre duas concepções. Vemos que as crianças repetem na brincadeira tudo aquilo que lhes causou forte impressão em sua vida, que ao fazê-lo ab-reagem à intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, senhoras da situação. Mas, por outro lado, está bem claro que toda a sua brincadeira está sob a influência do desejo que domina esse período de suas vidas: o desejo de ser grande e de poder fazer o que aqueles que são grandes fazem. Também fazemos a observação de que o caráter desprazeroso da experiência nem sempre a torna inutilizável para a brincadeira. Se o médico examinou a garganta da criança ou a submeteu a uma pequena cirurgia, essa experiência assustadora irá certamente se tornar o conteúdo da próxima brincadeira, mas nesse caso o ganho de prazer de outra fonte não pode deixar de ser percebido. Ao mesmo tempo que a criança passa da passividade da vivência para a atividade da brincadeira, ela inflige a um companheiro de brincadeira o que aconteceu com ela mesma de desagradável, e assim se vinga na pessoa desse substituto.

Seja como for, resulta dessas discussões que a suposição de uma pulsão especial de imitação como motivo da brincadeira é supérflua. Chamemos ainda a atenção para o fato de que nos adultos a encenação artística e a imitação, que, diferentemente da conduta da criança, visam à pessoa do espectador, não os poupam, a exemplo da tragédia,

die schmerzlichsten Eindrücke z. B. in der Tragödie nicht erspart und doch von ihm als hoher Genuß empfunden werden kann. Wir werden so davon überzeugt, daß es auch unter der Herrschaft des Lustprinzips Mittel und Wege genug gibt, um das an sich Unlustvolle zum Gegenstand der Erinnerung und seelischen Bearbeitung zu machen. Mag sich mit diesen, in endlichen Lustgewinn auslaufenden Fällen und Situationen eine ökonomisch gerichtete Ästhetik befassen; für unsere Absichten leisten sie nichts, denn sie setzen Existenz und Herrschaft des Lustprinzips voraus und zeugen nicht für die Wirksamkeit von Tendenzen jenseits des Lustprinzips, das heißt solcher, die ursprünglicher als dies und von ihm unabhängig wären.

III

Fünfundzwanzig Jahre intensiver Arbeit haben es mit sich gebracht, daß die nächsten Ziele der psychoanalytischen Technik heute ganz andere sind als zu Anfang. Zuerst konnte der analysierende Arzt nichts anderes anstreben, als das dem Kranken verborgene Unbewußte zu erraten, zusammenzusetzen und zur rechten Zeit mitzuteilen. Die Psychoanalyse war vor allem eine Deutungskunst. Da die therapeutische Aufgabe dadurch nicht gelöst war, trat sofort die nächste Absicht auf, den Kranken zur Bestätigung der Konstruktion durch seine eigene Erinnerung zu nötigen. Bei diesem Bemühen fiel das Hauptgewicht auf die Widerstände des Kranken; die Kunst war jetzt, diese baldigst aufzudecken, dem Kranken zu zeigen und ihn durch menschliche Beeinflussung (hier die Stelle für die als »Übertragung« wirkende Suggestion) zum Aufgeben der Widerstände zu bewegen.

Dann aber wurde es immer deutlicher, daß das gesteckte Ziel, die Bewußtwerdung des Unbewußten, auch

das mais dolorosas impressões, e ainda assim podem ser sentidas por eles como um elevado deleite. Assim, ficamos convencidos de que mesmo sob o domínio do princípio de prazer existem meios e caminhos suficientes para fazer daquilo que em si é desprazeroso objeto de recordação e de elaboração anímica. Deixemos que os casos e as situações que desembocam em um ganho final de prazer sejam abordados por uma estética de orientação econômica; para os nossos propósitos, eles não servem de nada, pois pressupõem a existência e o domínio do princípio de prazer e não dão testemunhos da eficácia de tendências que estão além do princípio de prazer, isto é, de tendências que seriam mais primevas que ele e independentes dele.

III

Vinte e cinco anos de trabalho intenso trouxeram a constatação de que as metas imediatas da técnica psicanalítica são hoje muito diferentes do que eram no início. Antes, o médico analista não podia almejar nada além de descobrir e estabelecer conexões quanto ao inconsciente oculto e, no momento oportuno, comunicar ao doente. A psicanálise era, antes de tudo, uma arte de interpretação.²¹ Como a tarefa terapêutica não ficava resolvida dessa maneira, surgiu imediatamente o propósito seguinte, que consistia em instar o doente a confirmar a construção por meio de sua própria lembrança. Com esse esforço, o peso principal recaiu sobre as resistências do doente; agora a arte consistia em descobri-las o mais rápido possível, mostrá-las ao doente e levá-lo, através de influência humana (esse era o lugar da sugestão agindo como "transferência"), a abandonar essas resistências.

Mas então ficou cada vez mais claro que a meta estabelecida, a de tornar consciente o inconsciente, tampouco

auf diesem Wege nicht voll erreichbar ist. Der Kranke kann von dem in ihm Verdrängten nicht alles erinnern, vielleicht gerade das Wesentliche nicht, und erwirbt so keine Überzeugung von der Richtigkeit der ihm mitgeteilten Konstruktion. Er ist vielmehr genötigt, das Verdrängte als gegenwärtiges Erlebnis zu *wiederholen*, anstatt es, wie der Arzt es lieber sähe, als ein Stück der Vergangenheit zu *erinnern*.ⁱ Diese mit unerwünschter Treue auftretende Reproduktion hat immer ein Stück des infantilen Sexuallebens, also des Ödipuskomplexes und seiner Ausläufer zum Inhalt und spielt sich regelmäßig auf dem Gebiete der Übertragung, d. h. der Beziehung zum Arzt ab. Hat man es in der Behandlung so weit gebracht, so kann man sagen, die frühere Neurose sei nun durch eine frische Übertragungsneurose ersetzt. Der Arzt hat sich bemüht, den Bereich dieser Übertragungsneurose möglichst einzuschränken, möglichst viel in die Erinnerung zu drängen und möglichst wenig zur Wiederholung zuzulassen. Das Verhältnis, das sich zwischen Erinnerung und Reproduktion herstellt, ist für jeden Fall ein anderes. In der Regel kann der Arzt dem Analysierten diese Phase der Kur nicht ersparen; er muß ihn ein gewisses Stück seines vergessenen Lebens wiedererleben lassen und hat dafür zu sorgen, daß ein Maß von Überlegenheit erhalten bleibt, kraft dessen die anscheinende Realität doch immer wieder als Spiegelung einer vergessenen Vergangenheit erkannt wird. Gelingt dies, so ist die Überzeugung des Kranken und der von ihr abhängige therapeutische Erfolg gewonnen.

Um diesen »Wiederholungszwang«, der sich während der psychoanalytischen Behandlung der Neurotiker äußert,

ⁱ S. Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse II. Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. [Ges. Werke, Bd. X.]

podia ser plenamente alcançada por essa via. O doente pode não se lembrar de tudo o que nele está recalcado, talvez justamente do que seja essencial, e assim não adquire nenhuma *convicção* sobre a precisão da construção que lhe foi comunicada. Ele se vê antes forçado a *repetir* o recalcado como experiência no presente, em vez de *lembrá-lo*ⁱ como uma parte do passado, como preferiria o médico. Essa reprodução que surge com uma fidelidade indesejada tem sempre como conteúdo uma parte da vida sexual infantil, portanto do complexo de Édipo e de seus prolongamentos, e é encenada regularmente no campo da transferência, isto é, da relação com o médico. Quando levamos o tratamento até esse ponto, podemos então dizer que a neurose anterior foi agora substituída por uma nova neurose de transferência. O médico esforçou-se para restringir o mais possível o campo dessa neurose de transferência, para pressionar ao máximo possível em direção à lembrança e para admitir o mínimo possível de repetição. A relação que se estabelece entre lembrança e reprodução é diferente em cada caso. Como regra geral, o médico não pode poupar o analisando dessa fase do tratamento; ele é obrigado a deixá-lo reviver certa parte de sua vida esquecida e cuidar para que seja conservada uma medida de discernimento, em função da qual a realidade visível possa sempre, apesar de tudo, ser novamente reconhecida como reflexo de um passado esquecido. Se isso é obtido, ganhamos a convicção do doente e o êxito terapêutico dela dependente.

Para acharmos mais compreensível essa "*compulsão à repetição*"²² que se manifesta durante o tratamento

ⁱ Cf. "Outros conselhos para a técnica da psicanálise. II". *Lembrar, repetir, perlaborar*. [Publicado nesta coleção no volume *Fundamentos da clínica psicanalítica*].

begreiflicher zu finden, muß man sich vor allem von dem Irrtum frei machen, man habe es bei der Bekämpfung der Widerstände mit dem Widerstand des Unbewußten zu tun. Das Unbewußte, d. h. das »Verdrängte«, leistet den Bemühungen der Kur überhaupt keinen Widerstand, es strebt ja selbst nichts anderes an, als gegen den auf ihm lastenden Druck zum Bewußtsein oder zur Abfuhr durch die reale Tat durchzudringen. Der Widerstand in der Kur geht von denselben höheren Schichten und Systemen des Seelenlebens aus, die seinerzeit die Verdrängung durchgeführt haben. Da aber die Motive der Widerstände, ja diese selbst erfahrungsmäßig in der Kur zunächst unbewußt sind, werden wir gemahnt, eine Unzweckmäßigkeit unserer Ausdrucksweise zu verbessern. Wir entgehen der Unklarheit, wenn wir nicht das Bewußte und das Unbewußte, sondern das zusammenhängende *Ich* und das *Verdrängte* in Gegensatz zueinander bringen. Vieles am *Ich* [*mag selbst unbewußt sein*] ist sicherlich selbst unbewußt, gerade das, was man den Kern des Ichs nennen darf: [*wahrscheinlich nur einen Teil*] nur einen geringen Teil davon decken wir mit dem Namen des *Vorbewußten*. Nach dieser Ersetzung einer bloß deskriptiven Ausdrucksweise durch eine systematische oder dynamische können wir sagen, der Widerstand der Analysierten gehe von ihrem *Ich* aus, und dann erfassen wir sofort, der Wiederholungszwang ist dem unbewußten Verdrängten zuzuschreiben. Er konnte sich wahrscheinlich nicht eher äußern, als bis die entgegenkommende Arbeit der Kur die Verdrängung gelockert hatte.ⁱ

ⁱ Ich setze an anderer Stelle auseinander, daß es die „Suggestionwirkung“ der Kur ist, welche hier dem Wiederholungszwang zu Hilfe kommt, also die tief im unbewußten Elternkomplex begründete Gefügigkeit gegen den Arzt.

psicanalítico dos neuróticos, precisamos antes de tudo nos livrar do erro de que combater as resistências tenha a ver com a resistência do “inconsciente”.²³ O inconsciente, ou melhor, o “recalcado”, não impõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento, ele próprio não almeja nada além de, lutando contra a pesada pressão sobre ele, abrir um caminho em direção à consciência ou à descarga por meio da ação real. A resistência no tratamento provém das mesmas camadas e sistemas superiores da vida anímica que outrora empreenderam o recalçamento. Mas já que, de acordo com a experiência, os motivos das resistências são eles próprios inicialmente inconscientes no tratamento, somos advertidos a aperfeiçoar uma inadequação em nosso modo de expressão. Evitaremos essa falta de clareza se colocarmos em oposição não o consciente e o inconsciente, mas sim o *Eu* coerente e o *recalcado*. Grande parte do *Eu* [*deve ser propriamente inconsciente*] é com certeza propriamente inconsciente, justamente aquilo que podemos chamar de cerne do *Eu*: [*provavelmente recobrimos apenas uma parte dele*]; apenas uma parte mínima dele recobrimos com o nome de *pré-consciente*.²⁴ Após essa substituição de um modo de expressão puramente descritivo por um modo de expressão sistemático ou dinâmico, podemos dizer que a resistência dos analisados provém de seu *Eu*, e então percebemos imediatamente que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalcado inconsciente. É provável que ela não tenha podido se manifestar antes que o trabalho do tratamento que vai ao seu encontro tenha conseguido afrouxar o recalque.ⁱ

ⁱ Expus em outro lugar que é o “efeito de sugestão” do tratamento que vem aqui em auxílio à compulsão à repetição, portanto, à obediência ao médico, profundamente arraigada no complexo parental inconsciente.

Es ist kein Zweifel, daß der Widerstand des bewußten und vorbewußten Ichs im Dienste des Lustprinzips steht, er will ja die Unlust ersparen, die durch das Freiwerden des Verdrängten erregt würde, und unsere Bemühung geht dahin, solcher Unlust unter Berufung auf das Realitätsprinzip Zulassung zu erwirken. In welcher Beziehung zum Lustprinzip steht aber der Wiederholungszwang, die Kraftäußerung des Verdrängten? Es ist klar, daß das meiste, was der Wiederholungszwang wiedererleben läßt, dem Ich Unlust bringen muß, denn er fördert ja Leistungen verdrängter Triebregungen zutage, aber das ist Unlust, die wir schon gewürdigt haben, die dem Lustprinzip nicht widerspricht, Unlust für das eine System und gleichzeitig Befriedigung für das andere. Die neue und merkwürdige Tatsache aber, die wir jetzt zu beschreiben haben, ist, daß der Wiederholungszwang auch solche Erlebnisse der Vergangenheit wiederbringt, die keine Lustmöglichkeit enthalten, die auch damals nicht Befriedigungen, selbst nicht von seither verdrängten Triebregungen, gewesen sein können.

Die Frühblüte des infantilen Sexuallebens war infolge der Unverträglichkeit ihrer Wünsche mit der Realität und der Unzulänglichkeit der kindlichen Entwicklungsstufe zum Untergang bestimmt. Sie ging bei den peinlichsten Anlässen unter tief schmerzlichen Empfindungen zugrunde. Der Liebesverlust und das Mißlingen hinterließen eine dauernde Beeinträchtigung des Selbstgefühls als narzißtische Narbe, nach meinen Erfahrungen wie nach den Ausführungen Marcinowskis¹ den stärksten Beitrag zu dem häufigen »Minderwertigkeitsgefühl« der Neurotiker. Die Sexualforschung, der durch die

¹ Marcinowski, Die erotischen Quellen der Minderwertigkeitsgefühle. Zeitschrift für Sexualwissenschaft, IV, 1918.

Não há dúvida de que a resistência consciente e pré-consciente do Eu esteja a serviço do princípio de prazer; ela procura, com efeito, evitar o desprazer que seria estimulado pela liberação do recalcado, e nosso esforço visa conseguir que um desprazer como esse seja admitido através da apelação ao princípio de realidade. Mas então, em que relação com o princípio de prazer se encontra a compulsão à repetição, que é a manifestação de força do recalcado? É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela as atividades de moções pulsionais recalcadas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro.²⁵ Mas o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também²⁶ traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalcadas desde então.

O primeiro florescimento da vida sexual infantil estava destinado ao declínio em consequência da incompatibilidade de seus desejos com a realidade e pela insuficiência do estágio evolutivo infantil. Ele pereceu então sob as circunstâncias mais desagradáveis, em meio a sensações profundamente dolorosas. A perda de amor e o fracasso deixaram atrás de si, como cicatriz narcísica, um prejuízo permanente da autoestima que, segundo minhas experiências, bem como as elaborações de Marcinowski¹, constitui a mais vigorosa contribuição ao frequente "sentimento de inferioridade" dos

¹ Marcinowski, As fontes eróticas dos sentimentos de inferioridade. Revista de Ciência sexual, IV, 1918.

körperliche Entwicklung des Kindes Schranken gesetzt waren, brachte es zu keinem befriedigenden Abschluß; daher die spätere Klage: Ich kann nichts fertig bringen, mir kann nichts gelingen. Die zärtliche Bindung, meist an den gegengeschlechtlichen Elternteil, erlag der Enttäuschung, dem vergeblichen Warten auf Befriedigung, der Eifersucht bei der Geburt eines neuen Kindes, die unzweideutig die Untreue des oder der Geliebten erwies; der eigene mit tragischem Ernst unternommene Versuch, selbst ein solches Kind zu schaffen, mißlang in beschämender Weise; die Abnahme der dem Kleinen gespendeten Zärtlichkeit, der gesteigerte Anspruch der Erziehung, ernste Worte und eine gelegentliche Bestrafung hatten endlich den ganzen Umfang der ihm zugefallenen *Verschmähung* enthüllt. Es gibt hier einige wenige Typen, die regelmässig wiederkehren, wie der typischen Liebe dieser Kinderzeit ein Ende gesetzt wird.

Alle diese unerwünschten Anlässe und schmerzlichen Affektlagen werden nun vom Neurotiker in der Übertragung wiederholt und mit großem Geschick neu belebt. Sie streben den Abbruch der unvollendeten Kur an, sie wissen sich den Eindruck der Verschmähung wieder zu verschaffen, den Arzt zu harten Worten und kühlem Benehmen gegen sie zu nötigen, sie finden die geeigneten Objekte für ihre Eifersucht, sie ersetzen das heiß begehrte Kind der Urzeit durch den Vorsatz oder das Versprechen eines großen Geschenks, das meist ebensowenig real wird wie jenes. Nichts von alledem konnte damals lustbringend sein; man sollte meinen, es müßte heute die geringere Unlust bringen, wenn es als Erinnerung oder in Träumen auftauchte, als wenn es sich zu neuem Erlebnis gestaltete. [*Aber ein Zwang drängt zum letzteren*] Es handelt sich natürlich um die Aktion von Trieben, die zur Befriedigung führen sollten, allein die Erfahrung,

neuróticos. A investigação sexual, à qual são colocados limites pelo desenvolvimento corporal da criança, não levou a nenhuma conclusão satisfatória; daí a queixa posterior: *não consigo terminar nada, para mim nada pode dar certo*. O laço de ternura quase sempre com o lado parental de sexo oposto sucumbiu à decepção, à vã espera de satisfação, ao ciúme pelo nascimento de uma nova criança, que inequivocamente comprova a infidelidade do amado ou da amada; sua própria tentativa, empreendida com uma seriedade trágica, de gerar ela mesma uma criança como essa fracassou de maneira humilhante; a redução da ternura dispensada à criança, a exigência crescente da educação, palavras severas e uma punição ocasional finalmente revelaram toda a extensão do desdém que recaiu sobre ela. Há aqui alguns poucos exemplos, que retornam regularmente, de como o amor típico desse período infantil chega a um final.

Todas essas circunstâncias indesejadas e situações afetivas dolorosas são então repetidas e revividas com grande habilidade pelo neurótico em transferência. Eles anseiam pela interrupção do tratamento incompleto; sabem como obter novamente a impressão do desdém, como forçar o médico a usar duras palavras e a se conduzir friamente em relação a eles; encontram objetos adequados ao seu ciúme, eles substituem a criança ardentemente desejada de tempos arcaicos pela intenção ou pela promessa de um grande presente que acaba sendo tão pouco real quanto aquela criança. Nada disso podia propiciar prazer naquela época; poderíamos pensar que tudo isso deveria hoje trazer um desprazer menor se emergisse como lembrança ou em sonhos, do que se se configurasse como uma vivência nova. [*Mas uma compulsão pressiona a isso*] Trata-se naturalmente da ação de pulsões que deviam conduzir à satisfação, só que a experiência de que, em vez disso,

daß sie anstatt dessen auch damals nur Unlust brachten, hat nichts gefruchtet. Sie wird trotzdem wiederholt; ein Zwang drängt dazu.

Dasselbe, was die Psychoanalyse an den Übertragungsphänomenen der Neurotiker aufzeigt, kann man auch im Leben nicht neurotischer Personen wiederfinden. Es macht bei diesen den Eindruck eines sie verfolgenden Schicksals, eines dämonischen Zuges in ihrem Erleben, und die Psychoanalyse hat von Anfang an solches Schicksal für zum großen Teil selbstbereitet und durch frühinfantile Einflüsse determiniert gehalten. Der Zwang, der sich dabei äußert, ist vom Wiederholungszwang der Neurotiker nicht verschieden, wenngleich diese Personen niemals die Zeichen eines durch Symptombildung erledigten neurotischen Konflikts geboten haben. So kennt man Personen, bei denen jede menschliche Beziehung den gleichen Ausgang nimmt: Wohltäter, die von jedem ihrer Schützlinge nach einiger Zeit im Groll verlassen werden, so verschieden sie sonst auch sein mögen, denen also bestimmt scheint, alle Bitterkeit des Undanks auszukosten; Männer, bei denen jede Freundschaft den Ausgang nimmt, daß der Freund sie verrät; andere, die es unbestimmt oft in ihrem Leben wiederholen, eine andere Person zur großen Autorität für sich oder auch für die Öffentlichkeit zu erheben, und diese Autorität dann nach abgemessener Zeit selbst stürzen, um sie durch eine neue zu ersetzen; Liebende, bei denen jedes zärtliche Verhältnis zum Weibe dieselben Phasen durchmacht und zum gleichen Ende führt usw. Wir verwundern uns über diese »ewige Wiederkehr des Gleichen« nur wenig, wenn es sich um ein aktives Verhalten des Betreffenden handelt, und wenn wir den sich gleichbleibenden Charakterzug seines Wesens auffinden, der sich in der Wiederholung der nämlichen Erlebnisse äußern muß. Weit stärker

mesmo naquela época, elas apenas trouxeram desprazer não rendeu frutos. Ela é repetida, apesar de tudo: uma compulsão pressiona a isso.

O mesmo que a psicanálise revela nos fenômenos de transferência dos neuróticos pode ser encontrado também na vida de pessoas não neuróticas. Com elas temos a impressão de um destino que as persegue, de um traço daimoniaco²⁷ em seu viver e desde o início a psicanálise considerou esse destino como sendo em grande parte preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces. A compulsão que se manifesta nesses casos não é diferente da compulsão à repetição dos neuróticos, mesmo que essas pessoas nunca tenham apresentado indícios de um conflito neurótico resolvido através de formação de sintoma. Assim, conhecemos pessoas para as quais qualquer relação humana leva ao mesmo resultado: benfeitores que depois de algum tempo são abandonados rancorosamente por cada um de seus protegidos, não importa quão diferentes estes possam ser, e que, portanto, parecem destinados a provar toda a amargura da ingratidão; homens para os quais qualquer amizade tem como desfecho a traição do amigo; outros que, repetindo-o indefinidamente em suas vidas, elevam outra pessoa à condição de grande autoridade para si mesmas ou para o público, e depois de certo tempo eles mesmos desbancam tal autoridade, para substituí-la por uma nova; amantes para os quais cada relação de ternura com a mulher passa pelas mesmas fases e leva ao mesmo final etc. Nós nos surpreendemos muito pouco com esse "eterno retorno do mesmo"²⁸ quando se trata de uma conduta ativa da pessoa em questão e quando descobrimos em seu ser o traço de caráter que se mantém, e que deve necessariamente se manifestar na repetição das mesmas vivências. Muito mais intensamente nos atingem os

wirken jene Fälle auf uns, bei denen die Person etwas passiv zu erleben scheint, worauf ihr ein Einfluß nicht zusteht, während sie doch immer nur die Wiederholung desselben Schicksals erlebt. Man denke z. B. an die Geschichte jener Frau, die dreimal nacheinander Männer heiratete, die nach kurzer Zeit erkrankten und von ihr zu Tode gepflegt werden mußten.¹ Die ergreifendste poetische Darstellung eines solchen Schicksalszuges hat Tasso im romantischen Epos »Gerusalemme liberata« gegeben. Held Tankred hat unwissentlich die von ihm geliebte Clorinda getötet, als sie in der Rüstung eines feindlichen Ritters mit ihm kämpfte. Nach ihrem Begräbnis dringt er in den unheimlichen Zauberwald ein, der das Heer der Kreuzfahrer schreckt. Dort zerhaut er einen hohen Baum mit seinem Schwerte, aber aus der Wunde des Baumes strömt Blut und die Stimme Clorindas, deren Seele in diesen Baum gebannt war, klagt ihn an, daß er wiederum die Geliebte geschädigt habe.

Angesichts solcher Beobachtungen aus dem Verhalten in der Übertragung und aus dem Schicksal der Menschen werden wir den Mut zur Annahme finden, daß es im Seelenleben wirklich einen Wiederholungszwang gibt, der sich über das Lustprinzip hinaussetzt. Wir werden auch jetzt geneigt sein, die Träume der Unfallsneurotiker und den Antrieb zum Spiel des Kindes auf diesen Zwang zu beziehen. Allerdings müssen wir uns sagen, daß wir die Wirkungen des Wiederholungszwanges nur in seltenen Fällen rein, ohne Mithilfe anderer Motive, erfassen können. Beim Kinderspiel haben wir bereits hervorgehoben, welche andere Deutungen seine Entstehung zuläßt. Wiederholungszwang und direkte

¹ Vgl. hiezu die treffenden Bemerkungen in dem Aufsatz von C. G. Jung, Die Bedeutung des Vaters für das Schicksal des Einzelnen. Jahrbuch für Psychoanalyse, I, 1909.

casos em que a pessoa parece vivenciar passivamente algo sobre o que não tem nenhuma influência, enquanto está sempre vivenciando apenas a repetição do mesmo destino. Pensemos, por exemplo, na história daquela mulher que se casou três vezes consecutivas com homens que adoeceram depois de pouco tempo e que tiveram de ser tratados por ela até a morte.¹ A apresentação poética mais tocante de um traço de destino como esse foi oferecida por Tasso na epopeia romântica *Gerusalemme Liberata* [*Jerusalém liberada*]. O herói Tancredo matou, sem sabê-lo, sua amada Clorinda, quando esta lutou com ele vestindo a armadura de um cavaleiro inimigo. Depois de seu sepultamento, ele penetra na infamiliar floresta encantada que assusta o exército dos cruzados. Lá, ele fere uma grande árvore com sua espada, mas da ferida da árvore escorre sangue, e a voz de Clorinda, cuja alma estava aprisionada nessa árvore, acusa-o de novamente ter ferido sua amada.

Em vista dessas observações extraídas da conduta na transferência e do destino dos seres humanos, encontraremos a coragem para supor que realmente exista na vida anímica uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer. Estaremos agora também inclinados a relacionar a essa compulsão os sonhos dos neuróticos acidentários e o impulso da criança para a brincadeira. Contudo, precisamos dizer a nós mesmos que só em casos raros podemos entender os efeitos da compulsão à repetição de maneira pura,²⁹ sem a intervenção de outros motivos. No caso da brincadeira de criança já destacamos quais outras interpretações seu surgimento admite. Compulsão à repetição e satisfação pulsional direta e prazerosa parecem nesse caso

¹ Cf. sobre esse ponto as pertinentes observações do artigo de C. G. Jung, "A significação do pai para o destino do indivíduo", I. 1909.

lustvolle Triebbefriedigung scheinen sich dabei zu intimer Gemeinsamkeit zu verschränken. Die Phänomene der Übertragung stehen offenkundig im Dienste des Widerstandes von seiten des auf der Verdrängung beharrenden Ichs; der Wiederholungszwang, den sich die Kur dienstbar machen wollte, wird gleichsam vom Ich, das am Lustprinzip festhalten will, auf seine Seite gezogen. An dem, was man den Schicksalszwang nennen könnte, scheint uns vieles durch die rationelle Erwägung verständlich, so daß man ein Bedürfnis nach der Aufstellung eines neuen, geheimnisvollen Motivs nicht verspürt. Am unverdächtigsten ist vielleicht der Fall der Unfallsträume, aber bei näherer Überlegung muß man doch zugestehen, daß auch in den anderen Beispielen der Sachverhalt durch die Leistung der uns bekannten Motive nicht gedeckt wird. Es bleibt genug übrig, was die Annahme des Wiederholungszwanges rechtfertigt, und dieser erscheint uns ursprünglicher, elementarer, triebhafter als das von ihm zur Seite geschobene Lustprinzip. Wenn es aber einen solchen Wiederholungszwang im Seelischen gibt, so möchten wir gerne etwas darüber wissen, welcher Funktion er entspricht, unter welchen Bedingungen er hervortreten kann und in welcher Beziehung er zum Lustprinzip steht, dem wir doch bisher die Herrschaft über den Ablauf der Erregungsvorgänge im Seelenleben zugetraut haben.

IV

Was nun folgt, ist Spekulation, oft weitausholende Spekulation, die ein jeder nach seiner besonderen Einstellung würdigen oder vernachlässigen wird. Im weiteren ein Versuch zur konsequenten Ausbeutung einer Idee, aus Neugierde, wohin dies führen wird.

Die psychoanalytische Spekulation knüpft an den bei der Untersuchung unbewußter Vorgänge empfangenen

cruzar-se em íntima associação. Os fenômenos da transferência encontram-se claramente a serviço da resistência por parte do Eu obstinado no recalçamento; a compulsão à repetição, que o tratamento queria colocar a seu serviço, é, por assim dizer, puxada para o seu lado pelo Eu, que quer se agarrar ao princípio de prazer. Quanto ao que poderíamos chamar de compulsão de destino, muitas coisas nos parecem compreensíveis por meio de consideração racional, de modo que não sentimos necessidade de elaborar um novo motivo misterioso. Talvez o caso menos suspeito seja o dos sonhos com acidentes,³⁰ mas, se pensarmos melhor, temos necessariamente de concordar que, mesmo nos outros exemplos, o fato não foi coberto pela ação dos motivos que conhecemos. Ainda resta muito para justificar a suposição da compulsão à repetição, e esta nos parece mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado. Mas, se existe uma compulsão à repetição como essa no anímico, então gostaríamos de saber algo sobre ela, saber a que função ela corresponde, sob quais condições ela pode se manifestar, e em qual relação ela se encontra com o princípio de prazer, ao qual, afinal, até agora confiamos o domínio sobre o curso dos processos de excitação na vida anímica.

IV

O que se segue é simplesmente especulação, especulação que em grande parte vai longe e que cada um, de acordo com sua posição particular, irá considerar ou desprezar. É, além disso, uma tentativa de exploração consequente de uma ideia, por curiosidade de saber até onde ela irá levar.

A especulação psicanalítica está relacionada à impressão, obtida a partir da investigação de processos

Eindruck an, daß das Bewußtsein nicht der allgemeinste Charakter der seelischen Vorgänge, sondern nur eine besondere Funktion derselben sein könne. In metapsychologischer Ausdrucksweise behauptet sie, das Bewußtsein sei die Leistung eines besonderen Systems, das sie *Bw* benennt. Da das Bewußtsein im wesentlichen Wahrnehmungen von Erregungen liefert, die aus der Außenwelt kommen und Empfindungen von Lust und Unlust, die nur aus dem Inneren des seelischen Apparates stammen können, kann dem System *W-Bw*. Eine räumliche Stellung zugewiesen werden. Es muß an der Grenze von außen und innen liegen, der Außenwelt zugekehrt sein und die anderen psychischen Systeme umhüllen. Wir bemerken dann, daß wir mit diesen Annahmen nichts Neues gewagt, sondern uns der lokalisierenden Hirnanatomie angeschlossen haben, welche den »Sitz« des Bewußtseins in die Hirnrinde, in die äußerste, umhüllende Schicht des Zentralorgans verlegt. Die Hirnanatomie braucht sich keine Gedanken darüber zu machen, warum – anatomisch gesprochen – das Bewußtsein gerade an der Oberfläche des Gehirns untergebracht ist, anstatt wohlverwahrt irgendwo im innersten Innern desselben zu hausen. Vielleicht bringen wir es in der Ableitung einer solchen Lage für unser System *W-Bw* weiter.

Das Bewußtsein ist nicht die einzige Eigentümlichkeit, die wir den Vorgängen in diesem System zuschreiben. Wir stützen uns auf die Eindrücke unserer psychoanalytischen Erfahrung, wenn wir annehmen, daß alle Erregungsvorgänge in den anderen Systemen Dauerspuren als Grundlage des Gedächtnisses in diesen hinterlassen, Erinnerungsreste also, die nichts mit dem Bewußtwerden zu tun haben. Sie sind oft am stärksten und haltbarsten, wenn der sie zurücklassende Vorgang niemals zum Bewußtsein gekommen ist. Wir finden es aber beschwerlich zu glauben, daß solche Dauerspuren

inconscientes, de que a consciência não poderia ser a característica mais geral dos processos anímicos, mas apenas uma função especial destes. Em termos metapsicológicos, ela afirma que a consciência seria a operação de um sistema especial que ela chama de *Cs*. Como a consciência fornece em essência percepções de excitações que provêm do mundo exterior e sensações de prazer e desprazer que só podem se originar no interior do aparelho anímico, uma posição espacial pode ser atribuída ao sistema *Pcp-Cs*. Ele deve, necessariamente, estar localizado na fronteira entre o exterior e o interior, deve estar voltado ao mundo exterior e envolver os outros sistemas psíquicos. Percebemos então que com essas suposições não arriscamos nada de novo, mas que estamos seguindo a anatomia cerebral localizacionista que situa a “sede” da consciência no córtex cerebral, na camada envolvente mais externa do órgão central. A anatomia cerebral não precisa se perguntar por que – anatomicamente falando – a consciência se encontra localizada justamente na superfície do cérebro, em vez de se alojar, bem protegida, em algum lugar mais profundo de seu interior. Talvez possamos avançar quanto à causa de uma localização como essa no que diz respeito ao nosso sistema *Pcp-Cs*.³¹

A consciência não é a única peculiaridade que atribuímos aos processos nesse sistema. Estamos apoiados em impressões de nossa experiência psicanalítica quando supomos que todos os processos de excitação nos outros sistemas deixam neles vestígios duradouros como fundamento da memória, portanto, restos de lembranças que nada têm a ver com o tornar-se consciente. Estes são frequentemente mais intensos e duradouros se o processo que os deixou nunca chegou à consciência. Mas é difícil acreditar que esses vestígios duradouros de excitação se produzam também no

der Erregung auch im System *W-Bw* zustande kommen. Sie würden die Eignung des Systems zur Aufnahme neuer Erregungen sehr bald einschränken,ⁱ wenn sie immer bewußt blieben; im anderen Falle, wenn sie unbewußt würden, stellten sie uns vor die Aufgabe, die Existenz unbewußter Vorgänge in einem System zu erklären, dessen Funktionieren sonst vom Phänomen des Bewußtseins begleitet wird. Wir hätten sozusagen durch unsere Annahme, welche das Bewußtwerden in ein besonderes System verweist, nichts verändert und nichts gewonnen. Wenn dies auch keine absolut verbindliche Erwägung sein mag, so kann sie uns doch zur Vermutung bewegen, daß Bewußtwerden und Hinterlassung einer Gedächtnisspur für dasselbe System miteinander unverträglich sind. Wir würden so sagen können, im System *Bw* werde der Erregungsvorgang bewußt, hinterlasse aber keine Dauerspür; alle die Spuren desselben, auf welche sich die Erinnerung stützt, kämen bei der Fortpflanzung der Erregung auf die nächsten inneren Systeme in diesen zustande. In diesem Sinne ist auch das Schema entworfen, welches ich dem spekulativen Abschnitt meiner »Traumdeutung« 1900 eingefügt habe. Wenn man bedenkt, wie wenig wir aus anderen Quellen über die Entstehung des Bewußtseins wissen, wird man dem Satze, *das Bewußtsein entstehe an Stelle der Erinnerungsspur*, wenigstens die Bedeutung einer irgendwie bestimmten Behauptung einräumen müssen.

Das System *Bw* wäre also durch die Besonderheit ausgezeichnet, daß der Erregungsvorgang in ihm nicht wie in allen anderen psychischen Systemen eine dauernde Veränderung seiner Elemente hinterläßt, sondern gleichsam im Phänomen des Bewußtwerdens verpufft. Eine

ⁱ Dies durchaus nach J. Breuer's Auseinandersetzung im theoretischen Abschnitt der »Studien über Hysterie«, 1895.

sistema *Pcp-Cs*. Eles logo limitariamⁱ a aptidão do sistema para receber novas excitações se permanecessem sempre conscientes; no outro caso, se se tornassem inconscientes, colocariam-nos diante da tarefa de explicar a existência de processos inconscientes em um sistema cujo funcionamento é normalmente acompanhado pelo fenômeno da consciência. Com a nossa suposição, que remete o tornar-se consciente a um sistema especial, não teríamos, por assim dizer, nada modificado e nada ganho. Mesmo que essa não deva ser absolutamente nenhuma consideração decisiva, ela pode, no entanto, levar-nos a supor que se tornar consciente e deixar vestígio de memória são inconciliáveis para um mesmo sistema. Poderíamos então dizer que no sistema *Cs* o processo de excitação tornar-se-ia consciente, mas não deixaria nenhum vestígio duradouro; que todos os vestígios desse processo, nos quais a lembrança se apoia, seriam nele produzidos através da reprodução da excitação nos próximos sistemas internos. Foi também nesse sentido que esbocei o esquema que inseri no capítulo especulativo de minha *Interpretação dos sonhos*, em 1900. Se pensarmos sobre o pouco que sabemos por outras fontes sobre o surgimento da consciência, temos, necessariamente, de convir que a tese de que *a consciência surgiria no lugar do vestígio de lembrança*³² tem ao menos a importância de uma afirmação de certa forma precisa.

O sistema *Cs* seria então caracterizado pela peculiaridade de que o processo de excitação não deixaria nele, como ocorre em todos os outros sistemas psíquicos, uma alteração permanente em seus elementos, e que, no fenômeno de se tornar consciente, ele ficaria, por assim

ⁱ Essa afirmação está inteiramente baseada na discussão de J. Breuer, no capítulo teórico dos *Estudos sobre histeria*, 1895.

solche Abweichung von der allgemeinen Regel fordert eine Erklärung durch ein Moment, welches ausschließlich bei diesem einen System in Betracht kommt, und dies den anderen Systemen abzusprechende Moment könnte leicht die exponierte Lage des Systems *Bw* sein, sein unmittelbares Anstoßen an die Außenwelt.

Stellen wir uns den lebenden Organismus in seiner größtmöglichen Vereinfachung als undifferenziertes Bläschen reizbarer Substanz vor; dann ist seine der Außenwelt zugekehrte Oberfläche durch ihre Lage selbst differenziert und dient als reizaufnehmendes Organ. Die Embryologie als Wiederholung der Entwicklungsgeschichte zeigt auch wirklich, daß das Zentralnervensystem aus dem Ektoderm hervorgeht, und die graue Hirnrinde ist noch immer ein Abkömmling der primitiven Oberfläche und könnte wesentliche Eigenschaften derselben durch Erbschaft übernommen haben. Es wäre dann leicht denkbar, daß durch unausgesetzten Anprall der äußeren Reize an die Oberfläche des Bläschens dessen Substanz bis in eine gewisse Tiefe dauernd verändert wird, so daß ihr Erregungsvorgang anders abläuft als in tieferen Schichten. Es bildete sich so eine Rinde, die endlich durch die Reizwirkung so durchgebrannt ist, daß sie der Reizaufnahme die günstigsten Verhältnisse entgegenbringt und einer weiteren Modifikation nicht fähig ist. Auf das System *Bw*. übertragen, würde dies meinen, daß dessen Elemente [keine] Dauerveränderung beim Durchgang der Erregung mehr annehmen können, weil sie bereits aufs äußerste im Sinne dieser Wirkung modifiziert sind. Dann sind sie aber befähigt, das Bewußtsein entstehen zu lassen. Worin diese Modifikation der Substanz und des Erregungsvorgangs in ihr besteht, darüber kann man sich mancherlei Vorstellungen machen, die sich der Prüfung derzeit entziehen. Man kann annehmen, die

dizer, sem efeito. Uma divergência como essa em relação à regra geral exige ser explicada por um fator que esteja em conformidade exclusiva com esse sistema específico, e esse fator, que não deve ser reconhecido nos outros sistemas, poderia ser simplesmente a localização exposta do sistema *Cs*, sua contiguidade imediata com o mundo externo.³³

Imaginemos o organismo vivo, em sua simplificação máxima possível, como uma vesícula indiferenciada de substância estimulável; sua superfície voltada para o mundo exterior é então diferenciada pela sua própria localização e serve como órgão receptor de estímulos. A embriologia, enquanto repetição da história da evolução, também nos mostra realmente que o sistema nervoso central provém do ectoderma, e a massa cinzenta do córtex cerebral ainda continua sendo um derivado da superfície primitiva e poderia ter recebido como herança suas propriedades essenciais. Seria então fácil pensar que, através do impacto incessante dos estímulos externos sobre a superfície da vesícula, sua substância seria modificada de maneira permanente até uma determinada profundidade, de modo que seu processo excitatório fluiria de maneira diferente nas camadas mais profundas. Assim, teria sido formado um córtex que estaria por fim tão impactado pelo efeito dos estímulos que ofereceria as condições mais favoráveis para a recepção de estímulos e não seria mais capaz de qualquer modificação posterior. Transposto ao sistema *CS*, isso significaria que os elementos desse sistema não poderiam mais aceitar [nenhuma] modificação duradoura na passagem da excitação, porque eles já teriam sido modificados ao extremo por via desse efeito. Mas agora eles estariam capacitados a deixar surgir a consciência. Podemos formar concepções diversas sobre a natureza dessa modificação da substância e do processo de excitação, mas por enquanto elas não se permitem ser provadas. Podemos

Erregung habe bei ihrem Fortgang von einem Element zum anderen einen Widerstand zu überwinden und diese Verringerung des Widerstandes setze eben die Dauerspür der Erregung (Bahnung); im System Bw. bestünde also ein solcher Übergangswiderstand von einem Element zum anderen nicht mehr. Man kann mit dieser Vorstellung die Breuersche Unterscheidung von ruhender (gebundener) und frei beweglicher Besetzungsenergie in den Elementen der psychischen Systeme zusammenbringen;ⁱ die Elemente des Systems Bw. würden dann keine gebundene und nur frei abfuhrfähige Energie führen. Aber ich meine, vorläufig ist es besser, wenn man sich über diese Verhältnisse möglichst unbestimmt äußert. Immerhin hätten wir durch diese Spekulationen die Entstehung des Bewußtseins in einen gewissen Zusammenhang mit der Lage des Systems Bw. und den ihm zuzuschreibenden Besonderheiten des Erregungsvorganges verflochten.

An dem lebenden Bläschen mit seiner reizaufnehmenden Rindenschichte haben wir noch anderes zu erörtern. Dieses Stückchen lebender Substanz schwebt inmitten einer mit den stärksten Energien geladenen Außenwelt und würde von den Reizwirkungen derselben erschlagen werden, wenn es nicht mit einem *Reizschutz* versehen wäre. Es bekommt ihn dadurch, daß seine äußerste Oberfläche die dem Lebenden zukommende Struktur aufgibt, gewissermaßen anorganisch wird und nun als eine besondere Hülle oder Membran reizabhaltend wirkt, das heißt, veranlaßt, daß die Energien der Außenwelt sich nur mit einem Bruchteil ihrer Intensität auf die nächsten lebend gebliebenen Schichten fortsetzen können. Diese

ⁱ Studien über Hysterie von J. Breuer und S. Freud, 4. unveränderte Auflage, 1922. [Ges. Werke, Bd. I.]

supor que a excitação, em sua passagem de um elemento para outro, tenha de vencer uma resistência e que essa diminuição da resistência seja justamente o que instaura o vestígio permanente da excitação (facilitação); portanto, não existiria mais no sistema Cs uma resistência como essa à passagem de um elemento ao outro. Podemos unir essa nossa ideia com a distinção estabelecida por Breuer entre energia de investimento quiescente (ligada) e energia de investimento livremente móvel nos elementos dos sistemas psíquicos;ⁱ os elementos do sistema Cs não conduziram então nenhuma energia ligada, apenas energia livremente capaz de descarga. Mas penso que por ora seja melhor nos expressarmos sobre essas relações da maneira mais indeterminada possível. De qualquer modo, com essa especulação fizemos entrar o surgimento da consciência numa certa relação com a localização do sistema Cs e com as peculiaridades que devem ser atribuídas a ele quanto ao processo de excitação.³⁴

Ainda temos coisas a discutir sobre a vesícula viva com sua camada cortical receptora de estímulos. Esse pedacinho de substância viva paira em meio a um mundo exterior carregado com as energias mais intensas e seria aniquilado pelos efeitos dos estímulos deste se não fosse dotado de um *protetor contra estímulos*. Ele o adquire quando sua superfície mais externa abandona a estrutura própria do ser que vive, quando ela, em certa medida, torna-se inorgânica e passa então a agir como um invólucro especial ou uma membrana que detém os estímulos, isto é, quando faz com que as energias do mundo exterior possam penetrar, com uma fração de sua intensidade, nas próximas camadas que continuaram vivas. Estas podem agora, por detrás do protetor, dedicar-se

ⁱ *Estudos sobre Histeria*, de J. Breuer e Freud, 4ª edição inalterada, 1922 [Ges. Werke, v. I].

können nun hinter dem Reizschutz sich der Aufnahme der durchgelassenen Reizmengen widmen. Die Außenschicht hat aber durch ihr Absterben alle tieferen vor dem gleichen Schicksal bewahrt, wenigstens so lange, bis nicht Reize von solcher Stärke herankommen, daß sie den Reizschutz durchbrechen. Für den lebenden Organismus ist der Reizschutz eine beinahe wichtigere Aufgabe als die Reizaufnahme; er ist mit einem eigenen Energievorrat ausgestattet und muß vor allem bestrebt sein, die besonderen Formen der Energieumsetzung, die in ihm spielen, vor dem gleichmachenden, also zerstörenden Einfluß der übergroßen, draußen arbeitenden Energien zu bewahren. Die Reizaufnahme dient vor allem der Absicht, Richtung und Art der äußeren Reize zu erfahren, und dazu muß es genügen, der Außenwelt kleine Proben zu entnehmen, sie in geringen Quantitäten zu verkosten. Bei den hochentwickelten Organismen hat sich die reizaufnehmende Rindenschicht des einstigen Bläschens längst in die Tiefe des Körperinnern zurückgezogen, aber Anteile von ihr sind an der Oberfläche unmittelbar unter dem allgemeinen Reizschutz zurückgelassen. Dies sind die Sinnesorgane, die im wesentlichen Einrichtungen zur Aufnahme spezifischer Reizeinwirkungen enthalten, aber außerdem besondere Vorrichtungen zu neuerlichem Schutz gegen übergroße Reizmengen und zur Abhaltung unangemessener Reizararten. Es ist für sie charakteristisch, daß sie nur sehr geringe Quantitäten des äußeren Reizes verarbeiten, sie nehmen nur Stichproben der Außenwelt vor; vielleicht darf man sie Fühlern vergleichen, die sich an die Außenwelt herantasten und dann immer wieder von ihr zurückziehen.

Ich gestatte mir an dieser Stelle ein Thema flüchtig zu berühren, welches die gründlichste Behandlung verdienen würde. Der Kantsche Satz, daß Zeit und Raum notwendige

à recepção das quantidades de estímulo que o protetor deixou passar. Mas a camada externa, ao morrer, preservou do mesmo destino todas as camadas mais profundas, pelo menos enquanto não se aproximarem estímulos de uma intensidade tamanha a ponto de romper a proteção. Para o organismo vivo, o protetor contra estímulos é uma tarefa quase que mais importante do que a recepção do estímulo; ele é dotado de uma reserva própria de energia e precisa estar acima de tudo empenhado em preservar as formas especiais de transformação de energia que nele operam, da influência equalizadora, portanto, destrutiva das energias superintensas que trabalham do lado de fora. A recepção de estímulos serve, antes de tudo, ao propósito de tomar conhecimento sobre a direção e a natureza dos estímulos externos, e para isso deve ser suficiente extrair pequenas amostras do mundo exterior e prová-las em pequenas quantidades. Nos organismos altamente desenvolvidos a camada cortical receptora de estímulos da antiga vesícula retraiu-se, há muito tempo, para as profundezas do interior do corpo, mas partes dela ficaram na superfície, imediatamente abaixo da proteção geral. Trata-se dos órgãos dos sentidos que, em essência, contêm dispositivos para a recepção de efeitos específicos de estímulos, mas além disso dispositivos especiais para a proteção posterior contra quantidades excessivas de estímulo e para deter tipos inapropriados de estímulo. Sua característica é elaborar apenas quantidades mínimas de estímulo externo, ocupar-se apenas com coletar amostras do mundo externo; talvez possamos compará-los com antenas que perscrutam o mundo exterior e novamente dele se retiram.

Permito-me, nesse ponto, abordar superficialmente um assunto que mereceria tratamento mais rigoroso. A tese de Kant de que tempo e espaço são formas necessárias de

Formen unseres Denkens sind, kann heute infolge gewisser psychoanalytischer Erkenntnisse einer Diskussion unterzogen werden. Wir haben erfahren, daß die unbewußten Seelenvorgänge an sich »zeitlos« sind. Das heißt zunächst, daß sie nicht zeitlich geordnet werden, daß die Zeit nichts an ihnen verändert, daß man die Zeitvorstellung nicht an sie heranbringen kann. Es sind dies negative Charaktere, die man sich nur durch Vergleichung mit den bewußten seelischen Prozessen deutlich machen kann. Unsere abstrakte Zeitvorstellung scheint vielmehr durchaus von der Arbeitsweise des Systems *W-Bw* hergeholt zu sein und einer Selbstwahrnehmung derselben zu entsprechen. Bei dieser Funktionsweise des Systems dürfte ein anderer Weg des Reizschutzes beschritten werden. Ich weiß, daß diese Behauptungen sehr dunkel klingen, muß mich aber auf solche Andeutungen beschränken. *[Die andere Abstraktion, die sich an das Funktionieren von BW anknüpfen läßt, ist aber nicht Raum, sondern Stoff (Substanz)].*

Wir haben bisher ausgeführt, daß das lebende Bläschen mit einem Reizschutz gegen die Außenwelt ausgestattet ist. Vorhin hatten wir festgelegt, daß die nächste Rindenschicht desselben als Organ zur Reizaufnahme von außen differenziert sein muß. Diese empfindliche Rindenschicht, das spätere System *Bw*, empfängt aber auch Erregungen von innen her; die Stellung des Systems zwischen außen und innen und die Verschiedenheit der Bedingungen für die Einwirkung von der einen und der anderen Seite werden maßgebend für die Leistung des Systems und des ganzen seelischen Apparats. Gegen außen gibt es einen Reizschutz, die ankommenden Erregungsgrößen werden nur in verkleinertem Maßstab wirken; nach innen zu ist ein Reizschutz unmöglich, die Erregungen der tieferen Schichten setzen sich direkt und in unverringertem Maße auf das System fort, indem gewisse

nosso pensamento, pode hoje ser submetida a discussão, em virtude de certas constatações psicanalíticas. Aprendemos que os processos anímicos inconscientes são em si mesmos "atemporais". Isso significa, em primeiro lugar, que eles não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica, que não podemos aplicar-lhes a noção de tempo. Trata-se de características negativas que só podemos tornar nítidas através da comparação com os processos anímicos conscientes. Nossa representação abstrata de tempo parece muito mais ter sido inteiramente retirada do modo de trabalho do sistema *Pcp-Cs*, correspondendo a uma autopercepção dele. Em vista desse modo de funcionamento do sistema, poderíamos trilhar um novo caminho para a proteção contra estímulos.³⁵ Sei que essas afirmações soam muito obscuras, mas preciso me limitar a alusões desse gênero. *[A outra abstração que podemos relacionar ao funcionamento de Cs não é o espaço, entretanto, mas a matéria: a substância.]*

Até aqui expusemos como a vesícula viva está equipada com um protetor contra estímulos do mundo exterior. Anteriormente havíamos definido que sua camada cortical mais próxima tem necessariamente de ser diferenciada como órgão de recepção de estímulos vindos de fora. Mas essa camada cortical sensível, o futuro sistema *Cs*, também recebe excitações do interior; a posição do sistema entre o interior e o exterior e a diversidade de condições para receber influência de um lado e de outro tornam-se decisivas para a operação do sistema e de todo o aparelho anímico. Contra o que vem de fora há uma proteção, as quantidades de excitação que chegam só farão efeito em escala reduzida; com relação ao que vem de dentro, a proteção é impossível, as excitações das camadas mais profundas propagam-se diretamente e em proporção não reduzida em direção ao sistema, ao mesmo tempo que certas características de seu

Charaktere ihres Ablaufes die Reihe der Lust-Unlustempfindungen erzeugen. Allerdings werden die von innen kommenden Erregungen nach ihrer Intensität und nach anderen qualitativen Charakteren (eventuell nach ihrer Amplitude) der Arbeitsweise des Systems adaequater sein als die von der Außenwelt zuströmenden Reize. Aber zweierlei ist durch diese Verhältnisse entscheidend bestimmt, erstens die Praevalenz der Lust- und Unlustempfindungen, die ein Index für Vorgänge im Innern des Apparates sind, über alle äußeren Reize, und zweitens eine Richtung des Verhaltens gegen solche innere Erregungen, welche allzu große Unlustvermehrung herbeiführen. Es wird sich die Neigung ergeben, sie so zu behandeln, als ob sie nicht von innen, sondern von außen her einwirkten, um die Abwehrmittel des Reizschutzes gegen sie in Anwendung bringen zu können. Dies ist die Herkunft der *Projektion*, der eine so große Rolle bei der Verursachung pathologischer Prozesse vorbehalten ist.

Ich habe den Eindruck, daß wir durch die letzten Überlegungen die Herrschaft des Lustprinzips unserem Verständnis angenähert haben; eine Aufklärung jener Fälle, die sich ihm widersetzen, haben wir aber nicht erreicht. Gehen wir darum einen Schritt weiter. Solche Erregungen von außen, die stark genug sind, den Reizschutz zu durchbrechen, heißen wir *traumatische*. Ich glaube, daß der Begriff des Traumas eine solche Beziehung auf eine sonst wirksame Reizabhaltung erfordert. Ein Vorkommnis wie das äußere Trauma wird gewiß eine großartige Störung im Energiebetrieb des Organismus hervorrufen und alle Abwehrmittel in Bewegung setzen. Aber das Lustprinzip ist dabei zunächst außer Kraft gesetzt. Die Überschwemmung des seelischen Apparats mit großen Reizmengen ist nicht mehr hintanzuhalten; es ergibt sich vielmehr eine andere Aufgabe, den Reiz zu bewältigen,

curso engendram a série das sensações de prazer-desprazer.³⁶ É verdade que as excitações que chegam de dentro serão, de acordo com sua intensidade e com outras características qualitativas (eventualmente sua amplitude), mais adequadas ao modo de trabalho do sistema do que os estímulos que afluem do mundo externo.³⁷ Mas de duas maneiras essas relações são decisivamente determinantes: primeiro, pela prevalência, sobre todos os estímulos externos, das sensações de prazer-desprazer, que são um índice dos processos no interior do aparelho; segundo, por uma conduta orientada contra todas essas excitações internas que provocarem um aumento muito grande do desprazer. Isso resulta na tendência a tratá-las como se elas não agissem a partir de dentro, mas de fora, para poder utilizar contra elas os mecanismos de defesa da proteção contra estímulos.³⁸ Essa é a origem da *projeção* para a qual está reservado um papel tão importante na causação dos processos patológicos.

Tenho a impressão de que através dessas últimas considerações melhoramos a compreensão do domínio do princípio de prazer; mas não alcançamos um esclarecimento sobre aqueles casos que se opõem a ele. Por isso, vamos dar mais um passo. Essas excitações que chegam de fora e são suficientemente intensas para romper a proteção chamemos de *traumáticas*. Acredito que o conceito de trauma requeira que uma relação desse tipo seja remetida a uma defesa contra estímulos que, normalmente, é eficaz.³⁹ Um acontecimento como o trauma externo provocará uma enorme perturbação no funcionamento energético do organismo e colocará em movimento todos os meios de defesa. Mas nesse caso o princípio de prazer é, de início, colocado fora de ação.⁴⁰ A inundação do aparelho anímico por grandes quantidades de estímulo não pode mais ser detida; o que ocorre é bem mais o surgimento de outra tarefa, a de dominar o estímulo, de

die hereingebrochenen Reizmengen psychisch zu binden, um sie dann der Erledigung zuzuführen.

Wahrscheinlich ist die spezifische Unlust des körperlichen Schmerzes der Erfolg davon, daß der Reizschutz in beschränktem Umfang durchbrochen wurde. Von dieser Stelle der Peripherie strömen dann dem seelischen Zentralapparat kontinuierliche Erregungen zu, wie sie sonst nur aus dem Innern des Apparates kommen konnten.ⁱ Und was können wir als die Reaktion des Seelenlebens auf diesen Einbruch erwarten? Von allen Seiten her wird die Besetzungsenergie aufgeboten, um in der Umgebung der Einbruchstelle entsprechend hohe Energiebesetzungen zu schaffen. Es wird eine großartige »Gegenbesetzung« hergestellt, zu deren Gunsten alle anderen psychischen Systeme verarmen, so daß eine ausgedehnte Lähmung oder Herabsetzung der sonstigen psychischen Leistung erfolgt. Wir suchen aus solchen Beispielen zu lernen, unsere metapsychologischen Vermutungen an solche Vorbilder anzulehnen. Wir ziehen also aus diesem Verhalten den Schluß, daß ein selbst hochbesetztes System imstande ist, neu hinzukommende strömende Energie aufzunehmen, sie in ruhende Besetzung umzuwandeln, also sie psychisch zu »binden«. Je höher die eigene ruhende Besetzung ist, desto größer wäre auch ihre bindende Kraft; umgekehrt also, je niedriger seine Besetzung ist, desto weniger wird das System für die Aufnahme zuströmender Energie befähigt sein, desto gewaltsamer müssen dann die Folgen eines solchen Durchbruchs des Reizschutzes sein. Man wird gegen diese Auffassung nicht mit Recht einwenden, daß die Erhöhung der Besetzungen um die Einbruchsstelle sich weit einfacher aus der direkten Fortleitung der

ligar psiquicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para levá-las, depois, à liquidação.

Talvez o desprazer específico da dor corporal seja o resultado de que a proteção tenha se rompido em uma extensão limitada. Desse ponto da periferia afluem então para o aparelho anímico central excitações contínuas, como as que normalmente só poderiam provir do interior do aparelho.ⁱ E o que podemos esperar como reação da vida anímica a essa irrupção? De todos os lados a energia de investimento é convocada para criar, nas proximidades do ponto de ruptura, investimentos de energia com intensidade correspondente. Produz-se, então, um grandioso "contrainvestimento", em cujo benefício todos os outros sistemas psíquicos se empobrecem, de modo que se segue uma extensa paralisia ou redução de qualquer outro funcionamento psíquico. Procuramos aprender desses exemplos como apoiar as nossas suposições metapsicológicas em modelos como esses. Portanto, extraímos dessa conduta a conclusão de que mesmo um sistema altamente investido é capaz de receber energia adicional fluente, de transformá-la em investimento quiescente, portanto, de "ligá-la" psiquicamente. Quanto mais elevado for o próprio investimento quiescente, tanto maior também seria sua força de ligação; portanto, inversamente, quanto mais baixo for seu investimento, menos o sistema será capaz de receber energia afluyente e mais violentas serão, necessariamente, as consequências de uma tal ruptura da proteção.⁴¹ Sem razão será objetado a essa concepção que a elevação do investimento em torno do lugar da ruptura poderia muito mais facilmente ser explicado pela propagação direta das quantidades de excitação

ⁱ Vgl. Triebe und Triebchicksale. [Ges. Werke, Bd. X.]

ⁱ Cf. *As pulsões e seus destinos* [nesta coleção, em volume monográfico e bilíngue].

ankommenden Erregungsmengen erkläre. Wenn dem so wäre, so würde der seelische Apparat ja nur eine Vermehrung seiner Energiebesetzungen erfahren, und der lähmende Charakter des Schmerzes, die Verarmung aller anderen Systeme bliebe unaufgeklärt. Auch die sehr heftigen Abfuhrwirkungen des Schmerzes stören unsere Erklärung nicht, denn sie gehen reflektorisch vor sich, das heißt, sie erfolgen ohne Vermittlung des seelischen Apparats. Die Unbestimmtheit all unserer Erörterungen, die wir metapsychologische heißen, rührt natürlich daher, daß wir nichts über die Natur des Erregungsvorganges in den Elementen der psychischen Systeme wissen und uns zu keiner Annahme darüber berechtigt fühlen. So operieren wir also stets mit einem großen X, welches wir in jede neue Formel mit hinübernehmen. Daß dieser Vorgang sich mit quantitativ verschiedenen Energien vollzieht, ist eine leicht zulässige Forderung, daß er auch mehr als eine Qualität (z. B. in der Art einer Amplitude) hat, mag uns wahrscheinlich sein; als neu haben wir die Aufstellung Breuers in Betracht gezogen, daß es sich um zweierlei Formen der Energieerfüllung handelt, so daß eine freiströmende, nach Abfuhr drängende, und eine ruhende Besetzung der psychischen Systeme (oder ihrer Elemente) zu unterscheiden ist. Vielleicht geben wir der Vermutung Raum, daß die »Bindung« der in den seelischen Apparat einströmenden Energie in einer Überführung aus dem freiströmenden in den ruhenden Zustand besteht.

Ich glaube, man darf den Versuch wagen, die gemeine traumatische Neurose als die Folge eines ausgiebigen Durchbruchs des Reizschutzes aufzufassen. Damit wäre die alte, naive Lehre vom Schock in ihre Rechte eingesetzt, anscheinend im Gegensatz zu einer späteren und psychologisch anspruchsvolleren, welche nicht der mechanischen

que chegam. Se fosse assim, o aparelho anímico sofreria apenas um aumento de seus investimentos de energia, e o caráter paralisante da dor e o empobrecimento de todos os outros sistemas não ficariam esclarecidos. Nem mesmo os efeitos violentos da descarga produzidos pela dor perturbam a nossa explicação, pois eles ocorrem de maneira reflexa, isto é, sem a mediação do aparelho anímico. A indeterminação de todas as nossas considerações – que chamamos de metapsicológicas – deve-se naturalmente ao fato de nada sabermos sobre a natureza do processo de excitação nos elementos dos sistemas psíquicos e por não nos sentirmos autorizados a nenhuma suposição sobre o assunto. Portanto, operamos o tempo todo com um grande “x” que transportamos conosco para cada nova fórmula. Que esse processo se realiza com energias quantitativamente diferentes é uma exigência fácil de aceitar; que ele possua mais do que uma qualidade (uma espécie de amplitude, por exemplo) pode nos parecer razoável; como elemento novo levamos em consideração a tese de Breuer de que se trata de duas formas de preenchimento de energia, de tal modo que se deve diferenciar um investimento livremente fluente que pressiona para a descarga e um investimento quiescente dos sistemas psíquicos (ou de seus elementos). Talvez possamos dar lugar à suposição de que a “ligação” da energia que flui para o aparelho anímico consista em uma passagem do estado de livre fluência para o estado quiescente.

Creio que tenhamos o direito de arriscar a tentativa de conceber a neurose traumática comum como a consequência de uma extensa ruptura da proteção contra estímulos. Com isso, estaria a antiga e ingênua doutrina do choque estabelecida em seus direitos, aparentemente em oposição a uma teoria posterior e de maiores pretensões psicológicas, que não atribui a importância etiológica à

Gewalteinwirkung, sondern dem Schreck und der Lebensbedrohung die ätiologische Bedeutung zuspricht. Allein diese Gegensätze sind nicht unversöhnlich, und die psychoanalytische Auffassung der traumatischen Neurose ist mit der rohesten Form der Schocktheorie nicht identisch. Versetzt letztere das Wesen des Schocks in die direkte Schädigung der molekularen Struktur, oder selbst der histologischen Struktur der nervösen Elemente, so suchen wir dessen Wirkung aus der Durchbrechung des Reizschutzes für das Seelenorgan und aus den daraus sich ergebenden Aufgaben zu verstehen. Der Schreck behält seine Bedeutung auch für uns. Seine Bedingung ist das Fehlen der Angstbereitschaft, welche die Überbesetzung der den Reiz zunächst aufnehmenden Systeme einschließt. Infolge dieser niedrigeren Besetzung sind die Systeme dann nicht gut imstande, die ankommenden Erregungsmengen zu binden, die Folgen der Durchbrechung des Reizschutzes stellen sich um so vieles leichter ein. Wir finden so, daß die Angstbereitschaft mit der Überbesetzung der aufnehmenden Systeme die letzte Linie des Reizschutzes darstellt. Für eine ganze Anzahl von Traumata mag der Unterschied zwischen den unvorbereiteten und den durch Überbesetzung vorbereiteten Systemen das für den Ausgang entscheidende Moment sein; von einer gewissen Stärke des Traumas an wird er wohl nicht mehr ins Gewicht fallen. Wenn die Träume der Unfallsneurotiker die Kranken so regelmäßig in die Situation des Unfalles zurückführen, so dienen sie damit allerdings nicht der Wunscherfüllung, deren halluzinatorische Herbeiführung ihnen unter der Herrschaft des Lustprinzips zur Funktion geworden ist. Aber wir dürfen annehmen, daß sie sich dadurch einer anderen Aufgabe zur Verfügung stellen, deren Lösung vorangehen muß, ehe das Lustprinzip seine Herrschaft beginnen kann. Diese Träume suchen die Reizbewältigung

ação mecânica violenta, mas ao terror e à ameaça à vida. No entanto, esses opostos não são inconciliáveis, e a concepção psicanalítica da neurose traumática não é idêntica à forma mais grosseira da teoria do choque. Enquanto esta última desloca a essência do choque para o dano direto da estrutura molecular ou mesmo da estrutura histológica dos elementos nervosos, nós procuramos compreender o seu efeito pela ruptura da proteção contra estímulos para o órgão anímico e pelas tarefas que daí resultam. O terror também mantém sua importância para nós. Sua condição é a falta de prontidão para a angústia, que inclui o superinvestimento nos sistemas que recebem o estímulo em primeiro lugar. Em consequência desse investimento mais baixo, os sistemas não estão bem em condições de ligar as quantidades de excitação que chegam, e então as consequências da ruptura da proteção instalam-se muito mais facilmente. O que pensamos é que a prontidão para a angústia com o superinvestimento dos sistemas receptores representa a última linha da proteção contra estímulos. Para um grande número de traumas, a diferença entre os sistemas não preparados e os preparados pelo superinvestimento pode ser o fator decisivo para o resultado; a partir de certa intensidade do trauma essa diferença, sem dúvida, não tem mais um grande peso.⁴² Se os sonhos dos neuróticos acidentários reconduzem os doentes tão regularmente de volta à situação do acidente, eles certamente não estão a serviço da realização de desejo, cuja produção alucinatória tornou-se a função dos sonhos sob o domínio do princípio de prazer.⁴³ No entanto, podemos supor que, por essa via, esses sonhos estejam disponíveis para executar outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio de prazer possa iniciar seu domínio. Tais sonhos procuram recuperar o domínio sobre o estímulo por meio do desenvolvimento

unter Angstentwicklung nachzuholen, deren Unterlassung die Ursache der traumatischen Neurose geworden ist. Sie geben uns so einen Ausblick auf eine Funktion des seelischen Apparats, welche, ohne dem Lustprinzip zu widersprechen, doch unabhängig von ihm ist und ursprünglicher scheint als die Absicht des Lustgewinns und der Unlustvermeidung.

Hier wäre also die Stelle, zuerst eine Ausnahme von dem Satze, der Traum ist eine Wunscherfüllung, zuzugestehen. Die Angstträume sind keine solche Ausnahme, wie ich wiederholt und eingehend gezeigt habe, auch die »Strafträume« nicht, denn diese setzen nur an die Stelle der verpönten Wunscherfüllung die dafür gebührende Strafe, sind also die Wunscherfüllung des auf den verworfenen Trieb reagierenden Schuldbewusstseins. Aber die obenerwähnten Träume der Unfallsneurotiker lassen sich nicht mehr unter den Gesichtspunkt der Wunscherfüllung bringen, und ebensowenig die in den Psychoanalysen vorkommenden Träume, die uns die Erinnerung der psychischen Traumata der Kindheit wiederbringen. Sie gehorchen vielmehr dem Wiederholungszwang, der in der Analyse allerdings durch den ~~[-nicht unbewussten-]~~ von der „Suggestion“ geförderten Wunsch, das Vergessene und Verdrängte heraufzubeschwören, unterstützt wird. So wäre also auch die Funktion des Traumata, Motive zur Unterbrechung des Schlafes durch Wunscherfüllung der störenden Regungen zu beseitigen, nicht seine ursprüngliche, er konnte sich ihrer erst bemächtigen, nachdem das gesamte Seelenleben die Herrschaft des Lustprinzips angenommen hatte. Gibt es ein »Jenseits des Lustprinzips«, so ist es folgerichtig, auch für die wunscherfüllende Tendenz des Traumata eine Vorzeit zuzulassen. Damit wird seiner

da angústia, cuja omissão tornou-se a causa da neurose traumática. Eles nos dão assim uma perspectiva sobre uma função do aparelho anímico,⁴⁴ a qual, sem contradizer o princípio de prazer, é, contudo, independente dele e parece mais primitiva do que o propósito do ganho prazer e da evitação de desprazer.

Aqui seria, portanto, o lugar de reconhecer pela primeira vez uma exceção para a afirmação de que o sonho é uma realização de desejo. Os sonhos de angústia não constituem essa exceção, como mostrei repetidas vezes e em detalhes, também não o são os “sonhos de punição”, pois estes apenas colocam no lugar da realização proibida de desejo a punição que convém, são, portanto, a realização de desejo da consciência de culpa que reage à pulsão rejeitada. Mas os sonhos dos neuróticos acidentários, que mencionamos anteriormente, não se deixam mais remeter ao ponto de vista da realização de desejo, tampouco os sonhos que ocorrem nas análises, que nos trazem de volta a lembrança dos traumas psíquicos da infância. Eles obedecem muito mais à compulsão à repetição que, na análise, encontra seu apoio no desejo ~~[-não-inconsciente-]~~ — incentivado pela “sugestão” — de evocar o esquecido e o recalado. Assim, portanto, também a função do sonho de eliminar os motivos de interrupção do sono pela realização de desejo das moções perturbadoras não seria a sua função originária; ele só poderia dominá-la depois que o conjunto da vida anímica tivesse aceitado o domínio do princípio de prazer. Se existe um “além do princípio de prazer”, é coerente admitirmos também um período anterior para a tendência à

späteren Funktion nicht widersprochen. Nun erhebt sich, wenn diese Tendenz einmal durchbrochen ist, die weitere Frage: Sind solche Träume, welche im Interesse der psychischen Bindung traumatischer Eindrücke dem Wiederholungszwange folgen, nicht auch außerhalb der Analyse möglich? Dies ist durchaus zu bejahen.

Von den »Kriegsneurosen«, soweit diese Bezeichnung mehr als die Beziehung zur Veranlassung des Leidens bedeutet, habe ich an anderer Stelle ausgeführt, daß sie sehr wohl traumatische Neurosen sein könnten, die durch einen Ich-konflikt erleichtert worden sind.ⁱ Die auf Seite 70 erwähnte Tatsache, daß eine gleichzeitige grobe Verletzung durch das Trauma die Chance für die Entstehung einer Neurose verringert, ist nicht mehr unverständlich, wenn man zweier von der psychoanalytischen Forschung betonten Verhältnisse gedenkt. Erstens, daß mechanische Erschütterung als eine der Quellen der Sexualerregung anerkannt werden muß (vgl. die Bemerkungen, »Die Wirkung des Schaukelns und Eisenbahnfahrens« in »Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie«, 4. Auflage, 1920), und zweitens, daß dem schmerzhaften und fieberhaften Kranksein während seiner Dauer ein mächtiger Einfluß auf die Verteilung der Libido zukommt. So würde also die mechanische Gewalt des Traumas das Quantum Sexualerregung frei machen, welches infolge der mangelnden Angstvorbereitung traumatisch wirkt, die gleichzeitige Körpervletzung würde aber durch die Anspruchnahme einer narzißtischen Überbesetzung des leidenden Organs den Überschuß an Erregung binden (s. »Zur Einführung des Narzißmus«, Kleine Schriften zur

ⁱ Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen. Einleitung. Internationale Psychoanalytische Bibliothek, Nr. 1, 1919. [Ges. Werke, Bd. XII]

realização de desejos do sonho. Isso não contradiz sua função posterior.⁴⁵ Mas, uma vez que essa tendência irrompe, uma nova questão se coloca: esses sonhos, que no interesse da ligação psíquica de impressões traumáticas obedecem à compulsão à repetição, não são eles também possíveis mesmo fora da análise? A resposta é absolutamente afirmativa.

A respeito das "neuroses de guerra"⁴⁶ – contanto que essa designação signifique mais do que uma relação com a causação do sofrimento – expus em outro lugar que elas poderiam muito bem ser neuroses traumáticas que foram facilitadas por um conflito do Eu.ⁱ O fato, mencionado às p. 69–71, de que um ferimento grave, simultâneo, causado pelo trauma diminui a chance do surgimento de uma neurose não é mais ininteligível, se pensarmos em duas circunstâncias enfatizadas pela investigação psicanalítica. Primeiro, que o abalo mecânico deve ser reconhecido como uma das fontes da excitação sexual (cf. as observações sobre o efeito do balanço e das viagens de trem em *Três ensaios sobre a teoria sexual*);⁴⁷ segundo, que ao adoecimento doloroso e febril corresponde, enquanto durar, uma influência poderosa sobre a distribuição da libido. Assim, a violência mecânica do trauma liberaria, portanto, o *quantum* de excitação sexual que tem efeito traumático, em razão da falta de prontidão para a angústia;⁴⁸ enquanto o ferimento corporal simultâneo ligaria o excedente de excitação pela exigência de um superinvestimento narcísico no órgão em sofrimento (cf. "Para introduzir o narcisismo").⁴⁹ É um

ⁱ Sobre a Psicanálise das neuroses de guerra. Introdução. *Biblioteca Internacional de Psicanálise*, n. 1, 1919 [Ges. Werke, Bd. XII]

Neurosenlehre, 4. Folge, 1918). Es ist auch bekannt, aber für die Libidotheorie nicht genügend verwertet worden, daß so schwere Störungen in der Libidovertelung wie die einer Melancholie durch eine interkurrente organische Erkrankung zeitweilig aufgehoben werden, ja daß sogar der Zustand einer vollentwickelten Dementia praecox unter der nämlichen Bedingung einer vorübergehenden Rückbildung fähig ist.

V

Der Mangel eines Reizschutzes für die reizaufnehmende Rindenschicht gegen Erregungen von innen her wird die Folge haben müssen, daß diese Reizübertragungen die größere ökonomische Bedeutung gewinnen und häufig zu ökonomischen Störungen Anlaß geben, die den traumatischen Neurosen gleichzustellen sind. Die ausgiebigsten Quellen solch innerer Erregung sind die sogenannten Triebe des Organismus, die Repräsentanten aller aus dem Körperinnern stammenden, auf den seelischen Apparat übertragenen Kraftwirkungen, selbst das wichtigste wie das dunkelste Element der psychologischen Forschung.

Vielleicht finden wir die Annahme nicht zu gewagt, daß die von den Trieben ausgehenden Regungen nicht den Typus des gebundenen, sondern den des frei beweglichen, nach Abfuhr drängenden Nervenvorganges einhalten. Das Beste, was wir über diese Vorgänge wissen, rührt aus dem Studium der Traumarbeit her. Dabei fanden wir, daß die Prozesse in den unbewußten Systemen von denen in den (vor-)bewußten gründlich verschieden sind, daß im Unbewußten Besetzungen leicht vollständig übertragen, verschoben, verdichtet werden können, was nur fehlerhafte Resultate ergeben könnte, wenn es an vorbewußtem

fato igualmente conhecido, mas não suficientemente explorado pela teoria da libido, que perturbações tão graves na distribuição da libido, como as da melancolia, sejam temporariamente suspensas por uma enfermidade orgânica intercorrente, e que, na verdade, até mesmo o estado de uma *dementia praecox* plenamente desenvolvida é capaz, sob as mesmas condições, de sofrer uma remissão passageira.

V

A falta de uma proteção contra estímulos de origem interna, a camada cortical receptora de estímulos, terá forçosamente como consequência que essas transferências de estímulos adquiram a maior importância econômica e muitas vezes ocasionem perturbações econômicas que podem ser equiparadas às das neuroses traumáticas. As fontes mais abundantes dessa excitação interna são as chamadas pulsões do organismo, que, além de serem representantes de todos os efeitos de forças que se originam no interior do corpo e são transferidos para o aparelho anímico, são mesmo o que há de mais importante, bem como de mais obscuro na investigação psicológica.

Talvez não consideremos muito ousada a suposição de que as moções que se originam das pulsões não obedeçam ao processo nervoso do tipo ligado, mas ao do livremente móvel que pressiona para descarga. O que sabemos de melhor sobre esses processos provém do estudo do trabalho do sonho. Lá descobrimos que os processos nos sistemas inconscientes são fundamentalmente diferentes daqueles nos sistemas (pré-)conscientes, que no inconsciente os investimentos podem ser facilmente transferidos, deslocados e condensados de modo integral, o que só poderia produzir resultados falhos se ocorresse com material pré-consciente,

Material geschähe, und was darum auch die bekannten Sonderbarkeiten des manifesten Traumes ergibt, nachdem die vorbewußten Tagesreste die Bearbeitung nach den Gesetzen des Unbewußten erfahren haben. Ich nannte die Art dieser Prozesse im Unbewußten den psychischen »Primärvorgang« zum Unterschied von dem für unser normales Wachleben gültigen Sekundärvorgang. Da die Triebregungen alle an den unbewußten Systemen angreifen, ist es kaum eine Neuerung zu sagen, daß sie dem Primärvorgang folgen, und andererseits gehört wenig dazu, um den psychischen Primärvorgang mit der frei beweglichen Besetzung, den Sekundärvorgang mit den Veränderungen an der gebundenen oder tonischen Besetzung Breuers zu identifizieren.¹ Es wäre dann die Aufgabe der höheren Schichten des seelischen Apparates, die im Primärvorgang anlangende Erregung der Triebe zu binden. Das Mißglücken dieser Bindung würde eine der traumatischen Neurose analoge Störung hervorrufen; erst nach erfolgter Bindung könnte sich die Herrschaft des Lustprinzips (und seiner Modifikation zum Realitätsprinzip) ungehemmt durchsetzen. Bis dahin aber würde die andere Aufgabe des Seelenapparates, die Erregung zu bewältigen oder zu binden, voranstellen, zwar nicht im Gegensatz zum Lustprinzip aber unabhängig von ihm und zum Teil ohne Rücksicht auf dieses.

Die Äußerungen eines Wiederholungszwanges, die wir an den frühen Tätigkeiten des kindlichen Seelenlebens wie an den Erlebnissen der psychoanalytischen Kur beschrieben haben, zeigen im hohen Grade den triebhaften, und wo sie sich im Gegensatz zum Lustprinzip befinden, den dämonischen Charakter. Beim Kinderspiel glauben wir

¹ Vgl. den Abschnitt VII, Psychologie der Traumvorgänge in meiner »Traumdeutung«. [Ges. Werke, Bd. III/IV]

e que, precisamente por essa razão, ele também produz as conhecidas peculiaridades do sonho manifesto, depois que os restos diurnos pré-conscientes foram elaborados de acordo com as leis do inconsciente. Chamei essa espécie de processo no inconsciente de "processo primário" psíquico, para distingui-lo do processo secundário vigente em nossa vida normal de vigília. Como todas as moções pulsionais impactam os sistemas inconscientes, quase não é uma novidade dizer que elas sigam o processo primário, e, por outro lado, não é necessário fazer um grande esforço para identificar o processo psíquico primário com o investimento livremente móvel, e o processo secundário com as modificações que se produzem no investimento ligado ou tônico de Breuer.¹ Seria então a tarefa das camadas superiores do aparelho anímico ligar a excitação das pulsões que afetam o processo primário. O fracasso dessa ligação provocaria uma perturbação análoga à da neurose traumática;⁵⁰ só depois de uma ligação bem-sucedida é que poderia se estabelecer, sem inibição, o domínio do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Mas até lá, é a outra tarefa do aparelho psíquico que teria prioridade, a de dominar ou ligar a excitação, não certamente em oposição ao princípio de prazer, mas independente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração.

As manifestações de uma compulsão à repetição, que descrevemos nas atividades precoces da vida anímica infantil, assim como nas vivências do tratamento psicanalítico, exibem, em alto grau, o caráter pulsional, e quando se encontram em oposição ao princípio de prazer, o caráter daimoniaco. No caso da brincadeira infantil,

¹ Cf. o capítulo VII, "Psicologia dos processos do sonho", em minha *A interpretação dos sonhos*. [Ges. Werke, v. III/IV].

es zu begreifen, daß das Kind auch das unlustvolle Erlebnis darum wiederholt, weil es sich durch seine Aktivität eine weit gründlichere Bewältigung des starken Eindrucks erwirbt, als beim bloß passiven Erleben möglich war. Jede neuerliche Wiederholung scheint diese angestrebte Beherrschung zu verbessern, und auch bei lustvollen Erlebnissen kann sich das Kind an Wiederholungen nicht genug tun und wird unerbittlich auf der Identität des Eindrucks bestehen. Dieser Charakterzug ist dazu bestimmt, späterhin zu verschwinden. Ein zum zweitenmal angehörter Witz wird fast wirkungslos bleiben, eine Theateraufführung wird nie mehr zum zweitenmal den Eindruck erreichen, den sie das erstemal hinterließ; ja, der Erwachsene wird schwer zu bewegen sein, ein Buch, das ihm sehr gefallen hat, sobald nochmals durchzulesen. Immer wird die Neuheit die Bedingung des Genusses sein. Das Kind aber wird nicht müde werden, vom Erwachsenen die Wiederholung eines ihm gezeigten oder mit ihm angestellten Spieles zu verlangen, bis dieser erschöpft es verweigert, und wenn man ihm eine schöne Geschichte erzählt hat, will es immer wieder die nämliche Geschichte anstatt einer neuen hören, besteht unerbittlich auf der Identität der Wiederholung und verbessert jede Abänderung, die sich der Erzähler zuschulden kommen läßt, mit der er sich vielleicht sogar ein neues Verdienst erwerben wollte. Dem Lustprinzip wird dabei nicht widersprochen; es ist sinnfällig, daß die Wiederholung, das Wiederfinden der Identität, selbst eine Lustquelle bedeutet. Beim Analysierten hingegen wird es klar, daß der Zwang, die Begebenheiten seiner infantilen Lebensperiode in der Übertragung zu wiederholen, sich in *jeder* Weise über das Lustprinzip hinaussetzt. Der Kranke benimmt sich dabei völlig wie infantil und zeigt uns so, daß die verdrängten Erinnerungsspuren seiner

pensamos entender que a criança também repete a experiência desagradável porque com essa atividade ela adquire um controle mais profundo sobre a forte impressão do que seria possível em uma experiência meramente passiva. Cada nova repetição da brincadeira parece aprimorar esse domínio almejado, e mesmo nas experiências prazerosas a criança não se farta das repetições e insiste de maneira inexorável na identidade da impressão. Esse traço de caráter está fadado a desaparecer posteriormente. Uma piada ouvida pela segunda vez ficará quase que sem efeito; uma apresentação teatral nunca mais conseguirá deixar pela segunda vez a impressão que deixou na primeira; de fato, será difícil mover um adulto a reler, em seguida, e inteiramente, um livro que ele tenha apreciado muito. A novidade será sempre a condição do gozo. A criança, no entanto, não se cansa de exigir do adulto a repetição de uma brincadeira que este lhe tenha mostrado ou na qual tenham se envolvido juntos, até que o adulto, esgotado, recuse-a; e quando lhe contamos uma bonita história, ela quer ouvir sempre a mesma história em vez de uma nova, atendo-se inexoravelmente à identidade da repetição, e corrige toda e qualquer modificação que tenha sido feita por conta do narrador, modificação a partir da qual talvez ele tenha querido até mesmo receber elogios. Aí não há contradição com o princípio de prazer; pois fica evidente que a repetição, o reencontrar a identidade, constitui por si mesma uma fonte de prazer. No caso do analisando, ao contrário, fica claro que a compulsão em repetir na transferência os acontecimentos do período infantil de sua vida ultrapassa o princípio de prazer de *todas* as maneiras. O doente age, nesse caso, de maneira completamente infantil e assim nos revela que os vestígios de lembrança recalcados de suas primeiras experiências psíquicas não estão presentes

urzeitlichen Erlebnisse nicht im gebundenen Zustande in ihm vorhanden, ja gewissermaßen des Sekundärvorganges nicht fähig sind. Dieser Ungebundenheit verdanken sie auch ihr Vermögen, durch Anheftung an die Tagesreste eine im Traum darzustellende Wunschphantasie zu bilden. Derselbe Wiederholungszwang tritt uns so oft als therapeutisches Hindernis entgegen, wenn wir zu Ende der Kur die völlige Ablösung vom Arzte durchsetzen wollen, und es ist anzunehmen, daß die dunkle Angst der mit der Analyse nicht Vertrauten, die sich scheuen irgend etwas aufzuwecken, was man nach ihrer Meinung besser schlafen ließe, im Grunde das Auftreten dieses dämonischen Zwanges fürchtet.

Auf welche Art hängt aber das Triebhafte mit dem Zwang zur Wiederholung zusammen? Hier muß sich uns die Idee aufdrängen, daß wir einem allgemeinen, bisher nicht klar erkannten – oder wenigstens nicht ausdrücklich betonten – Charakter der Triebe, vielleicht alles organischen Lebens überhaupt, auf die Spur gekommen sind. *Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes*, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben.ⁱ

Diese Auffassung des Triebes klingt befremdlich, denn wir haben uns daran gewöhnt, im Triebe das zur Veränderung und Entwicklung drängende Moment zu sehen, und sollen nun das gerade Gegenteil in ihm erkennen, den Ausdruck der *konservativen* Natur des Lebenden. Andererseits fallen uns sehr bald jene Beispiele aus dem Tierleben ein, welche

ⁱ Ich bezweifle nicht, daß ähnliche Vermutungen über die Natur der »Triebe« bereits wiederholt geäußert worden sind.

nele em estado ligado e que, de fato, em certa medida, não estão aptos ao processo secundário. É também a essa ausência de ligação que eles devem sua capacidade de formar, através da aderência aos restos diurnos, uma fantasia de desejo a ser figurada no sonho. A mesma compulsão à repetição opõe-se a nós com muita frequência como obstáculo terapêutico, quando, no final do tratamento, queremos estabelecer o completo descolamento do doente em relação ao médico, e devemos supor que o medo obscuro daqueles não familiarizados com a análise, isto é, dos que temem despertar algo que em sua opinião seria melhor deixar dormindo, seja, no fundo, o mesmo que temer a emergência dessa compulsão daimoniaca.

Mas de que maneira o pulsional está associado à compulsão à repetição? Aqui precisa impor-se a nós, necessariamente, a ideia de que chegamos à pista de um caráter geral das pulsões e até mesmo de toda a vida orgânica em geral, caráter que até o presente não foi claramente reconhecido – ou pelo menos não expressamente destacado. *Uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior*, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica.ⁱ

Essa concepção de pulsão soa estranha, pois nos habituamos a ver na pulsão o fator que pressiona para a mudança e o desenvolvimento, e agora temos de reconhecer nela justamente o contrário, a expressão da natureza *conservadora* do ser vivo. Por outro lado, logo nos ocorrem aqueles exemplos da vida animal que parecem confirmar

ⁱ Não tenho dúvida de que suposições semelhantes sobre a natureza das »pulsões« já tenham sido formuladas repetidas vezes.

die historische Bedingtheit der Triebe zu bestätigen scheinen. Wenn gewisse Fische um die Laichzeit beschwerliche Wanderungen unternehmen, um den Laich in bestimmten Gewässern, weit entfernt von ihren sonstigen [*Wohnorten*] Aufenthalt, abzulegen, so haben sie nach der Deutung vieler Biologen nur die früheren Wohnstätten ihrer Art aufgesucht, die sie im Laufe der Zeit gegen andere vertauscht hatten. Dasselbe soll für die Wanderflüge der Zugvögel gelten, aber der Suche nach weiteren Beispielen enthebt uns bald die Mahnung, daß wir in den Phänomenen der Erblichkeit und in den Tatsachen der Embryologie die großartigsten Beweise für den organischen Wiederholungszwang haben. Wir sehen, der Keim eines lebenden Tieres ist genötigt, in seiner Entwicklung die Strukturen all der Formen, von denen das Tier abstammt – wenn auch in flüchtiger Abkürzung – zu wiederholen, anstatt auf dem kürzesten Wege zu seiner definitiven Gestaltung zu eilen, und können dies Verhalten nur zum geringsten Teile mechanisch erklären, dürfen die historische Erklärung nicht beiseite lassen. Und ebenso erstreckt sich weit in die Tierreihe hinauf ein Reproduktionsvermögen, welches ein verlorenes Organ durch die Neubildung eines ihm durchaus gleichen ersetzt.

Der naheliegende Einwand, es verhalte sich wohl so, daß es außer den konservativen Trieben, die zur Wiederholung nötigen, auch andere gibt, die zur Neugestaltung und zum Fortschritt drängen, darf gewiß nicht unberücksichtigt bleiben; er soll auch späterhin in unsere Erwägungen einbezogen werden. Aber vorher mag es uns verlocken, die Annahme, daß alle Triebe Früheres wiederherstellen wollen, in ihre letzten Konsequenzen zu verfolgen. Mag, was dabei herauskommt, den Anschein des »Tiefsinnigen« erwecken oder an Mystisches anklingen, so wissen wir uns doch von dem Vorwurf frei, etwas derartiges angestrebt zu

o condicionamento histórico das pulsões. Quando certos peixes, na época da desova, empreendem difíceis migrações para depositar seus ovos em determinadas águas muito distantes de suas [*acomodações*] moradas costumeiras, eles estão apenas, segundo a interpretação de muitos biólogos, à procura das habitações anteriores de sua espécie, que, com o passar do tempo, trocou por outras. O mesmo deve valer para os voos migratórios de aves de passagem, mas logo uma advertência nos dispensa da procura por outros exemplos, porque encontramos nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia as provas mais grandiosas da compulsão orgânica à repetição. Vemos que o gérmen de um animal vivo é obrigado a repetir em seu desenvolvimento as estruturas de todas as formas das quais o animal descende – mesmo que de maneira ligeiramente abreviada –, em vez de se apressar pelo caminho mais curto em direção à sua configuração definitiva, e só podemos explicar mecanicamente uma parte ínfima dessa conduta, não podendo deixar de lado a explicação histórica. E da mesma forma, estende-se longamente na série animal uma capacidade reprodutiva que substitui um órgão perdido por meio da neoformação de um órgão absolutamente igual.

A objeção que se apresenta de imediato, de que, além das pulsões conservadoras que forçam à repetição, haja outras pulsões que pressionam para a produção de novas formações e para o progresso, não deve deixar de ser levada em conta; essa objeção será incorporada mais adiante em nossas considerações. Mas antes, deixemo-nos ser tentados a levar até as últimas consequências a suposição de que todas as pulsões visam restabelecer algo anterior. Mesmo que o que resultar disso evoque a aparência de algo “profundo” ou soe como místico, sabemos que estamos livres da acusação de ter ambicionado algo desse tipo.

haben. Wir suchen nüchterne Resultate der Forschung oder der auf sie gegründeten Überlegung, und unser Wunsch möchte diesen keinen anderen Charakter als den der Sicherheit verleihen.¹

Wenn also alle organischen Triebe konservativ, historisch erworben und **auf Regression**, Wiederherstellung von Früherem gerichtet sind, so müssen wir alle Erfolge der organischen Entwicklung auf die Rechnung äußerer, störender und ablenkender Einflüsse setzen. Das elementare Lebewesen würde sich von seinem Anfang an nicht haben ändern wollen, hätte unter sich gleichbleibenden Verhältnissen stets nur den nämlichen Lebenslauf wiederholt. [*Aber in der Außenwelt war alles in Veränderung begriffen*]. Aber im letzten Grunde müßte es die Entwicklungsgeschichte unserer Erde und ihres Verhältnisses zur Sonne sein, die uns in der Entwicklung der Organismen ihren Abdruck hinterlassen hat. Die konservativen organischen Triebe haben jede dieser aufgezwungenen Abänderungen des Lebenslaufes aufgenommen und zur Wiederholung aufbewahrt und müssen so den täuschenden Eindruck von Kräften machen, die nach Veränderung und Fortschritt streben, während sie bloß ein altes Ziel auf alten und neuen Wegen zu erreichen trachten. Auch dieses Endziel alles organischen Strebens ließe sich angeben. Der konservativen Natur der Triebe widerspräche es, wenn das Ziel des Lebens ein noch nie zuvor erreichter Zustand wäre. Es muß vielmehr ein alter, ein Ausgangszustand, sein, den das Lebende einmal verlassen hat, und zu dem es über alle Umwege der Entwicklung zurückstrebt. Wenn wir es als ausnahmslose Erfahrung

¹ Man möge nicht übersehen, daß das folgende die Entwicklung eines extremen Gedankenganges ist, der späterhin, wenn die Sexualtriebe in Betracht gezogen werden, Einschränkung und Berichtigung findet.

Estamos procurando resultados sóbrios da investigação ou da reflexão que nela se baseia, e nosso desejo é o de não conferir a esses resultados nenhum outro caráter que não seja o da certeza.¹

Se, portanto, todas as pulsões orgânicas são conservadoras, adquiridas historicamente e orientadas à **regressão**, à recuperação de um estado anterior, então temos necessariamente de atribuir os resultados da evolução orgânica à influência de forças externas, perturbadoras e desviantes. O ser vivo elementar, desde o seu início, não pretendia mudar e, mantidas as mesmas condições, só repetiria sempre o mesmo curso de vida. [*Mas no mundo externo tudo estava tomado por mudança*]. Mas, em última instância, deve ter sido a história do desenvolvimento da Terra e da sua relação com o Sol o que deve ter deixado sua marca no desenvolvimento dos organismos. As pulsões orgânicas conservadoras assimilaram cada uma dessas modificações impostas ao curso de vida do organismo e as preservaram para a repetição, passando assim a impressão enganosa de forças que anseiam por mudança e progresso, enquanto, na verdade, procuravam apenas alcançar uma antiga meta por caminhos antigos e novos. Também poderíamos indicar qual é essa meta final de todo esse anseio orgânico. Seria contrário à natureza conservadora das pulsões se a meta da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Essa meta deve ser bem mais um estado antigo, um estado inicial que o ser vivo um dia abandonou e ao qual ele anseia retornar através de todos os desvios do desenvolvimento. Se nos for permitido supor, como uma experiência sem

¹ Não queremos perder de vista que o que se segue é o desenvolvimento de um movimento extremo de pensamento que mais tarde, quando forem consideradas as pulsões sexuais, encontrará restrição e justificativa.

annehmen dürfen, daß alles Lebende aus *inneren* Gründen stirbt, ins Anorganische zurückkehrt, so können wir nur sagen: *Das Ziel alles Lebens ist der Tod*, und zurückgreifend: *Das Leblose war früher da als das Lebende*.

Irgend einmal wurden in unbelebter Materie durch eine noch ganz unvorstellbare Krafteinwirkung die Eigenschaften des Lebenden erweckt. Vielleicht war es ein Vorgang vorbildlich ähnlich jenem anderen, der in einer gewissen Schicht der lebenden Materie später das Bewußtsein entstehen ließ. Die damals entstandene Spannung in dem vorhin unbelebten Stoff trachtete darnach, sich abzugleichen; es war der erste Trieb gegeben, der, zum Lëblosen zurückzukehren. Die damals lebende Substanz hatte das Sterben noch leicht, es war wahrscheinlich nur ein kurzer Lebensweg zu durchlaufen, dessen Richtung durch die chemische Struktur des jungen Lebens bestimmt war. Eine lange Zeit hindurch mag so die lebende Substanz immer wieder neu geschaffen worden und leicht gestorben sein, bis sich maßgebende äußere Einflüsse so änderten, daß sie die noch überlebende Substanz zu immer größeren Ablenkungen vom ursprünglichen Lebensweg und zu immer komplizierteren Umwegen bis zur Erreichung des Todeszieles nötigten. Diese Umwege zum Tode, von den konservativen Trieben getreulich festgehalten, böten uns heute das Bild der Lebenserscheinungen. Wenn man an der ausschließlich konservativen Natur der Triebe festhält, kann man zu anderen Vermutungen über Herkunft und Ziel des Lebens nicht gelangen.

Ebenso befremdend wie diese Folgerungen klingt dann, was sich für die großen Gruppen von Trieben ergibt, die wir hinter den Lebenserscheinungen der Organismen statuieren. Die Aufstellung der Selbsterhaltungstriebe, die wir jedem lebenden Wesen zugestehen, steht in merkwürdigem Gegensatz zur Voraussetzung, daß das gesamte

exceção, que tudo o que é vivo morre por razões *internas*, retorna ao inorgânico, então só nos resta dizer: *A meta de toda vida é a morte*, e, remontando ao passado: *O inanimado esteve aqui antes do vivo*.

Houve um dia em que as propriedades do vivente foram despertadas na matéria inanimada pela influência de uma força ainda inteiramente inconcebível. Talvez tenha sido um processo exemplarmente semelhante àquele que posteriormente fez surgir a consciência em certa camada da matéria viva. Na ocasião, a tensão gerada na matéria antes inanimada tentou equiparar-se; surgiu a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado. A substância viva de então ainda conseguia morrer facilmente, tratava-se provavelmente de apenas percorrer um curto caminho de vida, cuja direção estava determinada pela estrutura química dessa jovem vida. Durante um longo tempo a substância viva deve então ter sido recriada sem cessar e ter morrido facilmente, até que influências externas decisivas se alteraram de tal maneira que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e a rodeios cada vez mais complicados para alcançar a meta da morte. Esses rodeios para a morte fielmente mantidos pelas pulsões conservadoras seriam os que hoje nos oferecem o quadro das manifestações da vida. Se nos ativermos à natureza exclusivamente conservadora das pulsões, não poderemos chegar a outras suposições sobre a procedência e a meta da vida.

Aquilo que, em seguida, surge como os grandes grupos de pulsões, que estatuímos por detrás das manifestações de vida dos organismos, soa tão estranho quanto essas conclusões. A formulação das pulsões de autoconservação, que atribuímos a todo ser vivo, está em notável oposição com o pressuposto de que o conjunto da vida pulsional

Triebleben der Herbeiführung des Todes dient. Die theoretische Bedeutung der Selbsterhaltungs-, Macht- und Geltungstriebe schrumpft, in diesem Licht gesehen, ein; es sind Partialtriebe, dazu bestimmt, den eigenen Todesweg des Organismus zu sichern und andere Möglichkeiten der Rückkehr zum Anorganischen als die immanenten fernzuhalten, aber das rätselhafte, in keinen Zusammenhang einfügbare Bestreben des Organismus, sich aller Welt zum Trotz zu behaupten, entfällt. Es erübrigt, daß der Organismus nur auf seine Weise sterben will; auch diese Lebenswächter sind ursprünglich Trabanten des Todes gewesen. Dabei kommt das Paradoxe zustande, daß der lebende Organismus sich auf das energischste gegen Einwirkungen (Gefahren) sträubt, die ihm dazu verhelfen könnten, sein Lebensziel auf kurzem Wege (durch Kurzschluß sozusagen) zu erreichen, aber dies Verhalten charakterisiert eben ein rein triebhaftes im Gegensatz zu einem intelligenten Streben.

Aber besinnen wir uns, dem kann nicht so sein! In ein ganz anderes Licht rücken die Sexualtriebe, für welche die Neurosenlehre eine Sonderstellung in Anspruch genommen hat. Nicht alle Organismen sind dem äußeren Zwang unterlegen, der sie zu immer weiter gehender Entwicklung antrieb. Vielen ist es gelungen, sich auf ihrer niedrigen Stufe bis auf die Gegenwart zu bewahren; es leben ja noch heute, wenn nicht alle, so doch viele Lebewesen, die den Vorstufen der höheren Tiere und Pflanzen ähnlich sein müssen. Und ebenso machen nicht alle Elementarorganismen, welche den komplizierten Leib eines höheren Lebewesens zusammensetzen, den ganzen Entwicklungsweg bis zum natürlichen Tode mit. Einige unter ihnen, die Keimzellen, bewahren wahrscheinlich die ursprüngliche Struktur der lebenden Substanz und lösen sich, mit allen ererbten und

serve para conduzir à morte. A importância teórica das pulsões de autoconservação, de poder e de valorização encolhe, se vista sob essa luz; trata-se de pulsões parciais, destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e a manter afastadas quaisquer outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam as imanentes; no entanto, esse anseio enigmático do organismo é cancelado, o anseio impossível de se inserir em qualquer contexto, de se afirmar, desafiando o mundo inteiro. O que resta é que o organismo só quer morrer à sua maneira; mesmo esses guardiães da vida foram originariamente os serviçais da morte. Daí o paradoxo de que o organismo vivo rebela-se com sua máxima energia contra influências (perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho curto (por curto-circuito, por assim dizer); entretanto essa conduta caracteriza justamente um anseio puramente pulsional, em oposição a uma tendência inteligente.⁵¹

Mas, ponderemos, isso não pode ser assim! Sob uma nova luz completamente diferente surgem as pulsões sexuais, para as quais a doutrina das neuroses reivindicou uma posição especial. Nem todos os organismos foram submetidos a uma coação externa que os tenha impelido a um desenvolvimento sempre continuado. Muitos conseguiram conservar-se em seu estágio inferior até o presente; com efeito, ainda hoje vivem, senão todos, muitos seres vivos que devem ser semelhantes aos estágios preliminares dos animais e vegetais superiores. Da mesma forma, nem todos os organismos elementares que integram o corpo complexo de um ser vivo superior participam inteiramente do curso do desenvolvimento que conduz até a morte natural. Alguns dentre eles, as células germinativas, provavelmente conservam a estrutura originária da substância viva e, depois de algum tempo,

neu erworbenen Triebanlagen beladen, nach einer gewissen Zeit vom ganzen Organismus ab. Vielleicht sind es gerade diese beiden Eigenschaften, die ihnen ihre selbständige Existenz ermöglichen. Unter günstige Bedingungen gebracht, beginnen sie sich zu entwickeln, das heißt, das Spiel, dem sie ihre Entstehung verdanken, zu wiederholen, und dies endet damit, daß wieder ein Anteil ihrer Substanz die Entwicklung bis zum Ende fortführt, während ein anderer als neuer Keimrest von neuem auf den Anfang der Entwicklung zurückgreift. So arbeiten diese Keimzellen dem Sterben der lebenden Substanz entgegen und wissen für sie zu erringen, was uns als potentielle Unsterblichkeit erscheinen muß, wenngleich es vielleicht nur eine Verlängerung des Todesweges bedeutet. *[Völlig unverständlich]* Im höchsten Grade bedeutungsvoll ist uns die Tatsache, daß die Keimzelle für diese Leistung durch die Verschmelzung mit einer anderen, ihr ähnlichen und doch von ihr verschiedenen, gekräftigt oder überhaupt erst befähigt wird.

Die Triebe, welche die Schicksale dieser das Einzelwesen überlebenden Elementarorganismen in acht nehmen, für ihre sichere Unterbringung sorgen, so lange sie wehrlos gegen die Reize der Außenwelt sind, ihr Zusammentreffen mit den anderen Keimzellen herbeiführen usw., bilden die Gruppe der Sexualtriebe. Sie sind in demselben Sinne konservativ wie die anderen, indem sie frühere Zustände der lebenden Substanz wiederbringen, aber sie sind es in stärkerem Maße, indem sie sich als besonders resistent gegen äußere Einwirkungen erweisen, und dann noch in einem weiteren Sinne, da sie das Leben selbst für längere Zeiten erhalten.ⁱ

ⁱ Und doch sind sie es, die wir allein für eine innere Tendenz zum „Fortschritt“ und zur Höherentwicklung in Anspruch nehmen können!

carregadas com todos os dispositivos pulsionais herdados e adquiridos, separam-se do conjunto do organismo. Talvez sejam justamente essas duas propriedades que tornam possível sua existência autônoma. Colocadas em condições favoráveis, elas começam a se desenvolver, isto é, a repetir o jogo ao qual devem seu surgimento, e deste resulta que novamente uma parte de sua substância continua o desenvolvimento até o final, ao passo que a outra parte, enquanto novo resíduo germinal, remonta de novo ao início do desenvolvimento. É assim que essas células germinativas trabalham contra a morte da substância viva e sabem como conseguir para ela o que nos deve parecer imortalidade potencial, mesmo que isso talvez signifique apenas um prolongamento do caminho para a morte. *[É inteiramente incompreensível]* É altamente significativo para nós o fato de que a célula germinativa só possa ser reforçada ou habilitada para essa operação através da fusão com outra célula semelhante a ela e no entanto diferente dela.⁵²

As pulsões que cuidam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem ao ser individual, que cuidam de sua acomodação segura quando estão indefesos diante dos estímulos do mundo exterior, que propiciam o seu encontro com as outras células germinativas etc., constituem o grupo das pulsões sexuais. Elas são conservadoras no mesmo sentido que as outras, quando trazem de volta estados anteriores da substância viva, mas o são em uma medida mais intensa, quando se mostram particularmente resistentes contra influências externas, e o são ainda em um sentido mais amplo, já que preservam a própria vida por períodos mais longos.ⁱ

ⁱ E, no entanto, são as únicas que podemos levar em consideração para falar de uma tendência interior ao “progresso” e ao desenvolvimento superior!

Sie sind die eigentlichen Lebenstriebe; dadurch, daß sie der Absicht der anderen Triebe, welche durch die Funktion zum Tode führt, entgegenwirken, deutet sich ein Gegensatz zwischen ihnen und den übrigen an, den die Neurosenlehre als bedeutungsvoll erkannt hat. Es ist wie ein Zauderrhythmus im Leben der Organismen; die eine Triebgruppe stürmt nach vorwärts, um das Endziel des Lebens möglichst bald zu erreichen, die andere schnellst an einer gewissen Stelle dieses Weges zurück, um ihn von einem bestimmten Punkt an nochmals zu machen und so die Dauer des Weges zu verlängern. *[Aber Sexualität und Unterschied der Geschlechter waren zu Anfang des Lebens gewiß nicht vorhanden, und der geschilderte Ablauf erscheint uns als spätere Komplikation eines ursprünglich einfacheren und selbst als Wiederholung eines uns unbekannten aber gewiß sehr wichtigen Moments in der Geschichte der lebenden Substanz, von dem an sie gelernt hat, ihr Leben zu verlängern, ein zweites und ein dem ersten entgegengesetztes Ziel zu erwerben].* Aber wenn auch Sexualität und Unterschied der Geschlechter zu Beginn des Lebens gewiß nicht vorhanden waren, so bleibt es doch möglich, daß die später als sexuell zu bezeichnenden Triebe von allem Anfang an in Tätigkeit getreten sind und ihre Gegenarbeit gegen das Spiel der »Ichtriebe« nicht erst zu einem späteren Zeitpunkte aufgenommen haben.ⁱ

Greifen wir nun selbst ein erstes Mal zurück, um zu fragen, ob nicht alle diese Spekulationen der Begründung entbehren. Gibt es wirklich, *abgesehen von den Sexualtrieben*, keine anderen Triebe als solche, die einen früheren Zustand wiederherstellen wollen, nicht auch andere, die

ⁱ Es sollte aus dem Zusammenhang verstanden werden, daß „Ichtriebe“ hier als eine vorläufige Bezeichnung gemeint sind, welche an die erste Namengebung der Psychoanalyse anknüpft.

Elas são as verdadeiras pulsões de vida; tendo em vista que elas trabalham contra o propósito das outras pulsões, propósito que, dada a função destas, leva à morte; anuncia-se entre elas e as restantes uma oposição que a doutrina da neurose reconheceu muito cedo como significativa. Há uma espécie de ritmo hesitante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se para adiante a fim de alcançar a meta final da vida o mais rápido possível; o outro grupo lança-se para trás a certo ponto desse caminho, para refazê-lo a partir de um determinado lugar e assim prolongar a duração do caminho. *[Mas sexualidade e diferença entre sexos certamente não estava presente no início da vida, e o curso que descrevemos parece ser uma complicação posterior de um fator certamente muito importante, mas desconhecido para nós, originariamente mais simples e que constitui até mesmo uma repetição na história da substância viva, fator a partir do qual ela aprendeu a prolongar a sua vida, adquirindo uma segunda meta, oposta à primeira.]* Mas, mesmo que sexualidade e diferença entre os sexos certamente não estivessem presentes no início da vida, ainda assim é possível que as pulsões que mais tarde serão chamadas de sexuais tenham entrado em atividade desde o verdadeiro começo, e não tenham assumido o seu trabalho contrário ao jogo das “pulsões do Eu” apenas em um momento posterior.ⁱ

Voltemos atrás agora, uma primeira vez, para perguntar se não está faltando fundamento a todas essas especulações. Será que realmente não existem outras pulsões, *excetuando-se as pulsões sexuais*, além daquelas que querem restabelecer um estado anterior, e será que há outras que

ⁱ O contexto deveria fazer compreender que essas “pulsões do Eu” são tomadas aqui como uma denominação provisória que está associada à primeira nomenclatura da psicanálise.

nach einem noch nie erreichten streben? Ich weiß in der organischen Welt kein sicheres Beispiel, das unserer vorgeschlagenen Charakteristik widerspräche. Ein allgemeiner Trieb zur Höherentwicklung in der Tier- und Pflanzenwelt läßt sich gewiß nicht feststellen, wenn auch eine solche Entwicklungsrichtung tatsächlich unbestritten bleibt. Aber einerseits ist es vielfach nur Sache unserer Einschätzung, wenn wir eine Entwicklungsstufe für höher als eine andere erklären, und andererseits zeigt uns die Wissenschaft des Lebenden, daß Höherentwicklung in einem Punkte sehr häufig durch Rückbildung in einem anderen erkaufte oder wettgemacht wird. Auch gibt es Tierformen genug, deren Jugendzustände uns erkennen lassen, daß ihre Entwicklung vielmehr einen rückschreitenden Charakter genommen hat. Höherentwicklung wie Rückbildung könnten beide Folgen der zur Anpassung drängenden äußeren Kräfte sein, und die Rolle der Triebe konnte sich für beide Fälle darauf beschränken, die aufgezwungene Veränderung als innere [*Kraftquelle*] Lustquelle festzuhalten.¹

Vielen von uns mag es auch schwer werden, auf den Glauben zu verzichten, daß im Menschen selbst ein Trieb zur Vervollkommenheit wohnt, der ihn auf seine gegenwärtige Höhe geistiger Leistung und ethischer Sublimierung gebracht hat, und von dem man erwarten darf, daß er seine Entwicklung zum Übermenschen besorgen wird. Allein

¹ Auf anderem Wege ist Ferenczi zur Möglichkeit derselben Auffassung gelangt (Entwicklungsstufen des Wirklichkeitssinnes, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, I, 1913): »Bei konsequenter Durchführung dieses Gedankenganges muß man sich mit der Idee einer auch das organische Leben beherrschenden Beharrungs-, respektive Regressionstendenz vertraut machen, während die Tendenz nach Fortentwicklung, Anpassung usw. nur auf äußere Reize hin lebendig wird.« (S. 137.)

anseiam por um estado nunca antes alcançado? Não conheço no mundo orgânico nenhum exemplo seguro que possa contradizer a caracterização que sugerimos. Certamente uma pulsão geral que leva a um desenvolvimento superior no mundo animal e vegetal não pode ser constatada, mesmo que uma direção no desenvolvimento como essa permaneça de fato incontestável. Mas, por um lado, muitas vezes trata-se apenas de uma questão de nossa apreciação se afirmamos que um estágio de desenvolvimento é superior a outro; e, por outro lado, a ciência do ser vivente nos mostra que o desenvolvimento superior em um ponto muito frequentemente é obtido ou compensado através de um retrocesso em outro. Além disso, existem suficientes formas animais cujos estados juvenis nos permitem reconhecer que o seu desenvolvimento assumiu bem mais um caráter regressivo. Desenvolvimento superior, bem como retrocesso, poderiam ambos ser consequência de forças externas pressionando à adaptação, e o papel das pulsões poderia, nos dois casos, limitar-se a reter, [*como fonte de força*] como fonte interna de prazer, a modificação imposta.¹

Para muitos de nós pode ser difícil renunciar à crença de que no próprio ser humano habita uma pulsão de aperfeiçoamento que o teria levado até seu nível atual de realização intelectual e de sublimação ética, e da qual podemos esperar que cuidasse de sua transformação em super-humano.⁵³

¹ Ferenczi chegou, por outro caminho, à possibilidade da mesma concepção (Estágios de desenvolvimento do sentido da realidade, (*Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, I, 1913, p. 137): «Se acompanharmos sistematicamente esse curso de pensamento, teremos de nos familiarizar também com a ideia de que uma tendência à obstinação, respectivamente, à regressão, domina a vida orgânica, enquanto a tendência à continuação do desenvolvimento, à adaptação etc. é ativada somente com estímulos externos».

ich glaube nicht an einen solchen inneren Trieb und sehe keinen Weg, diese wohltuende Illusion zu schonen. Die bisherige Entwicklung des Menschen scheint mir keiner anderen Erklärung zu bedürfen als die der Tiere, und was man an einer Minderzahl von menschlichen Individuen als rastlosen Drang zu weiterer Vervollkommnung beobachtet, läßt sich ungezwungen als Folge der Triebverdrängung verstehen, auf welche das Wertvollste an der menschlichen Kultur aufgebaut ist. Der verdrängte Trieb gibt es nie auf, nach seiner vollen Befriedigung zu streben, die in der Wiederholung eines primären Befriedigungserlebnisses bestünde; alle Ersatz-, Reaktionsbildungen und Sublimierungen sind ungenügend, um seine anhaltende Spannung aufzuheben, und aus der Differenz zwischen der gefundenen und der geforderten Befriedigungslust ergibt sich das treibende Moment, welches bei keiner der hergestellten Situationen zu verharren gestattet, sondern nach des Dichters Worten »ungebändigt immer vorwärts dringt« (Mephisto im »Faust«, I, Studierzimmer). Der Weg nach rückwärts, zur vollen Befriedigung, ist in der Regel durch die Widerstände, welche die Verdrängungen aufrecht halten, verlegt, und somit bleibt nichts anderes übrig, als in der anderen, noch freien Entwicklungsrichtung fortzuschreiten, allerdings ohne Aussicht, den Prozeß abschließen und das Ziel erreichen zu können. Die Vorgänge bei der Ausbildung einer neurotischen Phobie, die ja nichts anderes als ein Fluchtversuch vor einer Triebbefriedigung ist, geben uns das Vorbild für die Entstehung dieses anscheinenden »Vervollkommnungstriebes«, den wir aber unmöglich allen menschlichen Individuen zuschreiben können. Die dynamischen Bedingungen dafür sind zwar ganz allgemein vorhanden, aber die ökonomischen Verhältnisse scheinen das Phänomen nur in seltenen Fällen zu begünstigen.

Só que não acredito em uma pulsão interna como essa e não vejo nenhum meio de preservar essa ilusão benfazeja. O desenvolvimento do ser humano até o presente não me parece necessitar de nenhuma outra explicação além daquela dos animais, e o que observamos em uma minoria de seres humanos enquanto pressão incansável em direção a um contínuo aperfeiçoamento pode ser compreendida, naturalmente, como consequência do recalçamento pulsional sobre o qual foi construído o que há de mais valioso na cultura humana. A pulsão recalcada não desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação; todas as formações substitutivas ou reativas e sublimações são insuficientes para remover sua tensão contínua, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido surge o fator pulsionante, que não permite persistir em nenhuma das situações estabelecidas, mas que, de acordo com as palavras do poeta, "indomado, impele sempre para frente" (Mefistófeles em *Fausto*, I, [4. Cena,] Quarto de estudos). O caminho regressivo, que leva à satisfação completa, é, em regra geral, barrado pelas resistências que mantêm os recalcimentos, e com isso não resta outra coisa a não ser continuar progredindo na outra direção do desenvolvimento, que ainda está livre, entretanto, sem a perspectiva de poder concluir o processo e alcançar a meta. Os processos que ocorrem na formação de uma fobia neurótica, que, por sua vez, não é mais do que uma tentativa de fuga diante de uma satisfação pulsional, fornecem-nos o modelo de surgimento dessa aparente "pulsão de aperfeiçoamento", que, no entanto, é impossível atribuir a todos os indivíduos humanos. As condições dinâmicas para isso estão, na verdade, presentes de maneira bem geral, mas as relações econômicas parecem favorecer o fenômeno apenas em casos raros.

Nur mit einem Wort sei aber auf die Wahrscheinlichkeit hingewiesen, daß das Bestreben des Eros, das Organische zu immer größeren Einheiten zusammenzufassen, einen Ersatz für den nicht anzuerkennenden „Vervollkommnungstrieb“ [leisten kann] leistet. Im Verein mit den Wirkungen der Verdrängung würde es die dem letzteren zugeschriebenen Phänomene erklären können.

VI

Unser bisheriges Ergebnis, welches einen scharfen Gegensatz zwischen den »Ichtrieben« und den Sexualtrieben aufstellt, die ersteren zum Tode und die letzteren zur Lebenserhaltung [Lebensfortsetzung] drängen läßt, wird uns gewiß nach vielen Richtungen selbst nicht befriedigen. Dazu kommt, daß wir eigentlich nur für die ersteren den konservativen oder besser regredierenden, einem Wiederholungszwang entsprechenden Charakter des Triebes in Anspruch nehmen konnten. Denn nach unserer Annahme rühren die Ichtriebe von der Belebung der unbelebten Materie her und wollen die Unbelebtheit wieder herstellen. Die Sexualtriebe hingegen – es ist augenfällig, daß sie primitive Zustände des Lebewesens reproduzieren, aber ihr mit allen Mitteln angestrebtes Ziel ist die Verschmelzung zweier in bestimmter Weise differenzierter Keimzellen. Wenn diese Vereinigung nicht zustande kommt, dann stirbt die Keimzelle wie alle anderen Elemente des vielzelligen Organismus. Nur unter dieser Bedingung kann die Geschlechtsfunktion das Leben verlängern und ihm den Schein der Unsterblichkeit verleihen. Welches wichtige Ereignis im Entwicklungsgang der lebenden Substanz wird aber durch die geschlechtliche Fortpflanzung oder ihren Vorläufer, die Kopulation zweier Individuen

Que com poucas palavras seja indicada a probabilidade de que o anseio de Eros em agrupar o orgânico em unidades cada vez maiores forneça um substituto para essa “pulsão de aperfeiçoamento”, que não devemos admitir. Associado aos efeitos do recalçamento, ele poderia estar explicando os fenômenos atribuídos a ela.

VI⁵⁴

O resultado que obtivemos até agora, que estabelece uma forte oposição entre as “pulsões do Eu” e as pulsões sexuais, as primeiras pressionando para a morte e as últimas, para a conservação da vida [continuação da vida], certamente não será satisfatório nem sequer para nós mesmos em muitos aspectos. Acrescenta-se a isso o fato de que, na verdade, foi apenas para as primeiras que pudemos invocar o caráter conservador, ou melhor, regressivo, da pulsão, que corresponde a uma compulsão à repetição. Pois, de acordo com a nossa suposição, as pulsões do Eu provêm da animação da matéria inanimada e querem restabelecer o estado inanimado. No que diz respeito às pulsões sexuais, ao contrário, é evidente que elas reproduzem estados primitivos do ser vivo, mas a meta a que almejam por todos os meios é a fusão de duas células germinais diferenciadas de determinada maneira. Se essa união não se produz, a célula germinal morre, como todos os outros elementos do organismo multicelular. Somente sob essa condição a função sexual pode prolongar a vida e dar-lhe a aparência da imortalidade. Mas qual acontecimento importante no curso do desenvolvimento da substância é repetido pela reprodução sexuada ou por seu precursor, a cópula de dois indivíduos entre os

unter den Protisten, wiederholt? Das Wissen wir nicht zu sagen, und darum würden wir es als Erleichterung empfinden, wenn unser ganzer Gedankenaufbau sich als irrtümlich erkennen ließe. Der Gegensatz von Ich/(To-des-)trieben und Sexual(Lebens-)trieben würde dann entfallen, damit auch der Wiederholungszwang die ihm zugeschriebene Bedeutung einbüßen.

Kehren wir darum zu einer von uns eingeflochtenen Annahme zurück, in der Erwartung, sie werde sich exakt widerlegen lassen. Wir haben auf Grund der Voraussetzung weitere Schlüsse aufgebaut, daß alles Lebende aus inneren Ursachen sterben müsse. Wir haben diese Annahme so sorglos gemacht, weil sie uns nicht als solche erscheint. Wir sind gewohnt so zu denken, unsere Dichter bestärken uns darin. Vielleicht haben wir uns dazu entschlossen, weil ein Trost in diesem Glauben liegt. Wenn man schon selbst sterben und vorher seine Liebsten durch den Tod verlieren soll, so will man lieber einem unerbittlichen Naturgesetz, der hehren *Ανάγκη*, erlegen sein, als einem Zufall, der sich etwa noch hätte vermeiden lassen. Aber vielleicht ist dieser Glaube an die innere Gesetzmäßigkeit des Sterbens auch nur eine der Illusionen, die wir uns geschaffen haben, »um die Schwere des Daseins zu ertragen«. Ursprünglich ist er sicherlich nicht, den primitiven Völkern ist die Idee eines »natürlichen Todes« fremd; sie führen jedes Sterben unter ihnen auf den Einfluß eines Feindes oder eines bösen Geistes zurück. Versäumen wir es darum nicht, uns zur Prüfung dieses Glaubens an die biologische Wissenschaft zu wenden.

Wenn wir so tun, dürfen wir erstaunt sein, wie wenig die Biologen in der Frage des natürlichen Todes

protozoários? Não sabemos dizer, e por isso sentiríamos como que um alívio se a nossa inteira construção de pensamento fosse reconhecida como equivocada. A oposição entre pulsões do Eu (de morte)⁵⁵ e pulsões sexuais (de vida) seria então anulada, e com isso a compulsão à repetição também perderia a importância que lhe foi atribuída.

Por isso, voltemos a uma suposição introduzida por nós anteriormente, na expectativa de que ela possa ser refutada exatamente. Construímos algumas outras conclusões em função do pressuposto de que todo ser vivo deveria, necessariamente, morrer por causas internas. Fizemos essa hipótese tão despreocupadamente porque ela não nos pareceu ser de fato uma. Estamos acostumados a pensar assim, e nossos poetas nos apoiam a respeito disso. Talvez tenhamos nos decidido a isso por haver um consolo nessa crença. Se nós mesmos já temos de morrer e antes disso perder para a morte nossos entes mais queridos, é preferível que sejamos submetidos a uma lei implacável da natureza, à soberba *Ανάγκη*⁵⁶ [necessidade], do que a um acaso que ainda poderia ter sido evitado. Mas talvez essa crença na legitimidade própria à morte seja apenas uma das ilusões que criamos para "suportar o fardo da existência".⁵⁷ Originária essa crença certamente não é, pois para os povos primitivos a ideia de uma "morte natural" é estranha; eles remetem toda e qualquer morte que ocorra entre eles à influência de um inimigo ou de um mau espírito. Por isso, não deixemos de nos voltar para a ciência biológica para colocar essa crença à prova.

Se assim o fizermos, podemos ficar surpresos por encontrar entre os biólogos tão pouca unanimidade

einig sind, ja daß ihnen der Begriff des Todes überhaupt unter den Händen zerrinnt. Die Tatsache einer bestimmten durchschnittlichen Lebensdauer wenigstens bei höheren Tieren spricht natürlich für den Tod aus inneren Ursachen, aber der Umstand, daß einzelne große Tiere und riesenhafte Baumgewächse ein sehr hohes und bisher nicht abschätzbares Alter erreichen, hebt diesen Eindruck wieder auf. Nach der großartigen Konzeption von Wilhelm Fließ sind alle Lebenserscheinungen – und gewiß auch der Tod – der Organismen an die Erfüllung bestimmter Termine gebunden, in denen die Abhängigkeit zweier lebenden Substanzen, einer männlichen und einer weiblichen, vom Sonnenjahr zum Ausdruck kommt. Allein die Beobachtungen, wie leicht und bis zu welchem Ausmaß es dem Einflusse äußerer Kräfte möglich ist, die Lebensäußerungen insbesondere der Pflanzenwelt in ihrem zeitlichen Auftreten zu verändern, sie zu verfrühen oder hintanzuhalten, sträuben sich gegen die Starrheit der Fließschen Formeln und lassen zum mindesten an der Alleinherrschaft der von ihm aufgestellten Gesetze zweifeln.

Das größte Interesse knüpft sich für uns an die Behandlung, welche das Thema von der Lebensdauer und vom Tode der Organismen in den Arbeiten von A. Weismann gefunden hat.¹ Von diesem Forscher rührt die Unterscheidung der lebenden Substanz in eine sterbliche und unsterbliche Hälfte her; die sterbliche ist der Körper im engeren Sinne, das Soma, sie allein ist dem natürlichen Tode unterworfen, die Keimzellen aber sind *potentia* unsterblich, insofern sie imstande

¹ Über die Dauer des Lebens, 1882; Über Leben und Tod, 1892; Das Keimplasma, 1892, u. a.

sobre a questão da morte natural, surpresos, enfim, de que o conceito de morte lhes escape absolutamente das mãos. O fato de que, ao menos nos animais superiores, a vida tenha uma duração média determinada fala naturalmente a favor da morte por causas naturais, mas a circunstância de que alguns grandes animais e certas vegetações arbóreas gigantescas atinjam uma idade muito avançada e até agora não estimável torna a anular essa impressão. De acordo com a grandiosa concepção de Wilhelm Fließ, todas as manifestações da vida — e certamente a morte também — dos organismos estão ligadas ao cumprimento de certos períodos, nos quais vem à luz a dependência de duas substâncias vivas, uma masculina e outra feminina, em relação ao ano solar. Só que as observações sobre a facilidade e sobre até que ponto a influência de forças externas é capaz de modificar as manifestações de vida em seu surgimento temporal, especialmente do mundo vegetal, antecipando-as ou retardando-as, rebelam-se contra a rigidez das fórmulas de Fließ e, no mínimo, fazem duvidar da autocracia das leis estabelecidas por ele.

O maior interesse para nós está associado ao tratamento que o tema da duração da vida e o da morte dos organismos encontrou nos trabalhos de A. Weismann.¹ É desse pesquisador que provém a diferenciação da substância viva em uma metade mortal e outra imortal; a mortal é o corpo, no sentido mais estrito, o soma; só ela está sujeita à morte natural, mas as células germinais são *potentia* [potencialmente] imortais, na medida em que são capazes, sob certas

¹ Sobre a duração da vida, 1882; Sobre vida e morte, 1892; O plasma germinal, 1892, etc.

sind, unter gewissen günstigen Bedingungen sich zu einem neuen Individuum zu entwickeln, oder anders ausgedrückt, sich mit einem neuen Soma zu umgeben.ⁱ

Was uns hieran fesselt, ist die unerwartete Analogie mit unserer eigenen, auf so verschiedenem Wege entwickelten Auffassung. Weismann, der die lebende Substanz morphologisch betrachtet, erkennt in ihr einen Bestandteil, der dem Tode verfallen ist, das Soma, den Körper abgesehen vom Geschlechts- und Vererbungsstoff, und einen unsterblichen, eben dieses Keimplasma, welches der Erhaltung der Art, der Fortpflanzung, dient. Wir haben nicht den lebenden Stoff, sondern die in ihm tätigen Kräfte eingestellt, und sind dazu geführt worden, zwei Arten von Trieben zu unterscheiden, jene, welche das Leben zum Tod führen wollen, die anderen, die Sexualtriebe, welche immer wieder die Erneuerung des Lebens anstreben und durchsetzen. Das klingt wie ein dynamisches Korollar zu Weismanns morphologischer Theorie.

Der Anschein einer bedeutsamen Übereinstimmung verflüchtigt sich alsbald, wenn wir Weismanns Entscheidung über das Problem des Todes vernehmen. Denn Weismann läßt die Sonderung vom sterblichen Soma und unsterblichen Keimplasma erst bei den vielzelligen Organismen gelten, bei den einzelligen Tieren sind Individuum und Fortpflanzungszelle noch ein- und dasselbeⁱⁱ. Die Einzelligen erklärt er also für potentiell unsterblich, der Tod tritt erst bei den Metazoen, den Vielzelligen, auf. Dieser Tod der höheren Lebewesen ist allerdings ein natürlicher, ein Tod aus inneren

ⁱ Über Leben und Tod, 2. Aufl. 1892, S. 20.

ⁱⁱ Dauer des Lebens, S. 38.

condições favoráveis, de se desenvolver em um novo indivíduo ou, dito de outra maneira, de se revestir de um novo soma.ⁱ

O que nos cativa nessa concepção, é a inesperada analogia com a nossa própria concepção desenvolvida por caminhos tão diferentes. Weismann, que considera a substância viva do ponto de vista morfológico, reconhece nela um componente abandonado à morte, o soma, o corpo, com exceção da substância sexuada e hereditária, e um componente imortal, que é justamente esse plasma germinal, que serve à conservação da espécie e à reprodução. Nós não tínhamos em mente a substância viva, mas as forças que nela atuam, e fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões, aquelas que querem conduzir a vida à morte e as outras, as pulsões sexuais, que almejam e estabelecem sem cessar a renovação da vida. Isso soa como um corolário dinâmico à teoria morfológica de Weismann.

A aparência de uma correspondência significativa se dissipa tão logo tomamos conhecimento da decisão de Weismann sobre o problema da morte. Pois Weismann só faz valer a distinção entre o soma mortal e o plasma germinal imortal nos organismos multicelulares; nos animais unicelulares indivíduo e célula reprodutora são ainda uma só coisa.ⁱⁱ Os unicelulares, ele declara, portanto, como sendo potencialmente imortais; a morte só surge com os metazoários, os multicelulares. Essa morte dos seres superiores é sem dúvida uma morte natural, uma morte por causas internas, mas ela não se apoia em

ⁱ Sobre vida e morte.

ⁱⁱ Duração da vida, p. 38.

Ursachen, aber er beruht nicht auf einer Ureigenschaft der lebenden Substanzⁱ, kann nicht als eine absolute, im Wesen des Lebens begründete Notwendigkeit aufgefaßt werden.ⁱⁱ Der Tod ist vielmehr eine Zweckmäßigkeitseinrichtung, eine Erscheinung der Anpassung an die äußeren Lebensbedingungen, weil von der Sonderung der Körperzellen in Soma und Keimplasmen an die unbegrenzte Lebensdauer des Individuums ein ganz unzweckmäßiger Luxus geworden wäre. Mit dem Eintritt dieser Differenzierung bei den Vielzelligen wurde der Tod möglich und zweckmäßig. Seither stirbt das Soma der höheren Lebewesen aus inneren Gründen zu bestimmten Zeiten ab, die Protisten aber sind unsterblich geblieben. Die Fortpflanzung hingegen ist nicht erst mit dem Tod eingeführt worden, sie ist vielmehr eine Ureigenschaft der lebenden Materie wie das Wachstum, aus welchem sie hervorging, und das Leben ist von seinem Beginn auf Erden an kontinuierlich geblieben.ⁱⁱⁱ

Es ist leicht einzusehen, daß das Zugeständnis eines natürlichen Todes für die höheren Organismen unserer Sache wenig hilft. Wenn der Tod eine späte Erwerbung der Lebewesen ist, dann kommen Todestriebe, die sich vom Beginn des Lebens auf Erden ableiten, weiter nicht in Betracht. Die Vielzelligen mögen dann immerhin aus inneren Gründen sterben, an den Mängeln ihrer Differenzierung oder an den Unvollkommenheiten ihres Stoffwechsels; es hat für die Frage, die uns beschäftigt, kein Interesse. Eine solche Auffassung und Ableitung des Todes liegt dem

ⁱ *Leben und Tod*, 2. Aufl., S. 67.

ⁱⁱ *Dauer des Lebens*, S. 33.

ⁱⁱⁱ *Über Leben und Tod*, Schluß.

uma propriedade originária da substância vivaⁱ e não pode ser concebida como uma necessidade absoluta, fundada na essência da vida.ⁱⁱ A morte é muito mais um dispositivo de adequação, uma manifestação da adaptação às condições externas de vida, porque, a partir da diferenciação das células do corpo em soma e plasma germinal, a duração ilimitada da vida do indivíduo teria se tornado um luxo totalmente inadequado. Com a entrada dessa diferenciação nos multicelulares a morte tornou-se possível e adequada. A partir de então, o soma dos seres vivos superiores morre por razões internas em determinados períodos, mas os protistas permaneceram imortais. A reprodução, ao contrário, não foi introduzida apenas com a morte, ela é muito mais uma propriedade originária da matéria viva, como o crescimento do qual ela procede, e a vida, a partir de seu início na Terra, teria permanecido continuamente.ⁱⁱⁱ

É fácil perceber que a admissão de uma morte natural aos organismos superiores é de pouca ajuda para a nossa causa. Se a morte é uma aquisição tardia dos seres vivos, então as pulsões de morte, que remontam ao surgimento da vida na Terra, não entram mais em consideração. Os pluricelulares podem, afinal de contas, continuar morrendo por razões internas, pelas falhas de sua diferenciação ou pelas imperfeições de seu metabolismo; isso não tem nenhum interesse para a questão que nos ocupa. Uma concepção e derivação da morte como essa também está certamente muito mais

ⁱ *Vida e morte*, 2ª edição, p. 67.

ⁱⁱ *Duração da vida*, p. 33.

ⁱⁱⁱ *Sobre vida e morte*, conclusão.

gewohnten Denken der Menschen auch sicherlich viel näher als die befremdende Annahme von »Todestrieben«.

Die Diskussion, die sich an die Aufstellungen von Weismann angeschlossen, hat nach meinem Urteil in keiner Richtung Entscheidendes ergebenⁱ. Manche Autoren sind zum Standpunkt von Goette zurückgekehrt (1883), der in dem Tod die direkte Folge der Fortpflanzung sah. Hartmann charakterisiert den Tod nicht durch Auftreten einer »Leiche«, eines abgestorbenen Anteiles der lebenden Substanz, sondern definiert ihn als den »Abschluß der individuellen Entwicklung«. In diesem Sinne sind auch die Protozoen sterblich, der Tod fällt bei ihnen immer mit der Fortpflanzung zusammen, aber er wird durch diese gewissermaßen verschleiert, indem die ganze Substanz des Elterntieres direkt in die jungen Kinderindividuen übergeführt werden kann (l. c., S. 29).

Das Interesse der Forschung hat sich bald darauf gerichtet, die behauptete Unsterblichkeit der lebenden Substanz an den Einzelligen experimentell zu erproben. Ein Amerikaner, Woodruff, hat ein bewimpertes Infusorium, ein »Pantoffeltierchen«, das sich durch Teilung in zwei Individuen fortpflanzt, in Zucht genommen und es bis zur 3029sten Generation, wo er den Versuch abbrach, verfolgt, indem er jedesmal das eine der Teilprodukte isolierte und in frisches Wasser brachte. Dieser späte Abkömmling des ersten Pantoffeltierchens war ebenso frisch wie der Urahn, ohne alle Zeichen des Alterns oder der Degeneration; somit schien, wenn solchen Zahlen

ⁱ Vgl. Max Hartmann, *Tod und Fortpflanzung*, 1906; Alex. Lipschütz, *Warum wir sterben*, Kosmosbücher, 1914; Franz Doflein, *Das Problem des Todes und der Unsterblichkeit bei den Pflanzen und Tieren*, 1919.

próxima do modo de pensar habitual dos seres humanos do que a estranha suposição de "pulsões de morte".

A discussão que se seguiu às colocações de Weismann não produziu, segundo o meu julgamento, nada de decisivo em nenhum aspecto.ⁱ Alguns autores retornaram ao ponto de vista de Goette (1883),⁵⁸ que via na morte a consequência direta da reprodução. Hartmann não caracteriza a morte pelo aparecimento de um "cadáver", de uma parte da substância viva que morreu, mas a define como o "desfecho do desenvolvimento individual". Nesse sentido, os protozoários também são mortais, a morte neles sempre coincide com a reprodução, mas ela é, de certa forma, disfarçada pela reprodução, na medida em que a substância inteira do animal progenitor pode ser transferida diretamente para a sua prole (*loc. cit.*, p. 29).

O interesse da investigação logo se voltou para a comprovação experimental da afirmada imortalidade da substância viva nos animais unicelulares. Um norte-americano, Woodruff, fez a cultura de um infusório ciliado, um paramécio que se reproduz por partição em dois indivíduos e o acompanhou até a 3.029ª geração, momento em que interrompeu o experimento, isolando, a cada vez, um dos produtos da partição e colocando-o em água fresca. Esse derivado posterior do primeiro paramécio tinha o mesmo frescor de seu ancestral originário, sem nenhum sinal de envelhecimento ou de degeneração; assim parecia, contanto que esses números tenham valor de prova, que

ⁱ Cf. Max Hartmann, *Morte e reprodução*, 1906. Alex Lipschütz, *Por que morremos*, Kosmosbücher, 1914. Franz Doflein, *O problema da morte e da imortalidade nas plantas e nos animais*, 1919.

bereits Beweiskraft zukommt, die Unsterblichkeit der Protisten experimentell erweisbar.¹

Andere Forscher sind zu anderen Resultaten gekommen. Maupas, Calkins und andere haben im Gegensatz zu Woodruff gefunden, daß auch diese Infusorien nach einer gewissen Anzahl von Teilungen schwächer werden, an Größe abnehmen, einen Teil ihrer Organisation einbüßen und endlich sterben, wenn sie nicht gewisse auffrischende Einflüsse erfahren. Demnach stürben die Protozoen nach einer Phase des Altersverfalls ganz wie die höheren Tiere, so recht im Widerspruch zu den Behauptungen Weismanns, der den Tod als eine späte Erwerbung der lebenden Organismen anerkennt.

Aus dem Zusammenhang dieser Untersuchungen heben wir zwei Tatsachen heraus, die uns einen festen Anhalt zu bieten scheinen. Erstens: Wenn die Tierchen zu einem Zeitpunkt, da sie noch keine Altersveränderung zeigen, miteinander zuzweit verschmelzen, »kopulieren« können – worauf sie nach einiger Zeit wieder auseinandergehen –, so bleiben sie vom Alter verschont, sie sind »verjüngt« worden. Diese Kopulation ist doch wohl der Vorläufer der geschlechtlichen Fortpflanzung höherer Wesen; sie hat mit der Vermehrung noch nichts zu tun, beschränkt sich auf die Vermischung der Substanzen beider Individuen (Weismanns Amphimixis). Der auffrischende Einfluß der Kopulation kann aber auch ersetzt werden durch bestimmte Reizmittel, Veränderungen in der Zusammensetzung der Nährflüssigkeit, Temperatursteigerung oder Schütteln. Man erinnert sich an das berühmte Experiment von J. Loeb, der Seeigelleier

¹ Für dies und das Folgende vgl. Lipschütz l. c., S. 26 und 52 ff.

a imortalidade dos protistas podia ser demonstrada experimentalmente.¹

Outros investigadores chegaram a outros resultados. Maupas, Calkins e outros descobriram, em oposição a Woodruff, que esses infusórios, depois de certo número de partições, também se enfraqueciam, diminuía de tamanho, perdiam uma parte de sua organização e finalmente morriam, se não sofressem certas influências revigorantes. Consequentemente, os protozoários morreriam após uma fase de declínio por envelhecimento, exatamente como os animais superiores, portanto, diretamente em contradição com as afirmações de Weismann, que reconhece a morte como sendo uma aquisição tardia dos organismos vivos.

Do contexto dessas investigações ressaltamos dois fatos que parecem oferecer um firme apoio. Primeiro: se os animaizinhos, em um momento em que ainda não apresentam nenhuma alteração de envelhecimento, podem se fundir dois a dois, "copular" — para, depois de algum tempo, se separar —, então eles são poupados do envelhecimento, eles se tornam "rejuvenescidos". Essa copulação é, sem dúvida, a precursora da reprodução sexuada dos seres superiores; ela ainda não tem nada a ver com a multiplicação, restringe-se à mistura das substâncias dos dois indivíduos (a anfigmíxia, de Weismann). Mas a influência revigorante da copulação também pode ser substituída por determinados meios estimulantes, alterações na composição do líquido nutritivo, aumento da temperatura, agitação. Lembremo-nos aqui do famoso experimento de J. Loeb, que, através de certos estímulos químicos, forçou

¹ Para este ponto e o que se segue, cf. Lipschütz, l. c., p. 26 e 52 ss.

durch gewisse chemische Reize zu Teilungsvorgängen zwang, die sonst nur nach der Befruchtung auftreten.

Zweitens: Es ist doch wahrscheinlich, daß die Infusorien durch ihren eigenen Lebensprozeß zu einem natürlichen Tod geführt werden, denn der Widerspruch zwischen den Ergebnissen von Woodruff und von anderen rührt daher, daß Woodruff jede neue Generation in frische Nährflüssigkeit brachte. Unterließ er dies, so beobachtete er dieselben Altersveränderungen der Generationen wie die anderen Forscher. Er schloß, daß die Tierchen durch die Produkte des Stoffwechsels, die sie an die umgebende Flüssigkeit abgeben, geschädigt werden, und konnte dann überzeugend nachweisen, daß nur die Produkte des *eigenen* Stoffwechsels diese zum Tod der Generation führende Wirkung haben. Denn in einer Lösung, die mit den Abfallsprodukten einer entfernter verwandten Art übersättigt war, gediehen dieselben Tierchen ausgezeichnet, die, in ihrer eigenen Nährflüssigkeit angehäuft, sicher zugrunde gingen. Das Infusor stirbt also, sich selbst überlassen, eines natürlichen Todes an der Unvollkommenheit der Beseitigung seiner eigenen Stoffwechselprodukte; aber vielleicht sterben auch alle höheren Tiere im Grunde an dem gleichen Unvermögen.

Es mag uns da der Zweifel anwandeln, ob es überhaupt zweckdienlich war, die Entscheidung der Frage nach dem natürlichen Tod im Studium der Protozoen zu suchen. Die primitive Organisation dieser Lebewesen mag uns wichtige Verhältnisse verschleiern, die auch bei ihnen statthaben, aber erst bei höheren Tieren erkannt werden können, wo sie sich einen morphologischen Ausdruck verschafft haben. Wenn wir den morphologischen Standpunkt verlassen, um den

ovos-de-ourico do mar a processos de partição que normalmente só se produziriam depois da fecundação.

Segundo: é bem provável que os infusórios sejam conduzidos a uma morte natural através de seu próprio processo de vida, pois a contradição entre os resultados de Woodruff e os dos outros se deve ao fato de Woodruff ter colocado cada nova geração em líquido nutritivo fresco. Quando ele deixava de fazê-lo, observava então nas gerações as mesmas alterações de envelhecimento que os outros investigadores. Ele concluiu que os animaizinhos eram prejudicados pelos produtos do metabolismo que eles eliminavam no líquido que os envolvia, e pode então demonstrar, convincentemente, que somente os produtos do *próprio* metabolismo têm esse efeito de levar à morte da geração. Pois, em uma solução supersaturada com dejetos de uma espécie com parentesco mais afastado, os mesmos animaizinhos cresciam de modo excelente, e os que se acumulavam em seu próprio líquido nutritivo certamente pereciam. Portanto, se deixado por sua própria conta, o infusório morre de uma morte natural, em virtude da imperfeição da eliminação dos produtos de seu próprio metabolismo; mas no fundo, talvez morram também todos os animais superiores pela mesma incapacidade.

Nesse ponto podemos ser assaltados pela dúvida sobre se foi para nós de alguma utilidade procurar no estudo dos protozoários a decisão sobre a questão da morte natural. A organização primitiva desses organismos pode ocultar importantes relações que também existem neles, mas que só podem ser reconhecidas nos animais superiores, nos quais elas criaram uma expressão morfológica. Se abandonamos o ponto de vista morfológico para adotar o ponto de vista

dynamischen einzunehmen, so kann es uns überhaupt gleichgültig sein, ob sich der natürliche Tod der Protozoen erweisen läßt oder nicht. Bei ihnen hat sich die später als unsterblich erkannte Substanz von der sterblichen noch in keiner Weise gesondert. Die Triebkräfte, die das Leben in den Tod überführen wollen, könnten auch in ihnen von Anfang an wirksam sein, und doch könnte ihr Effekt durch den der lebenserhaltenden Kräfte so gedeckt werden, daß ihr direkter Nachweis sehr schwierig wird. Wir haben allerdings gehört, daß die Beobachtungen der Biologen uns die Annahme solcher zum Tod führenden inneren Vorgänge auch für die Protisten gestatten. Aber selbst, wenn die Protisten sich als unsterblich im Sinne von Weismann erweisen, so gilt seine Behauptung, der Tod sei eine späte Erwerbung, nur für die manifesten Äußerungen des Todes und macht keine Annahme über die zum Tode drängenden Prozesse unmöglich. Unsere Erwartung, die Biologie werde die Anerkennung der Todestribe glatt beseitigen, hat sich nicht erfüllt. Wir können uns mit ihrer Möglichkeit weiter beschäftigen, wenn wir sonst Gründe dafür haben. Die auffällige Ähnlichkeit der Weismannschen Sonderung von Soma und Keimplasma mit unserer Scheidung der Todestribe von den Lebenstrieben bleibt aber bestehen und erhält ihren Wert wieder.

Verweilen wir kurz bei dieser exquisit dualistischen Auffassung des Trieblebens. Nach der Theorie E. Herings von den Vorgängen in der lebenden Substanz laufen in ihr unausgesetzt zweierlei Prozesse entgegengesetzter Richtung ab, die einen aufbauend - assimilatorisch, die anderen abbauend - dissimilatorisch. Sollen wir es wagen, in diesen beiden

dinâmico, pode ser-nos absolutamente indiferente se a morte natural dos protozoários se permite ou não demonstrar. Neles, a substância reconhecida mais tarde como imortal ainda não havia se separado de forma alguma da substância mortal. As forças pulsionais que visam conduzir a vida para a morte também poderiam estar operando neles desde o início, e, no entanto, seu efeito poderia estar tão encoberto pelas forças conservadoras da vida que seria muito difícil prová-lo diretamente. Vimos anteriormente que as observações dos biólogos nos autorizam a supor, mesmo entre os protistas, processos internos que conduzem à morte. Mas, mesmo que os protistas se provem imortais no sentido de Weismann, sua afirmação de que a morte é uma aquisição posterior valeria apenas para as expressões evidentes da morte, e não torna impossível nenhuma suposição sobre os processos que impelem para a morte. Nossa expectativa de que a biologia eliminasse diretamente o reconhecimento das pulsões de morte não se realizou. Podemos continuar a nos ocupar com a sua possibilidade, se tivermos outras razões para isso. Mas a notável semelhança da diferenciação de Weismann entre soma e plasma germinal com a nossa separação entre pulsões de morte e pulsões de vida permanece firme e recupera seu valor.

Vamos nos deter rapidamente nessa concepção eminentemente dualista da vida pulsional. Segundo a teoria de E. Hering sobre processos na substância viva, duas espécies de processo de direção oposta ocorrem nela de maneira ininterrupta: aqueles que constroem — por assimilação, e outros que desconstroem — por dissimilação. Será que podemos nos

Richtungen der Lebensprozesse die Betätigung unserer beiden Triebregungen, der Lebenstriebe und der Todestribe, zu erkennen? Aber etwas anderes können wir uns nicht verhehlen, daß wir unversehens in den Hafen der Philosophie Schopenhauers eingelaufen sind, für den ja der Tod »das eigentliche Resultat« und insofern der Zweck des Lebens ist,¹ der Sexualtrieb aber die Verkörperung des Willens zum Leben.

Versuchen wir kühn, einen Schritt weiter zu gehen. Nach allgemeiner Einsicht ist die Vereinigung zahlreicher Zellen zu einem Lebensverband, die Vielzelligkeit der Organismen, ein Mittel zur Verlängerung ihrer Lebensdauer geworden. Eine Zelle hilft dazu, das Leben der anderen zu erhalten, und der Zellenstaat kann weiter leben, auch wenn einzelne Zellen absterben müssen. Wir haben bereits gehört, daß auch die Kopulation, die zeitweilige Verschmelzung zweier Einzelligen, lebenserhaltend und verjüngend auf beide wirkt. Somit könnte man den Versuch machen, die in der Psychoanalyse gewonnene Libidotheorie auf das Verhältnis der Zellen zueinander zu übertragen und sich vorzustellen, daß es die in jeder Zelle tätigen Lebens- oder Sexualtriebe sind, welche die anderen Zellen zum Objekt nehmen, deren Todestribe, das ist die von diesen angeregten Prozesse, teilweise neutralisieren und sie so am Leben erhalten, während andere Zellen dasselbe für sie besorgen und noch andere in der Ausübung dieser libidinösen Funktion sich selbst aufopfern. Die Keimzellen selbst würden sich absolut »narzißtisch« benehmen, wie wir es in

¹ »Über die anscheinende Absichtlichkeit im Schicksale des Einzelnen«, Großherzog Wilhelm Ernst-Ausgabe, IV. Bd., S. 268.

atrever a reconhecer nessas duas direções tomadas pelos processos vitais a atividade de nossas duas moções pulsionais, as pulsões de vida e as pulsões de morte? Contudo, outra coisa que não podemos ocultar é que, inesperadamente, adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é, afinal, "o verdadeiro resultado" e, nesse sentido, a finalidade da vida,¹ ao passo que a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver.

Tentemos audaciosamente dar um passo a mais. De acordo com a visão geral, a união de inúmeras células em uma associação pela vida, a multicelularidade dos organismos, tornou-se um meio de prolongar a sua duração de vida. Uma célula ajuda a conservar a vida das outras, e o estado celular pode continuar a viver, mesmo que certas células tenham de morrer. Já vimos que também a cópula, a fusão temporária de dois unicelulares produz em ambos um efeito conservador da vida e rejuvenescedor. Assim, poderíamos fazer a tentativa de transferir para a relação das células entre si a teoria da libido conquistada pela psicanálise e imaginar que são as pulsões de vida ou sexuais operando em cada célula que tomam as outras células como objeto, neutralizando, em parte, suas pulsões de morte, isto é, os processos suscitados por elas, conservando-as assim em vida, enquanto outras células fazem o mesmo para as primeiras, e ainda outras se sacrificam no exercício dessa função libidinal. As células germinais, por sua vez, teriam uma conduta absolutamente "narcísica", tal como na doutrina das

¹ *Sobre a aparente intencionalidade no destino do indivíduo*, [1851], Edição do Grão-Duque Wilhelm Ernst, v. IV, p. 268.

der Neurosenlehre zu bezeichnen gewohnt sind, wenn ein ganzes Individuum seine Libido im Ich behält und nichts von ihr für Objektbesetzungen verausgabt. Die Keimzellen brauchen ihre Libido, die Tätigkeit ihrer Lebenstrieb, für sich selbst als Vorrat für ihre spätere, großartig aufbauende Tätigkeit. Vielleicht darf man auch die Zellen der bösartigen Neubildungen, die den Organismus zerstören, für narzisstisch in demselben Sinne erklären. Die Pathologie ist ja bereit, ihre Keime für mitgeboren zu halten und ihnen embryonale Eigenschaften zuzugestehen. So würde also die Libido unserer Sexualtriebe mit dem Eros der Dichter und Philosophen zusammenfallen, der alles Lebende zusammenhält.

An dieser Stelle finden wir den Anlaß, die langsame Entwicklung unserer Libidotheorie zu überschauen. Die Analyse der Übertragungsneurosen zwang uns zunächst den Gegensatz zwischen »Sexualtrieben«, die auf das Objekt gerichtet sind, und anderen Trieben auf, die wir nur sehr ungenügend erkannten und vorläufig als »Ichtriebe« bezeichneten. Unter ihnen mußten Triebe, die der Selbsterhaltung des Individuums dienen, in erster Linie anerkannt werden. Was für andere Unterscheidungen da zu machen waren, konnte man nicht wissen. Keine Kenntnis wäre für die Begründung einer richtigen Psychologie so wichtig gewesen, wie eine ungefähre Einsicht in die gemeinsame Natur und die etwaigen Besonderheiten der Triebe. Aber auf keinem Gebiete der Psychologie tappte man so sehr im Dunkeln. Jedermann stellte so viele Triebe oder »Grundtriebe« auf, als ihm beliebte, und wirtschaftete mit ihnen wie die alten griechischen Naturphilosophen mit ihren vier Elementen: dem Wasser, der Erde, dem Feuer und

neuroses estamos habituados a caracterizar quando um indivíduo inteiro retém sua libido no Eu e não despende nada dela em investimentos de objeto. As células germinais precisam de sua libido, atividade de suas pulsões de vida, para si mesmas, como reserva para a sua atividade posterior, grandiosamente construtiva. Talvez nos seja permitido declarar, no mesmo sentido, como sendo igualmente narcísicas as células das neoplasias malignas que destroem o organismo. A patologia, com efeito, está pronta a considerar seus germens como inatos e a lhes conceder propriedades embrionárias. É assim que a libido de nossas pulsões sexuais iria coincidir com o Eros dos poetas e dos filósofos, que mantém unido tudo o que é vivo.

Encontro aqui a oportunidade para uma visão de conjunto do lento desenvolvimento da nossa teoria da libido. A análise das neuroses de transferência compeliu-nos, de início, à oposição entre "pulsões sexuais", dirigidas ao objeto, e outras pulsões, que só reconhecíamos de maneira muito insatisfatória e que chamamos provisoriamente de "pulsões do Eu". Entre elas deviam, necessariamente, ser reconhecidas em primeira linha pulsões que servem à autoconservação do indivíduo. Não podíamos saber quais outras diferenciações deveriam ser feitas. Nenhum conhecimento teria sido mais importante para fundamentar uma psicologia correta do que uma visão aproximada da natureza geral e das eventuais peculiaridades das pulsões. Mas em nenhum campo da psicologia tateava-se tanto no escuro. Cada um propunha tantas pulsões ou "pulsões básicas" quanto preferisse e as administrava como o faziam os antigos filósofos gregos da natureza com seus quatro elementos: a água,

der Luft. Die Psychoanalyse, die irgendeiner Annahme über die Triebe nicht entraten konnte, hielt sich vorerst an die populäre Triebunterscheidung, für die das Wort von »Hunger und Liebe« vorbildlich ist. Es war wenigstens kein neuer Willkürakt. Damit reichte man in der Analyse der Psychoneurosen ein ganzes Stück weit aus. Der Begriff der »Sexualität« — und damit der eines Sexualtriebes — mußte freilich erweitert werden, bis er vieles einschloß, was sich nicht der Fortpflanzungsfunktion einordnete, und darüber gab es Lärm genug in der strengen, vornehmen oder bloß heuchlerischen Welt.

Der nächste Schritt erfolgte, als sich die Psychoanalyse näher an das psychologische Ich herantasten konnte, das ihr zunächst nur als verdrängende, zensurierende und zu Schutzbauten, Reaktionsbildungen befähigte Instanz bekannt geworden war. Kritische und andere weitblickende Geister hatten zwar längst gegen die Einschränkung des Libidobegriffes auf die Energie der dem Objekt zugewendeten Sexualtriebe Einspruch erhoben. Aber sie versäumten es mitzuteilen, woher ihnen die bessere Einsicht gekommen war, und verstanden nicht, etwas für die Analyse Brauchbares aus ihr abzuleiten. In bedächtigerem Fortschreiten fiel es nun der psychoanalytischen Beobachtung auf, wie regelmäßig Libido vom Objekt abgezogen und aufs Ich gerichtet wird (Introversion), und indem sie die Libidoentwicklung des Kindes in ihren frühesten Phasen studierte, kam sie zur Einsicht, daß das Ich das eigentliche und ursprüngliche Reservoir der Libido sei, die erst von da aus auf das Objekt erstreckt werde. Das Ich trat unter die Sexualobjekte und wurde gleich als das vornehmste unter

a terra, o fogo e o ar. A psicanálise, que não podia prescindir de algum tipo de suposição sobre as pulsões, ateve-se inicialmente à popular divisão das pulsões que têm por modelo os termos "fome e amor". Esse ao menos não era nenhum novo ato arbitrário. Com isso, avançamos um bom trecho na análise das psiconeuroses. O conceito de "sexualidade" — e, com ele, o de uma pulsão sexual — precisava certamente ser ampliado a ponto de incluir muitas coisas que não se integravam à função de reprodução, e isso causou bastante alvoroço no mundo austero, nobre, ou simplesmente hipócrita.

O passo seguinte foi dado quando a psicanálise pôde tatear mais de perto do Eu psicológico, que inicialmente só lhe era conhecido como instância recalçadora, que censura e que é capaz de produzir construções protetivas e formações reativas. É verdade que críticos e outros espíritos de visão ampla já haviam objetado, havia muito tempo, contra a restrição do conceito de libido à energia das pulsões sexuais direcionadas ao objeto. Mas eles não disseram de onde lhes tinha vindo essa melhor compreensão e não conseguiram dela deduzir algo utilizável para a análise. Ao avançar de modo mais ponderado, a observação psicanalítica deu-se conta, então, da regularidade com que a libido era retirada do objeto e dirigida ao Eu (introversão) e, estudando o desenvolvimento da libido da criança em suas primeiras fases, ela chegou à compreensão de que o Eu constituía o verdadeiro e originário reservatório da libido, e que só a partir daí poderia se estender até o objeto. O Eu tomou lugar entre os objetos sexuais e logo foi reconhecido como o mais eminente entre eles. Quando a libido se alojava dessa maneira no Eu, ela

ihnen erkannt. Wenn die Libido so im Ich verweilte, wurde sie narzißtisch genannt.¹ Diese narzißtische Libido war natürlich auch die Kraftäußerung von Sexualtrieben im analytischen Sinne, die man mit den von Anfang an zugestandenen »Selbsterhaltungstrieben« identifizieren mußte. Somit war der ursprüngliche Gegensatz von Ichtrieben und Sexualtrieben unzureichend geworden. Ein Teil der Ichtriebe war als libidinös erkannt; im Ich waren — neben anderen wahrscheinlich — auch Sexualtriebe wirksam, doch ist man berechtigt zu sagen, daß die alte Formel, die Psychoneurose beruhe auf einem Konflikt zwischen den Ichtrieben und den Sexualtrieben, nichts enthielt, was heute zu verwerfen wäre. Der Unterschied der beiden Triebarten, der ursprünglich irgendwie qualitativ gemeint war, ist jetzt nur anders, nämlich *topisch* zu bestimmen. Insbesondere die Übertragungsneurose, das eigentliche Studienobjekt der Psychoanalyse, bleibt das Ergebnis eines Konflikts zwischen dem Ich und der libidinösen Objektbesetzung.

Um so mehr müssen wir den libidinösen Charakter der Selbsterhaltungstribe jetzt betonen, da wir den weiteren Schritt wagen, den Sexualtrieb als den alles erhaltenden Eros zu erkennen und die narzißtische Libido des Ichs aus den Libidobeiträgen ableiten, mit denen die Somazellen aneinander haften. Nun aber finden wir uns plötzlich folgender Frage gegenüber: Wenn auch die Selbsterhaltungstribe libidinöser Natur sind, dann haben wir vielleicht überhaupt keine anderen Triebe als libidinöse. Es sind wenigstens

¹ Zur Einführung des Narzißmus. *Jahrbuch der Psychoanalyse*, VI, 1914. [Ges. Werke, Bd. X]

foi chamada de narcísica.¹ Essa libido narcísica era também naturalmente a manifestação da força das pulsões sexuais no sentido analítico, a qual precisava ser identificada com as “pulsões de autoconservação”, admitidas desde o começo. Com isso, a oposição original entre pulsões do Eu e pulsões sexuais tornou-se insuficiente. Uma parte das pulsões do Eu foi reconhecida como libidinal; no Eu também havia — provavelmente ao lado de outras — pulsões sexuais atuando, e, de fato, estamos autorizados a dizer que a antiga fórmula de que a psicose tem como base um conflito entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, não conteria nada que hoje pudesse ser rechaçado. A diferença entre as duas espécies de pulsão, que originalmente, de alguma forma, foi pensada qualitativamente, agora devia ser determinada de outra maneira, a saber, *topicamente*. Em particular a neurose de transferência, o verdadeiro objeto de estudo da psicanálise, permanece sendo o resultado de um conflito entre o Eu e o investimento libidinal de objeto.

Agora, mais do que nunca, precisamos acentuar o caráter libidinal das pulsões de autoconservação, já que ousamos dar o próximo passo, o de reconhecer na pulsão sexual o Eros que tudo preserva, e fazer derivar a libido narcísica do Eu dos montantes de libido, com os quais as células somáticas se aderem umas às outras. No entanto, eis que nos encontramos de repente diante da seguinte questão: se as pulsões de autoconservação também são de natureza libidinal, então talvez não tenhamos absolutamente nenhuma outra pulsão além

¹ “Para introduzir o narcisismo”. *Jahrbuch der Psychoanalyse*, VI, 1914. [Ges. Werke, vol. X].

keine anderen zu sehen. Dann muß man aber doch den Kritikern recht geben, die von Anfang an geahnt haben, die Psychoanalyse erkläre *alles* aus der Sexualität, oder den Neuerern wie Jung, die, kurz entschlossen, Libido für »Triebkraft« überhaupt gebraucht haben. Ist dem nicht so?

In unserer Absicht läge dies Resultat allerdings nicht. Wir sind ja vielmehr von einer scharfen Scheidung zwischen Ichtrieben = Todestrieben und Sexualtrieben = Lebenstrieben ausgegangen. Wir waren ja bereit, auch die angeblichen Selbsterhaltungstribe des Ichs zu den Todestrieben zu rechnen, was wir seither berichtigend zurückgezogen haben. Unsere Auffassung war von Anfang eine *dualistische* und sie ist es heute schärfer denn zuvor, seitdem wir die Gegensätze nicht mehr Ich- und Sexualtriebe, sondern Lebens- und Todestribe benennen. Jungs Libidotheorie ist dagegen eine monistische; daß er seine einzige Triebkraft Libido geheißen hat, mußte Verwirrung stiften, soll uns aber weiter nicht beeinflussen. Wir vermuten, daß im Ich noch andere als die libidinösen Selbsterhaltungstribe tätig sind, wir sollten nur imstande sein, sie aufzuzeigen. Es ist zu bedauern, daß die Analyse des Ichs so wenig fortgeschritten ist, daß dieser Nachweis uns recht schwer wird. Die libidinösen Triebe des Ichs mögen allerdings in besonderer Weise mit den anderen, uns noch fremden Ichtrieben verknüpft, nach dem Ausdruck von Alf. Adler, »verschränkt« sein. Noch ehe wir den Narzißmus klar erkannt hatten, bestand bereits in der Psychoanalyse die Vermutung, daß die »Ichtriebe« libidinöse Komponenten an sich gezogen haben. Aber das sind recht unsichere Möglichkeiten, denen die

das libidinais. Ao menos não há nenhuma outra à vista. Mas então temos de dar razão aos críticos, que desde o início achavam que a psicanálise explicava *tudo* pela sexualidade, ou aos inovadores como Jung, que, decidindo sumariamente, simplesmente utilizaram libido como "força pulsional". Não é esse o caso?

Certamente esse resultado não fazia parte de nossa intenção. Partimos, de fato, muito mais de uma nítida separação entre pulsões do Eu = pulsões de morte, e pulsões sexuais = pulsões de vida. Na verdade, estávamos prestes a acrescentar também as supostas pulsões de autoconservação do Eu às pulsões de morte, o que retiramos posteriormente, a fim de nos corrigir. Nossa concepção foi, desde o início, *dualista*, e hoje ela o é mais rigorosamente do que antes, depois que nomeamos os opostos não mais de pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas de pulsões de vida e pulsões de morte. A teoria da libido de Jung é, ao contrário, monista; o fato de ele ter chamado de libido a sua única força pulsional só podia criar confusão, mas não deve continuar nos influenciando. Supomos que no Eu estejam em ação outras pulsões além das pulsões libidinais de autoconservação; só teríamos de ser capazes de apontá-las. É lamentável que a análise do Eu tenha avançado tão pouco e que fornecer essa prova se torne muito difícil para nós. As pulsões libidinais do Eu podem, além disso, estar conectadas, de acordo com a expressão de Alf. Adler, "emaranhadas",⁵⁹ de uma maneira particular, a outras pulsões do Eu ainda desconhecidas por nós. Ainda antes de termos claramente reconhecido o narcisismo, já havia na psicanálise a suspeita de que as "pulsões do Eu" atraíam para si componentes libidinais. Mas

Gegner kaum Rechnung tragen werden. Es bleibt mißlich, daß uns die Analyse bisher immer nur in den Stand gesetzt hat, libidinöse Triebe nachzuweisen. Den Schluß, daß es andere nicht gibt, möchten wir darum doch nicht mitmachen.

Bei dem gegenwärtigen Dunkel der Trieblehre tun wir wohl nicht gut, irgend einen Einfall, der uns Aufklärung verspricht, zurückzuweisen. Wir sind von der großen Gegensätzlichkeit von Lebens- und Todestrieben ausgegangen. Die Objektliebe selbst zeigt uns eine zweite solche Polarität, die von Liebe (Zärtlichkeit) und Haß (Aggression). Wenn es uns nun gelänge, diese beiden Polaritäten in Beziehung zu einander zu bringen, die eine auf die andere zurückzuführen! Wir haben von jeher eine sadistische Komponente des Sexualtriebes anerkannt;ⁱ sie kann sich, wie wir wissen, selbständig machen und als Perversion das gesamte Sexualstreben der Person beherrschen. Sie tritt auch in einer der von mir sogenannten »prägenitalen Organisationen« als dominierender Partialtrieb hervor. Wie soll man aber den sadistischen Trieb, der auf die Schädigung des Objektes zielt, vom lebenserhaltenden Eros ableiten können? Liegt da nicht die Annahme nahe, daß dieser Sadismus eigentlich ein Todestrieb ist, der durch den Einfluß der narzißtischen Libido vom Ich abgedrängt wurde, so daß er erst am Objekt zum Vorschein kommt? Er tritt dann in den Dienst der Sexualfunktion; im oralen Organisationsstadium der Libido fällt die Liebesbemächtigung noch mit der Vernichtung des Objekts zusammen, später trennt sich der sadistische Trieb ab

ⁱ »Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie«, von der 1. Auflage, 1905, an. [Ges. Werke, Bd. V]

essas são possibilidades bem incertas que os opositores dificilmente considerarão. É desagradável que até agora a análise só nos tenha colocado em posição de comprovar as pulsões libidinais. Mas nem por isso queremos participar da conclusão de que não existam outras.

Dada a atual obscuridade da doutrina das pulsões, não fazemos bem em rejeitar qualquer tipo de pensamento que nos ocorra e que prometa esclarecimento. Partimos da grande relação de oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte. O próprio amor de objeto nos mostra uma segunda polaridade como essa, a do amor (ternura) e do ódio (agressão). Se ao menos conseguíssemos colocar em relação essas duas polaridades entre si, uma remetendo à outra! Não é de hoje que reconhecemos um componente sádico da pulsão sexual;ⁱ como sabemos, ele pode tornar-se autônomo e, como perversão, dominar inteiramente o anseio sexual da pessoa. Ele emerge também como pulsão parcial dominante em uma dessas organizações que chamei de "pré-genitais". Mas como fazer derivar de Eros, conservador da vida, a pulsão sádica que tem como meta o prejuízo do objeto? Será que não cabe supor que esse sadismo seja, afinal, uma pulsão de morte que foi pressionada para fora do Eu por influência da libido narcísica, de modo que ela só apareça no objeto? Depois ela passa a servir a função sexual; no estágio de organização oral da libido, o apoderamento amoroso ainda coincide com a aniquilação do objeto; mais tarde a pulsão sádica

ⁱ *Três ensaios sobre a teoria sexual*, a partir da primeira edição, 1905.

und endlich übernimmt er auf der Stufe des Genitalprimats zum Zwecke der Fortpflanzung die Funktion, das Sexualobjekt so weit zu bewältigen, als es die Ausführung des Geschlechtsaktes erfordert. Ja, man könnte sagen, der aus dem Ich herausgedrängte Sadismus habe den libidinösen Komponenten des Sexualtriebs den Weg gezeigt; späterhin drängen diese zum Objekt nach. Wo der ursprüngliche Sadismus keine Ermäßigung und Verschmelzung erfährt, ist die bekannte Liebe-Haß-Ambivalenz des Liebeslebens hergestellt.

Wenn es erlaubt ist, eine solche Annahme zu machen, so wäre die Forderung erfüllt, ein Beispiel eines - allerdings verschobenen - Todestriebes aufzuzeigen. Nur daß diese Auffassung von jeder Anschaulichkeit weit entfernt ist und einen geradezu mystischen Eindruck macht. Wir kommen in den Verdacht, um jeden Preis eine Auskunft aus einer großen Verlegenheit gesucht zu haben. Dann dürfen wir uns darauf berufen, daß eine solche Annahme nicht neu ist, daß wir sie bereits früher einmal gemacht haben, als von einer Verlegenheit noch keine Rede war. Klinische Beobachtungen haben uns seinerzeit zur Auffassung genötigt, daß der dem Sadismus komplementäre Partialtrieb des Masochismus als eine Rückwendung des Sadismus gegen das eigene Ich zu verstehen sei.¹ Eine Wendung des Triebs vom Objekt zum Ich ist aber prinzipiell nichts anderes als die Wendung vom Ich zum Objekt, die hier als neu in Frage steht. Der Masochismus, die Wendung des Triebs gegen das eigene Ich, wäre dann in Wirklichkeit eine Rückkehr zu

¹ Vgl. Sexualtheorie, 4. Aufl., 1920, und »Triebe und Triebschicksale«. [Ges. Werke, Bd V u. X]

se separa e, finalmente, no estágio do primado genital, ela assume, com o propósito de reprodução, a função de lidar com o objeto sexual até o ponto em que a realização do ato sexual exigir. De fato, poderíamos dizer que o sadismo, impelido para fora do Eu, teria mostrado o caminho da pulsão sexual aos componentes libidinais; mais tarde estes impellem em direção ao objeto. Lá onde o sadismo originário não sofre nenhuma atenuação e fusão instaura-se a conhecida ambivalência amor-ódio da vida amorosa.

Se for permitido fazer uma suposição como essa, então teria se cumprido a exigência de apontar um exemplo de pulsão de morte, muito embora deslocada. O problema é que essa concepção está muito longe de qualquer evidência, além de passar uma impressão verdadeiramente mística. Estaríamos expostos à suspeita de ter procurado a qualquer custo uma saída para um grande embaraço. Mas então temos o direito de apelar para o fato de que uma suposição como essa não é nova, que nós já a havíamos feito anteriormente, quando ainda não havia nenhum embaraço. Na ocasião, observações clínicas nos forçaram à concepção de que o masoquismo, pulsão parcial complementar do sadismo, devia ser entendido como uma reversão do sadismo contra o próprio Eu.¹ Mas um retorno da pulsão do objeto para o Eu não é, em princípio, nada além do que o retorno do Eu para o objeto, que aqui está colocado como questão de uma maneira nova. O masoquismo, o retorno da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, uma volta a uma fase anterior dessa

¹ Cf. *Teoria sexual*, 4ª edição, 1920, e *As pulsões e seus destinos* [nesta coleção, em volume bilíngue].

einer früheren Phase desselben, eine Regression. In einem Punkte bedürfte die damals vom Masochismus gegebene Darstellung einer Berichtigung als allzu ausschließlich; der Masochismus könnte auch, was ich dort bestreiten wollte, ein primärer sein.¹

Aber kehren wir zu den lebenserhaltenden Sexualtrieben zurück. Schon aus der Protistenforschung haben wir erfahren, daß die Verschmelzung zweier Individuen ohne nachfolgende Teilung, die Kopulation, auf beide Individuen, die sich dann bald voneinander lösen, stärkend und verjüngend wirkt. (S. o. Lipschütz.) Sie zeigen in weiteren Generationen keine Degenerationerscheinungen und scheinen befähigt, den Schädlichkeiten ihres eigenen Stoffwechsels länger zu widerstehen. Ich meine, daß diese eine Beobachtung als vorbildlich für den Effekt auch der geschlechtlichen Vereinigung genommen werden darf. Aber auf welche Weise bringt die Verschmelzung zweier wenig verschiedener Zellen eine solche Erneuerung des Lebens zustande? Der Versuch, der die Kopulation bei den Protozoen durch die Einwirkung chemischer, ja selbst mechanischer Reize (l. c.) ersetzt, gestattet wohl eine sichere Antwort zu geben: Es geschieht durch die Zufuhr

¹ In einer inhalts- und gedankenreichen, für mich leider nicht ganz durchsichtigen Arbeit hat Sabina Spielrein ein ganzes Stück dieser Spekulation vorweggenommen. Sie bezeichnet die sadistische Komponente des Sexualtriebes als die »destruktive«. (Die Destruktion als Ursache des Werdens. Jahrbuch für Psychoanalyse, IV, 1912.) In noch anderer Weise suchte A. Stürcke (Inleiding by de vertaling, von S. Freud, De sexuele beschavingsmoral etc., 1914) den Libidobegriff selbst mit dem theoretisch zu supponierenden biologischen Begriff eines Antriebes zum Tode zu identifizieren. (Vgl. auch Rank, Der Künstler.) Alle diese Bemühungen zeigen, wie die im Texte, von dem Drang nach einer noch nicht erreichten Klärung in der Trieblehre.

pulsão, uma regressão. Em um ponto, a exposição que fizemos na época sobre o masoquismo precisaria ser corrigida naquilo que ela tem de demasiado exclusiva; o masoquismo poderia também, o que lá eu queria contestar, ser um masoquismo primário.¹

Mas voltemos às pulsões sexuais conservadoras da vida. Da investigação sobre os protistas já ficamos sabendo que a fusão de dois indivíduos sem a partição subsequente, a copulação, produz sobre os dois indivíduos um efeito revigorante e rejuvenescedor (cf. acima, Lipschütz). Eles não mostram, nas gerações sucessivas, nenhuma manifestação de degeneração e parecem capacitados a resistir por mais tempo aos danos de seu próprio metabolismo. Penso que essa observação específica possa também ser tomada como modelo do efeito da união sexuada. Mas de que maneira a fusão de duas células pouco distintas traz uma renovação como essa da vida? O experimento que substituiu a conjugação dos protozoários pela ação de estímulos químicos ou mesmo mecânicos (*loc. cit.*), deve permitir dar uma resposta mais segura: isso se produz pela introdução de novas quantidades de estímulos. E isso está em perfeita concordância com a

¹ Em um trabalho rico em conteúdo e pensamentos, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma boa parte dessa especulação. Ela caracteriza o componente sádico da pulsão sexual como "destrutivo" (A destruição como causa do vir-a-ser, *Jahrbuch für Psychoanalyse*, IV, 1912). De uma maneira ainda diferente, A. Stürcke (Introdução à tradução holandesa de S. Freud, "A moral sexual 'cultural' e doença nervosa moderna" [nesta coleção, no volume *Cultura, sociedade, religião*] procurou identificar o próprio conceito de libido com o conceito biológico teoricamente suposto de um impulso para a morte (cf. também Rank, *O artista*). Todos esses esforços, como aqueles no texto, dizem sobre a pressão para conseguir uma clarificação ainda não alcançada na doutrina das pulsões.

neuer Reizgrößen. Das stimmt nun aber gut zur Annahme, daß der Lebensprozeß des Individuums aus inneren Gründen zur Abgleichung chemischer Spannungen, das heißt zum Tode führt, während die Vereinigung mit einer individuell verschiedenen lebenden Substanz diese Spannungen vergrößert, sozusagen neue *Vital-differenzen* einführt, die dann *abgelebt* werden müssen. Für diese Verschiedenheit muß es natürlich ein oder mehrere Optima geben. Daß wir als die herrschende Tendenz des Seelenlebens, vielleicht des Nervenlebens überhaupt, das Streben nach Herabsetzung, Konstanterhaltung, Aufhebung der inneren Reizspannung erkannten (das *Nirwanaprinzip* nach einem Ausdruck von ~~englischen-Autor~~ Barbara Low), wie es im Lustprinzip zum Ausdruck kommt, das ist ja eines unserer stärksten Motive, an die Existenz von Todestrieben zu glauben.

Als empfindliche Störung unseres Gedankenganges verspüren wir es aber noch immer, daß wir gerade für den Sexualtrieb jenen Charakter eines Wiederholungszwanges nicht nachweisen können, der uns zuerst zur Aufspürung der Todestribe führte. Das Gebiet der embryonalen Entwicklungsvorgänge ist zwar überreich an solchen Wiederholungserscheinungen, die beiden Keimzellen der geschlechtlichen Fortpflanzung und ihre Lebensgeschichte sind selbst nur Wiederholungen der Anfänge des organischen Lebens; aber das Wesentliche an den vom Sexualtrieb intendierten Vorgängen ist doch die Verschmelzung zweier Zelleiber. Erst durch diese wird bei den höheren Lebewesen die Unsterblichkeit der lebenden Substanz gesichert.

Mit anderen Worten: wir sollen Auskunft schaffen über die Entstehung der geschlechtlichen Fortpflanzung und die Herkunft der Sexualtriebe überhaupt, eine

suposição de que o processo de vida do indivíduo, por razões internas, conduz a uma equiparação as tensões químicas, isto é, à morte, enquanto a união com uma substância viva individualmente distinta aumenta essas tensões, introduzindo, por assim dizer, novas *diferenças vitais*, que depois precisam *ser vividas até o esgotamento*. Para essa dissimilaridade deve haver naturalmente um ou mais *optima*. Que tenhamos reconhecido como sendo a tendência dominante da vida anímica, talvez da vida nervosa em geral, o anseio por reduzir, manter constante e anular⁶⁰ a tensão interna de estímulos (*O princípio de Nirvana*, segundo a expressão de ~~um autor inglês~~ Barbara Low), tal como ela encontra expressão no princípio de prazer, eis aqui um de nossos motivos mais fortes para acreditar na existência das pulsões de morte.

Entretanto, continuamos experimentando como que uma sensível perturbação no fluxo do nosso pensamento pelo fato de não podermos provar, justamente para a pulsão sexual, aquele caráter de compulsão à repetição que primeiro nos levou à detecção das pulsões de morte. O campo dos processos de desenvolvimento embrionário é, na verdade, abundante em fenômenos de repetição como esses, as duas células germinais da reprodução sexuada e sua história de vida são elas próprias apenas repetições dos inícios da vida orgânica; mas o fator essencial nos processos pretendidos pela pulsão sexual é, afinal, a fusão de dois corpos celulares. É somente através dela que é assegurada nos seres vivos superiores a imortalidade da substância viva.

Em outras palavras: temos de conseguir informação sobre o surgimento da reprodução sexuada e sobre a proveniência das pulsões sexuais em geral, uma tarefa

Aufgabe, vor der ein Außenstehender zurückschrecken muß, und die von den Spezialforschern selbst bisher noch nicht gelöst werden konnte. In knappster Zusammendrängung sei darum aus all den widerstreitenden Angaben und Meinungen hervorgehoben, was einen Anschluß an unseren Gedankengang zuläßt.

Die eine Auffassung benimmt dem Problem der Fortpflanzung seinen geheimnisvollen Reiz, indem sie die Fortpflanzung als eine Teilerscheinung des Wachstums darstellt. (Vermehrung durch Teilung, Sproßung, Knospung.) Die Entstehung der Fortpflanzung durch geschlechtlich differenzierte Keimzellen könnte man sich nach nüchterner Darwinscher Denkungsart so vorstellen, daß der Vorteil der Amphimixis, der sich der- einst bei der zufälligen Kopulation zweier Protisten ergab, in der ferneren Entwicklung festgehalten und weiter ausgenützt wurde.¹ Das »Geschlecht« wäre also nicht sehr alt, und die außerordentlich heftigen Triebe, welche die geschlechtliche Vereinigung herbeiführen wollen, wiederholten dabei etwas, was sich zufällig einmal ereignet und seither als vorteilhaft befestigt hat.

Es ist hier wiederum wie beim Tod die Frage, ob man bei den Protisten nichts anderes gelten lassen soll, als was sie zeigen, und ob man annehmen darf, daß Kräfte und Vorgänge, die erst bei höheren Lebewesen

¹ Obwohl Weismann (*Das Keimplasma*, 1892) auch diesen Vorteil leugnet: »Die Befruchtung bedeutet keinesfalls eine Verjüngung oder Erneuerung des Lebens, sie wäre durchaus nicht notwendig zur Fortdauer des Lebens, sie ist nichts als eine *Einrichtung*, um die *Vermischung zweier verschiedener Vererbungstendenzen* möglich zu machen.« Als die Wirkung einer solchen Vermischung betrachtet er aber doch eine Steigerung der Variabilität der Lebewesen.

diante da qual alguém de fora irá recuar assustado, e a qual até agora ainda não pode ser resolvida pelos próprios investigadores especializados. É por isso que, em brevíssima condensação, destacaremos, de todos os dados e opiniões conflitantes, aquilo que permite uma conexão com a nossa linha de pensamento.

Uma dessas concepções priva o problema da reprodução de seu misterioso encanto, apresentando essa reprodução como uma manifestação parcial do crescimento (multiplicação por partição, proliferação, gemiparidade). Poderíamos imaginar o surgimento da reprodução por células germinais sexualmente diferenciadas de acordo com o modo de pensar objetivo de Darwin, dizendo que a vantagem da anfimixia, que um dia ocorreu com a copulação casual de dois protistas, foi mantida no desenvolvimento posterior e continuou a ser utilizada daí por diante.¹ O «sexo» não seria, portanto, muito antigo, e as pulsões extraordinariamente intensas que querem propiciar a união sexual estariam assim repetindo algo que aconteceu uma vez acidentalmente e que desde então se consolidou como vantajoso.

Aqui se coloca, como no caso da morte, novamente a questão de saber se não devemos fazer valer nos protistas alguma coisa diferente do que eles mostram e se temos o direito de supor que forças e processos

¹ Se bem que Weismann (*O plasma germinal*, 1892) também nega essa vantagem: »Em nenhum caso a fecundação significa um rejuvenescimento ou renovação da vida, ela não seria absolutamente necessária para a continuação da vida, ela não é nada além de um dispositivo para tornar possível a mistura de duas tendências hereditárias distintas«. Como efeito dessa mistura, ele observa, no entanto, um aumento na variabilidade dos seres vivos.

sichtbar werden, auch bei diesen zuerst entstanden sind. Für unsere Absichten leistet die erwähnte Auffassung der Sexualität sehr wenig. Man wird gegen sie einwenden dürfen, daß sie die Existenz von Lebenstrieben, die schon im einfachsten Lebewesen wirken, voraussetzt, denn sonst wäre ja die Kopulation, die dem Lebensablauf entgegenwirkt und die Aufgabe des Ablebens erschwert, nicht festgehalten und ausgearbeitet, sondern vermieden worden. Wenn man also die Annahme von Todestrieben nicht fahren lassen will, muß man ihnen von allem Anfang an Lebenstriebe zugesellen. Aber man muß es zugestehen, wir arbeiten da an einer Gleichung mit zwei Unbekannten. Was wir sonst in der Wissenschaft über die Entstehung der Geschlechtlichkeit finden, ist so wenig, daß man dies Problem einem Dunkel vergleichen kann, in welches auch nicht der Lichtstrahl einer Hypothese gedrungen ist. An ganz anderer Stelle begegnen wir allerdings einer solchen Hypothese, die aber von so phantastischer Art ist — gewiß eher ein Mythos als eine wissenschaftliche Erklärung —, daß ich nicht wagen würde, sie hier anzuführen, wenn sie nicht gerade die eine Bedingung erfüllen würde, nach deren Erfüllung wir streben. Sie leitet nämlich einen Trieb ab *von dem Bedürfnis nach Wiederherstellung eines früheren Zustandes*.

Ich meine natürlich die Theorie, die Plato im *Symposion* durch Aristophanes entwickeln läßt, und die nicht nur die Herkunft des Geschlechtstriebes, sondern auch seiner wichtigsten Variation in bezug auf das Objekt behandelt.¹

¹ Übersetzung von U. V. Wilamowitz-Moellendorff (Platon I, S. 366 f.)

que só se tornam visíveis em seres vivos superiores também surgiram pela primeira vez neles. A concepção de sexualidade mencionada acima contribui muito pouco para os nossos propósitos. Poderemos argumentar que ela pressupõe a existência de pulsões de vida que já estão agindo no ser vivo mais simples, pois, do contrário, a copulação, que se opõe ao curso de vida e dificulta a tarefa de esgotar a vida, não teria sido mantida e aperfeiçoada, mas evitada. Portanto, se não queremos abandonar a suposição sobre pulsões de morte, temos de associá-la, desde todo o início, com as pulsões de vida. Mas temos de reconhecer que estamos trabalhando com uma equação de duas incógnitas. O que normalmente encontramos na ciência sobre o surgimento da sexualidade é tão pouco que podemos comparar esse problema com uma escuridão na qual não penetrou nem mesmo o raio de luz de uma hipótese. Entretanto, num outro lugar bem diferente encontramos uma hipótese como essa, mas que é de uma natureza tão fantástica — certamente mais um mito do que de uma explicação científica — que não ousaria mencioná-la aqui se ela não preenchesse justamente a única condição, cuja realização almejamos. Especificamente, ela faz derivar uma pulsão *da necessidade de restabelecer um estado anterior*.

Naturalmente estou pensando na teoria que Platão desenvolve no *Simpósio*,⁶¹ através de Aristófanes, e que trata não apenas da proveniência da pulsão sexual, mas também de sua mais importante variação em relação ao objeto.¹

¹ Tradução de U. v. Wilamowitz-Moellendorff (Platon, I, p. 366).

»Unser Leib war nämlich zuerst gar nicht ebenso gebildet wie jetzt; er war ganz anders. Erstens gab es drei Geschlechter, nicht bloß wie jetzt männlich und weiblich, sondern noch ein drittes, das die beiden vereinigte ...das Mannweibliche...“. Alles an diesen Menschen war aber doppelt, sie hatten also vier Hände und vier Füße, zwei Gesichter, doppelte Schamteile usw. Da ließ sich Zeus bewegen, jeden Menschen in zwei Teile zu teilen, »wie man Quitten zum Einmachen durchschneidet... Weil nun das ganze Wesen entzweigeschnitten war, trieb die Sehnsucht die beiden Hälften zusammen: sie umschlangen sich mit den Händen, verflochten sich ineinander im *Verlangen, zusammenzuwachsen*«¹

¹ [1921] Prof. Heinrich Gomperz (Wien) verdanke ich die nachstehenden Andeutungen über die Herkunft des Platonischen Mythos, die ich zum Teil in seinen Worten wiedergebe: Ich möchte darauf aufmerksam machen, daß sich wesentlich dieselbe Theorie auch schon in den Upanishaden findet. Denn Brihad-Āranyaka-Upanishad I. 4. 3 (Deussen, 60 Upanishads des Veda, S. 393), wo das Hervorgehen der Welt aus dem Ātman (dem Selbst oder Ich) geschildert wird, heißt es: »... Aber er (der Ātman, das Selbst oder das Ich) hatte auch keine Freude; darum hat einer keine Freude, wenn er allein ist. Da begehrte er nach einem Zweiten. Nämlich er war so groß wie ein Weib und ein Mann, wenn sie sich umschlungen halten. Dieses sein Selbst zerfällt er in zwei Teile: daraus entstanden Gatte und Gattin. Darum ist dieser Leib an dem Selbst gleichsam eine Halbscheid, so nämlich hat es Tajñavalkya erklärt. Darum wird dieser leere Raum hier durch das Weib ausgefüllt.«

Die Brihad-Āranyaka-Upanishad ist die älteste aller Upanishaden und wird wohl von keinem urteilsfähigen Forscher später angesetzt als etwa um das Jahr 800 v. Chr. Die Frage, ob eine, wenn auch sehr mittelbare Abhängigkeit Platos von diesen indischen Gedanken möglich wäre, möchte ich im Gegensatz zur herrschenden Meinung nicht unbedingt verneinen, da eine solche Möglichkeit wohl auch für die Seelenwanderungslehre nicht geradezu in Abrede gestellt werden kann. Eine solche, zunächst durch Pythagoraeer vermittelte Abhängigkeit würde dem gedanklichen Zusammentreffen kaum etwas von seiner Bedeutsamkeit

“Nosso corpo, na verdade, não foi inicialmente formado do mesmo modo como agora; era totalmente diferente. No princípio, havia três sexos, não simplesmente como agora, o masculino e o feminino, mas ainda um terceiro que unia os dois [...] o masculino-feminino...”. Porém, tudo nesses seres humanos era duplo, eles tinham, portanto, quatro mãos e quatro pés, dois rostos, partes pudendas duplas etc. Então, Zeus foi levado a dividir cada ser humano em duas partes, “como se cortam marmelos para fazer conserva [...]. E porque agora o ser inteiro estava cortado em dois, a saudade apressou as duas metades a se juntarem: elas se enlaçaram as mãos, entrelaçaram-se uma com a outra, no anseio de crescerem juntas [...]”.¹

¹ Sobre a proveniência do mito platônico, devo ao professor Heinrich Gomperz (de Viena) as indicações seguintes, que reproduzo em parte com suas próprias palavras: gostaria de chamar a atenção sobre o fato de que a mesma teoria já se encontra essencialmente nos Upanixades. Pois no Upanixade Brihad-Aranyaka, I. 4. 3 (Deussen, 60 Upanishads des Veda, p. 593), descobrimos a seguinte passagem em que a emergência do mundo a partir do Ātman (o Si-Mesmo ou Eu) é assim descrita: “Mas ele (o Ātman, o Si-Mesmo ou o Eu) também não tinha nenhuma alegria; ele não tinha nenhuma alegria porque estava sozinho. Foi então que ele ambicionou ter um segundo. Na verdade, ele era tão grande quanto uma mulher e um homem quando se mantêm enlaçados. Esse seu Si-Mesmo, ele dividiu em duas partes: daí surgiram esposo e esposa. É por isso que este corpo no Si-Mesmo é, por assim dizer, uma metade separada, assim mesmo explicou Yajñavalkya. E é por isso que esse espaço vazio é aqui preenchido pela mulher”.

O Upanixade Brihad-Aranyaka é o mais antigo de todos os Upanixades, e nenhum investigador competente o situa como posterior ao ano de 800 a.C. A questão de saber se seria possível existir uma dependência, mesmo que indireta, de Platão a esses pensamentos indianos, eu gostaria de, em oposição à opinião dominante, não necessariamente negá-la, já que uma possibilidade como essa também não pode ser contestada no caso da doutrina da transmigração das almas. Uma dependência como essa, primeiramente mediada pelos pitagóricos, dificilmente tiraria algo da

Sollen wir, dem Wink des Dichterphilosophen folgend, die Annahme wagen, daß die lebende Substanz bei ihrer Belebung in kleine Partikel zerrissen wurde, die seither durch die Sexualtriebe ihre Wiedervereinigung anstreben? Daß diese Triebe, in denen sich die chemische Affinität der unbelebten Materie fortsetzt, durch das Reich der Protisten hindurch allmählich die Schwierigkeiten überwinden, welche eine mit lebensgefährlichen Reizen geladene Umgebung diesem Streben entgegengesetzt, die sie zur Bildung einer schützenden Rindenschicht nötigt? Daß diese zersprengten Teilchen lebender Substanz so die Vielzelligkeit erreichen und endlich den Keimzellen den Trieb zur Wiedervereinigung in höchster Konzentration übertragen? Ich glaube, es ist hier die Stelle, abubrechen.

Doch nicht, ohne einige Worte kritischer Besinnung anzuschließen. Man könnte mich fragen, ob und inwieweit ich selbst von den hier entwickelten Annahmen überzeugt bin. Meine Antwort würde lauten, daß ich weder selbst überzeugt bin, noch bei anderen um Glauben für sie werbe. Richtiger: ich weiß nicht, wie weit ich an sie glaube. Es scheint mir, daß das affektive Moment der Überzeugung hier gar nicht in Betracht zu kommen braucht. Man kann sich doch einem Gedankengang hingeben, ihn verfolgen, soweit er führt, nur aus

nehmen, da Plato eine derartige ihm irgendwie aus orientalischer Überlieferung zugetragene Geschichte sich nicht zu eigen gemacht, geschweige denn ihr eine so bedeutsame Stellung angewiesen hätte, hätte sie ihm nicht selbst als wahrheitshältig eingeleuchtet.

In einem Aufsatz von K. Ziegler, Menschen- und Weltenwerden (Neue Jahrbücher für das klassische Altertum, Bd. 31, Sonderabdruck 1913), die sich planmäßig mit der Erforschung des fraglichen Gedankens vor Plato beschäftigt, wird dieser auf babylonische Vorstellungen zurückgeführt.

Será que devemos, seguindo a indicação do filósofo-poeta, arriscar a suposição de que a substância viva, no momento de sua animação, foi rasgada em pequenas partículas, que desde então empenham-se em uma reunificação através das pulsões sexuais? E que essas pulsões, nas quais prossegue a afinidade química da matéria, superam lentamente, através do reino dos protistas, as dificuldades que um meio ambiente carregado de estímulos perigosos para a vida opõe a esse empenho, estímulos que as obrigam à formação de uma camada cortical protetora? E que, assim, essas partículas dispersas de substância viva atingem a multicelularidade e finalmente transferem para as células germinais a pulsão para a reunificação, com a máxima concentração? Creio que aqui seja o lugar em que devemos parar.

Mas, na verdade, não sem acrescentar algumas palavras de reflexão crítica. Poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das suposições desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem eu mesmo estou convencido nem promovo sua crença entre os outros. Para ser mais exato: não sei até que ponto eu acredito nelas. Parece-me que o fator afetivo da convicção não precisa absolutamente ser considerado aqui. Podemos nos abandonar a uma linha de pensamento, persegui-la até onde ela leve,

importância desse encontro de pensamentos, tendo em vista que Platão não teria tornado sua uma história como essa que a tradição oriental lhe trazia, e menos ainda lhe teria concedido um lugar tão importante, se aquilo que ela contivesse de verdade não lhe tivesse ficado evidente. Em um artigo de K. Ziegler, "O vir-a-ser dos homens e do mundo" (Neue Jahrbücher für das klassische Altertum, v. 31, 1913), que se ocupa planejadamente da investigação do pensamento problemático antes de Platão, este é remetido a representações babilônicas.

wissenschaftlicher Neugierde, oder wenn man will, als *advocatus diaboli*, der sich darum doch nicht dem Teufel selbst verschreibt. Ich verkenne nicht, daß der dritte Schritt in der Trieblehre, den ich hier unternahme, nicht dieselbe Sicherheit beanspruchen kann wie die beiden früheren, die Erweiterung des Begriffes der Sexualität und die Aufstellung des Narzißmus. Diese Neuerungen waren direkte Übersetzungen der Beobachtung in Theorie, mit nicht größeren Fehlerquellen behaftet, als in all solchen Fällen unvermeidlich ist. Die Behauptung des *regressiven* Charakters der Triebe ruht allerdings auch auf beobachtetem Material, nämlich auf den Tatsachen des Wiederholungszwanges. Allein vielleicht habe ich deren Bedeutung überschätzt. Die Durchführung dieser Idee ist jedenfalls nicht anders möglich, als daß man mehrmals nacheinander Tatsächliches mit bloß Erdachtem kombiniert und sich dabei weit von der Beobachtung entfernt. Man weiß, daß das Endergebnis um so unverlässlicher wird, je öfter man dies während des Aufbaues einer Theorie tut, aber der Grad der Unsicherheit ist nicht angebbar. Man kann dabei glücklich geraten haben oder schmachlich in die Irre gegangen sein. Der sogenannten Intuition traue ich bei solchen Arbeiten wenig zu; was ich von ihr gesehen habe, schien mir eher der Erfolg einer gewissen Unparteilichkeit des Intellekts. Nur daß man leider selten unparteiisch ist, wo es sich um die letzten Dinge, die großen Probleme der Wissenschaft und des Lebens handelt. Ich glaube, ein jeder wird da von innerlich tiefbegründeten Vorlieben beherrscht, denen er mit seiner Spekulation unwissentlich in die Hände arbeitet. Bei so guten Gründen zum Mißtrauen bleibt wohl nichts anderes als ein kühles Wohlwollen

apenas por curiosidade científica, ou, se quisermos, como *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu-se ao próprio diabo. Não ignoro que o terceiro passo que empreendi na teoria das pulsões não possa pretender a mesma certeza que os dois anteriores, a ampliação do conceito de sexualidade e a formulação do narcisismo. Essas inovações foram traduções diretas da observação para a teoria, sem maiores fontes de erro que não sejam inevitáveis em todos esses casos. A afirmação sobre o carácter *regressivo* das pulsões também se apoia, de fato, em material observado, a saber, nos fatos da compulsão à repetição. Só que talvez eu tenha superestimado a sua importância. De qualquer forma, a implementação dessa ideia não é possível de outra maneira, a não ser combinando muitas vezes seguidas o que é fático com o que é meramente cogitado, o que assim nos afasta muito da observação. Sabemos que o resultado final se torna menos confiável quanto mais frequentemente se proceder assim durante a construção de uma teoria, mas o grau de incerteza não pode ser especificado. Podemos dar um golpe de sorte ou incorrer vergonhosamente em erro. Confio pouco na assim chamada intuição em trabalhos como esses; o que dela vi me pareceu ser mais o resultado de certa imparcialidade do intelecto. Infelizmente o problema é que raramente há imparcialidade quando se trata das últimas coisas, dos maiores problemas da ciência e da vida. Acredito que cada um seja dominado por preferências profundamente arraigadas interiormente, em cujas mãos nossa especulação está jogando sem sabê-lo. Com tão boas razões para a desconfiança, não resta outra coisa a não ser uma fria benevolência para com

für die Ergebnisse der eigenen Denkbemühung möglich. Ich beeile mich nur hinzuzufügen, daß solche Selbstkritik durchaus nicht zu besonderer Toleranz gegen abweichende Meinungen verpflichtet. Man darf unerbittlich Theorien abweisen, denen schon die ersten Schritte in der Analyse der Beobachtung widersprechen, und kann dabei doch wissen, daß die Richtigkeit derer, die man vertritt, doch nur eine vorläufige ist. In der Beurteilung unserer Spekulation über die Lebens- und Todestribe würde es uns wenig stören, daß so viel befremdende und unanschauliche Vorgänge darin vorkommen, wie ein Trieb werde von anderen herausgedrängt, oder er wende sich vom Ich zum Objekt u. dgl. Dies rührt nur daher, daß wir genötigt sind, mit den wissenschaftlichen Termini, das heißt, mit der eigenen Bildersprache der Psychologie (richtig: der Tiefenpsychologie) zu arbeiten. Sonst könnten wir die entsprechenden Vorgänge überhaupt nicht beschreiben, ja würden sie gar nicht wahrgenommen haben. Die Mängel unserer Beschreibung würden wahrscheinlich verschwinden, wenn wir anstatt der psychologischen Termini schon die physiologischen oder chemischen einsetzen könnten. Diese gehören zwar auch nur einer Bildersprache an, aber einer uns seit längerer Zeit vertrauten und vielleicht auch einfacheren.

Hingegen wollen wir uns recht klar machen, daß die Unsicherheit unserer Spekulation zu einem hohen Grade durch die Nötigung gesteigert wurde, Anleihen bei der biologischen Wissenschaft zu machen. Die Biologie ist wahrlich ein Reich der unbegrenzten Möglichkeiten, wir haben die überraschendsten Aufklärungen von ihr zu erwarten und können nicht erraten, welche Antworten sie auf die von uns an sie gestellten

os resultados dos próprios esforços de pensamento. Apresso-me a apenas acrescentar que essa autocrítica não obriga absolutamente a uma tolerância especial para com as opiniões divergentes. Temos o direito de rejeitar inexoravelmente teorias, nas quais já os primeiros passos estão em contradição com a análise da observação, mas, por outro lado, devemos saber que a correção daquelas que sustentamos é apenas provisória. No julgamento de nossa especulação sobre as pulsões de vida e de morte, pouco nos incomodaria que nela ocorressem tantos processos estranhos e não visualizáveis como o de uma pulsão ser expulsa por outras ou voltar-se do Eu para o objeto etc. Isso se deve apenas ao fato de sermos forçados a trabalhar com os termos científicos, isto é, com a linguagem figurativa própria da psicologia (melhor dizendo, da psicologia profunda). Do contrário, não poderíamos absolutamente descrever os processos correspondentes e, de fato, nem sequer os teríamos percebido. As falhas de nossa descrição provavelmente desapareceriam se, em vez dos termos psicológicos, já pudéssemos introduzir os termos fisiológicos ou químicos. É verdade que estes também pertencem a uma linguagem figurativa, mas que nos é familiar há muito mais tempo e talvez também mais simples.

Por outro lado, queremos deixar bem claro que a insegurança de nossa especulação atingiu um alto grau pela necessidade de fazer empréstimos da ciência biológica. A biologia é, verdadeiramente, um reino de possibilidades ilimitadas; dela podemos esperar esclarecimentos os mais surpreendentes e não podemos adivinhar que respostas ela daria, em algumas décadas, às perguntas que lhe colocamos.

Fragen einige Jahrzehnte später geben würde. Vielleicht gerade solche, durch die unser ganzer künstlicher Bau von Hypothesen umgeblasen wird. Wenn dem so ist, könnte jemand fragen, wozu unternimmt man also solche Arbeiten wie die in diesem Abschnitt niedergelegte, und warum bringt man sie doch zur Mitteilung? Nun, ich kann nicht in Abrede stellen, daß einige der Analogien, Verknüpfungen und Zusammenhänge darin mir der Beachtung würdig erschienen sind.¹

Anschließend hier einige Worte zur Klärung unserer Namengebung, die im Laufe dieser Erörterungen eine gewisse Entwicklung durchgemacht hat. Was »Sexualtriebe« sind, wußten wir aus ihrer Beziehung zu den Geschlechtern und zur Fortpflanzungsfunktion. Wir behielten dann diesen Namen bei, als wir durch die Ergebnisse der Psychoanalyse genötigt waren, deren Beziehung zur Fortpflanzung zu lockern. Mit der Aufstellung der narzißtischen Libido und der Ausdehnung des Libidobegriffes auf die einzelne Zelle wandelte sich uns der Sexualtrieb zum Eros, der die Teile der lebenden Substanz zu einander zu drängen und zusammenzuhalten sucht, und die gemeinhin so genannten Sexualtriebe erschienen als der dem Objekt zugewandte Anteil dieses Eros. Die Spekulation läßt dann diesen Eros vom Anfang des Lebens an wirken und als »Lebenstrieb« im Gegensatz zum »Todestrieb« treten, der durch die Belebung des Anorganischen entstanden ist. Sie versucht das Rätsel des Lebens durch die Annahme dieser beiden von Uranfang an miteinander ringenden Triebe zu lösen. Unübersichtlicher ist vielleicht die Wandlung, die der Begriff der »Ichtriebe« erfahren hat. Ursprünglich nannten wir so alle jene von uns nicht näher gekannten Triebrichtungen, die sich von den auf das Objekt gerichteten Sexualtrieben abscheiden lassen, und brachten die Ichtriebe in Gegensatz zu den Sexualtrieben, deren Ausdruck die Libido ist. Späterhin näherten wir uns der Analyse des Ichs und erkannten, daß auch ein Teil der »Ichtriebe« libidinöser Natur ist, das eigene Ich zum Objekt genommen hat. Diese narzißtischen Selbsterhaltungstribe mußten also jetzt den libidinösen Sexualtrieben zugerechnet werden. Der Gegensatz zwischen Ich- und Sexualtrieben wandelte sich in den zwischen Ich- und Objekttrieben, beide libidinöser Natur. An seine Stelle trat aber ein neuer Gegensatz zwischen libidinösen (Ich- und Objekt-) Trieben und anderen, die im Ich zu statuieren und vielleicht in den Destruktionstrieben aufzuzeigen sind. Die Spekulation wandelt diesen Gegensatz in den von Lebenstrieben (Eros) und von Todestrieben um.

Talvez justamente aquelas respostas através das quais todo o nosso edifício artificial de hipóteses será derrubado com um sopro. Mas, se for assim, alguém poderia perguntar, para que então empreender trabalhos como os expostos neste capítulo e por que ainda comunicá-los? Bem, não posso negar que algumas analogias, conexões e relações me pareceram dignas de consideração.¹

¹ Anexo aqui algumas palavras para o esclarecimento de nossa nomenclatura, que, no decorrer dessas discussões, sofreu determinado desenvolvimento. O que são "pulsões sexuais", nós o sabemos por sua relação com os sexos e com a função de reprodução. Mantivemos então esse nome quando fomos obrigados, pelos resultados da psicanálise, a afrouxar sua relação com a reprodução. Com a postulação da libido narcísica e a expansão do conceito de libido à célula individual, a pulsão sexual transformou-se para nós em Eros, que procura pressionar uma em direção à outra as partes da substância viva e mantê-las unidas, e as comumente chamadas pulsões sexuais surgiram como a parte desse Eros voltada para os objetos. A especulação supõe, então, esse Eros atuando desde o princípio da vida e aparecendo como "pulsão de vida" em oposição à "pulsão de morte", que surgiu por meio da animação do inorgânico. Ela tenta resolver o enigma da vida através da suposição dessas duas pulsões em luta uma com a outra desde as primeiras origens. Talvez seja menos transparente a transformação que sofreu o conceito de "pulsões do Eu". Originalmente nomeamos assim todas aquelas orientações pulsionais que nos eram menos conhecidas e que se deixam separar das pulsões sexuais dirigidas ao objeto, e colocamos as pulsões do Eu em oposição às pulsões sexuais, cuja expressão é a libido. Mais tarde nos aproximamos da análise do Eu e reconhecemos que uma parte das "pulsões do Eu" também é de natureza libidinal e tomou o próprio Eu como objeto. Essas pulsões narcísicas de autoconservação precisaram então agora ser observadas como pulsões sexuais libidinais. A oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais se transformou em oposição entre pulsões do Eu e pulsões de objeto, ambas de natureza libidinal. Mas em seu lugar surgiu uma nova oposição entre pulsões libidinais (do Eu e de objeto) e outras que devem ser estabelecidas no Eu e que talvez possam ser evidenciadas nas pulsões de destruição. A especulação converte essa oposição naquela entre pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte.

[VII] VII

Wenn es *wirklich* ein so allgemeiner Charakter der Triebe ist, daß sie einen früheren Zustand wiederherstellen wollen, so dürfen wir uns nicht darüber verwundern, daß im Seelenleben so viele Vorgänge sich unabhängig vom Lustprinzip vollziehen. Dieser Charakter würde sich jedem Partialtrieb mitteilen und sich in seinem Falle auf die Wiedererreichung einer bestimmten Station des Entwicklungsweges beziehen. Aber all dies, worüber das Lustprinzip noch keine Macht bekommen hat, brauchte darum noch nicht im Gegensatz zu ihm zu stehen, und die Aufgabe ist noch ungelöst, das Verhältnis der triebhaften Wiederholungsvorgänge zur Herrschaft des Lustprinzips zu bestimmen.

Wir haben es als eine der frühesten und wichtigsten Funktionen des seelischen Apparates erkannt, die anlangenden Triebregungen zu »binden«, den in ihnen herrschenden Primärvorgang durch den Sekundärvorgang zu ersetzen, ihre frei bewegliche Besetzungsenergie in vorwiegend ruhende (tonische) Besetzung umzuwandeln. Während dieser Umsetzung kann auf die Entwicklung von Unlust nicht Rücksicht genommen werden, allein das Lustprinzip wird dadurch nicht aufgehoben. Die Umsetzung geschieht vielmehr im Dienste des Lustprinzips; die Bindung ist ein vorbereitender Akt, der die Herrschaft des Lustprinzips einleitet und sichert.

Trennen wir Funktion und Tendenz schärfer voneinander, als wir es bisher getan haben. Das Lustprinzip ist dann eine Tendenz, welche im Dienste einer Funktion steht, der es zufällt, den seelischen Apparat überhaupt erregungslos zu machen, oder den Betrag der Erregung in ihm konstant oder möglichst niedrig zu erhalten. Wir können uns noch für keine dieser Fassungen sicher entscheiden,

[VII] VII

Se for *realmente* uma característica tão geral das pulsões querer restaurar um estado anterior, não devemos nos surpreender com o fato de que na vida anímica tantos processos se realizem independentemente do princípio de prazer. Essa característica seria compartilhada com cada pulsão parcial e nesse caso visaria alcançar novamente uma determinada etapa do caminho de desenvolvimento. Mas tudo aquilo sobre o que o princípio de prazer ainda não obteve nenhum poder não precisaria por isso estar em oposição a ele, e assim continua sem solução a tarefa de determinar a relação dos processos pulsionais de repetição com o domínio do princípio de prazer.

Reconhecemos que uma das funções mais precoces e importantes do aparelho psíquico era a de "ligar" as moções pulsionais que lhe chegam, substituir o processo primário nelas dominante pelo processo secundário e transformar sua energia de investimento livremente móvel em investimento predominantemente quiescente (tônico). Durante essa transposição pode não ter sido considerado o desenvolvimento do desprazer, mas nem por isso o princípio de prazer é anulado. A transposição acontece muito mais a serviço do princípio de prazer; a ligação é um ato preparatório, que introduz e assegura o domínio do princípio de prazer.

Separemos função e tendência uma da outra de maneira mais nítida do que o fizemos até agora. O princípio de prazer é então uma tendência que está a serviço de uma função à qual cabe tornar o aparelho anímico absolutamente isento de excitação ou de nele manter constante ou tão baixo quanto possível o montante de excitação. Ainda não podemos nos decidir com segurança por nenhuma

aber wir merken, daß die so bestimmte Funktion Anteil hätte an dem allgemeinsten Streben alles Lebenden, zur Ruhe der anorganischen Welt zurückzukehren. [*Der alles seelische Leben beherrschende Lusttrieb unterscheidet sich in diesem Charakter nicht von den anderen organischen Trieben, welche die somatische Erregung ans seelische heranzubringen*]. Wir haben alle erfahren, daß die größte uns erreichbare Lust, die des Sexualaktes, mit dem momentanen Erlöschen einer hochgesteigerten Erregung verbunden ist. Die Bindung der Triebregung wäre aber eine vorbereitende Funktion, welche die Erregung für ihre endgültige Erledigung in der Abfuhrlust zu richten soll.

Aus demselben Zusammenhang erhebt sich die Frage, ob die Lust- und Unlustempfindungen von den gebundenen wie von den ungebundenen Erregungsvorgängen in gleicher Weise erzeugt werden können. Da erscheint es denn ganz unzweifelhaft, daß die ungebundenen, die Primärvorgänge weit intensivere Empfindungen nach beiden Richtungen ergeben als die gebundenen, die des Sekundärvorganges. Die Primärvorgänge sind auch die zeitlich früheren, zu Anfang des Seelenlebens gibt es keine anderen, und wir können schließen, wenn das Lustprinzip nicht schon bei ihnen in Wirksamkeit wäre, könnte es sich überhaupt für die späteren nicht herstellen. Wir kommen so zu dem im Grunde nicht einfachen Ergebnis, daß [*der Lusttrieb*] das Luststreben zu Anfang des seelischen Lebens sich weit intensiver äußert als späterhin, aber nicht so uneingeschränkt; es muß sich häufige Durchbrüche gefallen lassen. In reiferen Zeiten ist die Herrschaft des Lustprinzips sehr viel mehr gesichert, aber dieses selbst ist der Bändigung so wenig entgangen wie die anderen Triebe überhaupt. Jedenfalls muß das, was am Erregungsvorgange die Empfindungen von Lust und Unlust entstehen läßt,

dessas versões, mas percebemos que a função assim definida teria participação no empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso do mundo inorgânico. [*A pulsão de prazer que domina toda a vida anímica não se distinguiria, no que diz respeito a essa característica, das outras pulsões orgânicas, que levam a excitação somática ao anímico.*] Todos nós sabemos por experiência que o maior prazer acessível a nós, o do ato sexual, está conectado com a extinção momentânea de uma excitação elevada intensamente. Contudo, a ligação da moção pulsional seria uma função preparatória que deve dispor a excitação para a sua liquidação definitiva no prazer de descarga.

Desse mesmo contexto surge a questão de saber se as sensações de prazer e desprazer podem ser produzidas da mesma maneira, tanto pelos processos de excitação ligados quanto pelos não ligados. Pois parece inteiramente fora de dúvida que os não ligados, os processos primários, produzem, em ambas as direções, sensações muito mais intensas que os ligados, aqueles do processo secundário. Além disso, os processos primários são temporalmente anteriores; no início da vida anímica não há outros, e podemos concluir que se o princípio de prazer já não estivesse em ação neles, ele não poderia absolutamente instaurar-se nos posteriores. Assim, chegamos ao resultado, que no fundo não é simples, de que [*a pulsão de prazer*] o anseio por prazer manifesta-se, no início da vida anímica, muito mais intensamente do que mais tarde, mas não tão irrestritamente; ele tem, necessariamente, de passar por interrupções frequentes. Em tempos mais maduros, o domínio do princípio de prazer é muito mais assegurado, mas ele próprio escapou tão pouco da domesticação quanto as outras pulsões em geral. Em todo caso, aquilo que no processo de excitação faz surgirem as sensações de prazer e desprazer tem, necessariamente,

beim Sekundärvorgang ebenso vorhanden sein wie beim Primärvorgang. *[Vielleicht sind die sogenannten Spannungsempfindungen, die uns das Bewußtsein neben den Lust-Unlustempfindungen von innen her vermittelt, eher auf die gebundenen, die direkten Lust-Unlustempfindungen aber auf die ungebundenen und auf die Abfuhrvorgänge zu beziehen. Vielleicht wird das Vorkommen von lustvoller wie unlustvoller Spannung durch diese Zuteilung unserem Verständnis näher gebracht.]*

Ich halte es für überflüssig die Zaghaftigkeit wie die Unsicherheit dieser Spekulationen entschuldigen zu wollen. Wer das Tatsächliche hinter ihnen herausgreifen will, der möge die Erscheinungen des Wiederholungszwanges seiner Aufmerksamkeit würdigen. [Mit dieser Auffassung konkurriert aber eine andere, welche die Empfindungen von Spannung auf die absolute Größe und auf das Niveau der Energiebesetzung, Lust und Unlust dagegen auf die Änderung dieser Größe in der Zeiteinheit beziehen möchte. Die beiden Möglichkeiten sind nicht unvereinbar miteinander und ...]

Hier wäre die Stelle, mit weiteren Studien einzusetzen. Unser Bewußtsein vermittelt uns von innen her nicht nur die Empfindungen von Lust und Unlust, sondern auch von einer eigentümlichen Spannung, die selbst wieder eine lustvolle oder unlustvolle sein kann. Sind es nun die gebundenen und die ungebundenen Energievorgänge, die wir mittels dieser Empfindung von einander unterscheiden sollen, oder ist die Spannungsempfindung auf die absolute Größe, eventuell das Niveau der Besetzung zu beziehen, während die Lust-Unlustreihe auf die Änderung der Besetzungsgröße in der Zeiteinheit hindeutet? Es muß uns auch auffallen, daß die Lebenstrieb so viel mehr mit unserer inneren Wahrnehmung zu tun

de estar presente da mesma maneira tanto no processo secundário quanto no processo primário. *[Talvez as assim chamadas sensações de tensão que a consciência nos transmite a partir de dentro, junto com as sensações de prazer-desprazer, devam antes ser relacionadas aos processos ligados de descarga, ao passo que as sensações diretas de prazer-desprazer devem ser relacionadas aos processos não ligados de descarga. Talvez o surgimento de tensão prazerosa, bem como de desprazerosa, aproxime-se mais de nossa compreensão através dessa distribuição.]*

Considero supérfluo querer justificar a hesitação, bem como a insegurança desta especulação. Aquele que quiser arrancar o que há de fato por trás delas deve submeter os fenômenos da compulsão à repetição à sua atenção. [Mas com essa versão concorre outra, que relaciona as sensações de tensão à grandeza absoluta e ao nível do investimento de energia e, por outro lado, relaciona prazer e desprazer à alteração dessa grandeza na unidade de tempo. As duas possibilidades não são inconciliáveis entre si e...]

Aqui seria o lugar para iniciar outros estudos. Nossa consciência nos transmite, desde o interior, não apenas as sensações de prazer e de desprazer, mas também as de uma tensão peculiar que, por sua vez, pode ser também prazerosa ou desprazerosa. Agora, será que são os processos de energia ligada e os de energia não ligada que devemos diferenciar uns dos outros por meio dessas sensações, ou é a sensação de tensão que deve estar referida à quantidade absoluta, eventualmente ao nível do investimento, enquanto a série prazer-desprazer indicaria a alteração da quantidade do investimento na unidade de tempo?⁶² O que também tem, necessariamente, de nos chamar a atenção é que as pulsações de vida têm muito mais a ver com nossa percepção

haben, da sie als Störenfriede auftreten, unausgesetzt Spannungen mit sich bringen, deren Erledigung als Lust empfunden wird, während die Todestrieb ihre Arbeit unauffällig zu leisten scheinen. Das Lustprinzip scheint geradezu im Dienste der Todestrieb zu stehen; es wacht allerdings auch über die Reize von außen, die von beiderlei Triebarten als Gefahren eingeschätzt werden, aber ganz besonders über die Reizsteigerungen von innen her, die eine Erschwerung der Lebensaufgabe erzielen. Hieran knüpfen sich ungezählte andere Fragen, deren Beantwortung jetzt nicht möglich ist. Man muß geduldig sein und auf weitere Mittel und Anlässe zur Forschung warten. Auch bereit bleiben, einen Weg wieder zu verlassen, den man eine Weile verfolgt hat, wenn er zu nichts Gutem zu führen scheint. Nur solche Gläubige, die von der Wissenschaft einen Ersatz für den aufgegebenen Katechismus fordern, werden dem Forscher die Fortbildung oder selbst die Umbildung seiner Ansichten verübeln dürfen. Im übrigen mag uns ein Dichter (Rückert in den Makamen des Hariri) über die langsamen Fortschritte unserer wissenschaftlichen Erkenntnis trösten:

»Was man nicht erfliegen kann, muß man er-
hinken.

.....

Die Schrift sagt, es ist keine Sünde zu hinken.«

interna, pois elas se apresentam perturbando a paz; continuamente trazem consigo tensões, cuja liquidação é sentida como prazer, enquanto as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho discretamente. O princípio de prazer parece estar de fato a serviço das pulsões de morte; contudo, ele vigia também os estímulos externos, que são avaliados como perigos pelas duas espécies de pulsão, mas ele vigia particularmente os aumentos de estímulos vindos de dentro, que visam dificultar a tarefa de viver. A isso se juntam inúmeras outras questões, às quais agora não é possível responder. Temos de ser pacientes e esperar por outros meios e ocasiões para a investigação. E também devemos permanecer preparados para abandonar novamente um caminho que perseguimos por algum tempo, se parecer que ele não nos leva a nada de bom. Só aqueles crédulos que exigem da ciência um substituto para o catecismo abandonado levarão a mal o pesquisador por desenvolver ou por até mesmo reformular seus pontos de vista. De resto, deixemo-nos consolar por um poeta (Rückert, nos Macamas de Hariri)⁶³ quanto aos lentos avanços de nosso conhecimento científico:

“O que não podemos alcançar voando, precisamos
alcançar mancando.

.....

A Escritura diz: mancar não é pecado”.⁶⁴